

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# A Pata da Gazela

José de Alencar

Ilustrações:

Eduardo Schloesser



*Clássicos da  
Literatura Brasileira*

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# A Pata da Gazela

José de Alencar

# A Pata da Gazela

José de Alencar

## Ilustrações

Eduardo Schloesser

## Editoras

Isabela Nóbrega

Márcia Regina Silva

## Leitura, adaptação e revisão

Malthus de Queiroz

## Direção de arte

Elto Koltz

## Diagramação

Deborah Lobo

## Coordenação Editorial



## Direitos Reservados à

**Editora Prazer de Ler Ltda.**

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Edição 2012

## Impresso no Brasil

Q3p Queiroz, Malthus, 1976-  
A pata da gazela / José de Alencar ; adaptação: Malthus  
Queiroz ; ilustrações: Eduardo Schloesser. – Recife : Prazer  
de Ler, 2012.

144p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1. FICÇÃO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO. I.

Alencar, José de, 1829-1877. II. Schloesser, Eduardo, 1962-.

III. Título. IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

PeR – BPE 12-030

CDU 869.0(81)-93

CDD 808.899 282

ISBN: 978-85-65284-77-6

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram  
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

# A Pata da Gazela



# Capítulo I

Uma linda carruagem, puxada por belos cavalos, estava parada na Rua da Quitanda, próximo à da **Assembleia**. Dentro havia duas moças; uma delas, alta e graciosa, tinha uma presença encantadora; a outra, de pequena estatura, de figura muito delicada, era talvez mais linda que sua companheira.

Ambas estavam elegantemente vestidas e conversavam a respeito das compras que já tinham realizado ou das que ainda pretendiam fazer.

— Daqui vamos aonde?, perguntou a mais baixa, vestida de roxo-claro.

— Ao escritório de papai: talvez ele queira vir conosco. Na volta, passaremos pela Rua do Ouvidor, respondeu a mais alta, que tinha a figura desenhada por um roupão cinzento. A de vestido roxo inclinou-se para olhar para fora, no sentido contrário àquele em que seguia o carro, enquanto a de roupão, encostando-se nas almofadas, consultava uma carteirinha de lembranças, onde naturalmente tinha escrito a nota de suas compras.

— O criado ficou de vez!, disse a de vestido roxo com um movimento de impaciência.

— É verdade!, respondeu distraidamente a companheira. Estas palavras confirmavam o que, aliás, indicava o simples

A Pata da Gazela

aspecto da carruagem: as senhoras estavam à espera do criado, mandado a algum ponto próximo. A impaciência da moça de vestido roxo era compartilhada pelos inquietos cavalos, que dificilmente um cocheiro experiente conseguia conter.

Depois de alguns momentos de espera, moveu-se repentinamente a de roupão cinzento, e, aconchegando-se mais às almofadas, como para se ocultar no fundo da carruagem, murmurou:

— Laura!... Laura!...

E, como sua amiga não a ouviu, puxou-lhe pela manga.

— O que é, Amélia?

— Não estás vendo? Aquele moço que está ali nos olhando.

— E o que tem isto?, disse Laura sorrindo.

— Não gosto!, continuou Amélia com um movimento de contrariedade. Há quanto tempo está ali e sem tirar os olhos de mim?

— Dê-lhe as costas!

— Vamos para frente.

— Como quiser.

Avisado o cocheiro, avançou alguns passos, evitando que o curioso visse o interior do carro; mas o jovem não desanimou e, passando de uma porta a outra, ficou em posição conveniente para contemplar a moça com admiração apaixonada.

Simples na maneira de vestir e pouco favorecido a respeito de beleza, as qualidades naturais que proporcionavam alguma atenção para esse moço eram uma vasta frente meditativa e os grandes olhos pardos, cheios do brilho profundo e brilhante que, naquele momento, dirigiam-se a Amélia.

Há minutos, percorrendo a Rua da Quitanda em sentido oposto à direção do carro, tinha avistado a moça encostada nas almofadas e sentira boa impressão de seu aspecto. Sem disfarce ou timidez, encostando-se à porta de escritório, ficou naquela ardente contemplação.

O coração é um solo onde brotam as paixões, e, como os outros campos da natureza, ele tem suas estações, suas partes de secura ou de seiva, de improdutividade ou de fartura.

Depois dos grandes temporais e chuvas, os calores do sol produzem na terra uma fermentação, que forma o húmus; a semente, caindo aí, brota com rapidez. Depois das grandes dores e lágrimas, forma-se também no coração do homem um húmus poderoso, uma riqueza de sentimento que precisa se



expandir. Então um olhar, um sorriso, é semente de paixão e germina com grande força.

O moço parecia estar nessas condições: vestia luto pesado, não somente nas roupas negras, mas também na cor sem brilho das faces e na mágoa que escurecia seu semblante. Amélia, notando a insistência do jovem, ficou contrariada. Aquele olhar profundo, que parecia um fogo disfarçado, fazia surgir nela uma aflição íntima. Agitava-se impaciente, como uma criatura no meio de um sono inquieto ou mesmo de um pesadelo.

Até que abriu o chapéu de sol para evitar a contemplação apaixonada. Nesta ocasião, Laura, que frequentemente se inclinava para ver quando vinha o criado, recuou o corpo:

— Finalmente, aí vem ele!

— Felizmente!, disse Amélia.

O criado se aproximava com passos lentos; trazia na mão um embrulho de papel azul, rasgado pelo atrito dos dedos e a movimentação dos objetos, obrigando-o a apertá-lo de vez em quando.

Após alguns instantes, julgando que o criado já estava na carruagem, Amélia, num tom imperativo, disse para o cocheiro:

— Vamos! Vamos!

O criado correu, chegando a tempo de apanhar o carro, que partia ao ritmo dos passos largos dos cavalos. Colocar o embrulho na caixa da carruagem, contorná-la em dois saltos e pular para o assento foi, para o criado, acostumado a essa manobra, negócio de um instante. Ele não percebeu, porém, que, abrindo-se o papel com a corrida, um dos objetos contidos nele tinha escorregado e caído na calçada justamente na ocasião de colocar o embrulho na caixa do carro.

Laura, que se inclinara com interesse para pegar o embrulho das mãos do criado, tivera um pressentimento do acidente, ao ver o papel desenrolado. Fechando-o rapidamente e escondendo-o por baixo do assento da carruagem, ela se inclinou para verificar se realmente alguma coisa havia caído. Ao mesmo tempo, acompanhava o movimento com palavras de aborrecimento:

— Como ele faz isto! Por mais que se recomende!

Laura não viu nada, porque a carruagem já rodava ligeiramente sobre os paralelepípedos.

Nesse momento, porém, dobrando a Rua da Assembleia,



aproximou-se um moço elegante não só no gosto de vestir, como na graciosidade de sua pessoa: era sem dúvida um dos príncipes da moda, um legítimo leão da Rua do Ouvidor; que, pela sua aparência, não tinha roubado o título.

O jovem viu por acaso o criado quando este passara correndo por ele e percebeu que um objeto caíra do embrulho. Naturalmente não se abaixaria para apanhá-lo, nem mesmo lançaria um olhar, se não visse aparecer ao lado da carruagem o rosto de uma senhora, que o aspecto do carro indicava pertencer à melhor sociedade.

Então se apressou, para ter ocasião de fazer uma gentileza e conhecer a senhora, que lhe parecera bonita. Os leões são apaixonadíssimos por tais encontros; acham neles um evento que destrói a monotonia das relações habituais.

Quando o moço se ergueu com o objeto na mão, o carro já dobrava a Rua Sete de Setembro. Ele ficou um momento indeciso, olhando em torno, como se esperasse alguma informação a respeito da pessoa a quem pertencia o carro. Sem dúvida a senhora era conhecida em alguma loja de fazendas; talvez tivesse feito compras lá.

Não obtendo, porém, informações, nem resultado da pergunta que fizera a um comerciante próximo, resolveu meter o objeto no bolso e seguir seu caminho.



## Capítulo II

Horácio de Almeida, o nosso leão, voltou a sua casa na hora de costume, quatro da tarde.

Os sucessivos encontros da Rua do Ouvidor; as conversas com amigos; a visita indispensável ao alfaiate; as piadas do bar na noite anterior; a crônica anacreônica<sup>1</sup> do Rio de Janeiro, sarcasticamente comentada; algumas rajadas de malícia, que é a pimenta social; todas essas ocupações importantes, que absorvem a vida do leão, distraíram Horácio a ponto de ele esquecer o objeto guardado no bolso do paletó.

Como admitir que um príncipe da moda não aproveitasse a aventura do carro para criar um romance de rua, que despertasse a curiosidade dos amigos? Realmente é admirável; e seria incompreensível se não fosse o fato de ter encontrado, poucos passos adiante, uma das mais ricas herdeiras do Brasil, a quem o nosso leão arrastava... ia dizer a asa, mas isso seria fora de moda; dizia-se isso no tempo em que os leões se chamavam galos; hoje deve-se dizer *arrastar a juba*; é mais bonito e indica mais submissão. Arrastar *a asa* é ser pretensioso; *arrastar a juba* é curvar-se.

<sup>1</sup> Referência ao estilo de Anacreonte, poeta lírico da Grécia antiga que celebrou, em versos, o amor, o vinho e os prazeres da mesa.

## A Pata da Gazela

Foi só quando descansava para o jantar, deitado em seu sofá, que Horácio, procurando a carteira de charutos no bolso do fraque<sup>2</sup>, lembrou-se do objeto. Teve então curiosidade de examiná-lo; sabia o que era; quando o apanhou reconheceu o pé de um calçado de senhora; mas não tinha reparado tanto assim.

Agora, porém, que o tinha de novo diante dos olhos, a sós em seu aposento e despreocupado da ideia de devolvê-lo, Horácio achou o objeto digno de atenção; e, aproximando-se da janela, começou um exame cuidadoso.

Era uma bota, mas que bota! Uma perfeição de pelica<sup>3</sup> e seda, a concha delicada de uma pérola, irmã do lindo chapim<sup>4</sup> de ouro da Cinderela; em uma palavra, o calçado concebido com graça, sob a inspiração de algum artista desconhecido, de algum poeta de ceiró e torquês<sup>5</sup>.

Não era, porém, a perfeição da obra, nem mesmo a enorme delicadeza da forma, o que seduzia o nosso leão; eram principalmente os desenhos suaves, as ondulações deliciosas que tinham deixado na pelica os contornos do pezinho desconhecido. O calçado fora usado, e muitas vezes. Embora a sua cor bronzeada estivesse ainda bem conservada, o desgaste da sola indicava bastante uso.

Se fosse um calçado novo, saído da loja, não teria grande valor aos olhos do nosso leão, habituado não só a ver, como a calçar, obras-primas de sapateiros famosos. Talvez reparando muito naquela peça que tinha nas mãos, notasse maior elegância no corte e um cuidado na execução; porém, mais natural seria não notar esse mínimo detalhe.

Mas o calçado achado já não era um artigo de loja, e sim o objeto de alguma beleza, o companheiro de uma moça bonita, de quem ainda guardava a impressão e o perfume. O calçado mostrava o relevo do pezinho. Na sola se desenhava a curva graciosa do pé, que só nas extremidades beijava o chão, como

---

<sup>2</sup> Traje masculino.

<sup>3</sup> Tecido de couro fino de animal para confecção de luvas, sapatos e outros acessórios.

<sup>4</sup> Calçado feminino de sola grossa, de madeira, cortiça etc., usado para realçar a estatura das mulheres.

<sup>5</sup> Ceiró e torquês são ferramentas. Um poeta de ceiró e torquês sugere um fabricante habilidoso e com grande talento artístico.

o espírito do vento que toca a superfície do lago com a ponta das asas.

Há um aroma, que só tem uma flor na terra, o aroma da mulher bonita: cheiro sensual que é emitido ao mesmo tempo do corpo e da alma; perfume que penetra no coração como o amor em forma de vapor. A botinha estava cheia desse aroma delicioso; o delicado cano alto de seda, que se elevava como as pétalas de um lírio, derramava, como a flor, ondas suaves.

O jovem colocara longe de si o charuto para não fazer desaparecer com o fumo os sopros daquele cheiro suave. Não havia aí o menor sinal de essência artificial preparada pela arte do perfumista; era o puro perfume de uma pele acetinada, esse hálito de saúde que transpira através da fina e macia epiderme e através das pétalas de uma rosa.

De repente uma **ideia** passou pelo espírito do moço, que o fez estremecer. Esse calçado gracioso, em que mal caberia sua mão aristocrática, essa bota mais delicada do que sua luva de pelica não podia ter um número maior do que o de seus anos, vinte e nove!

“Será de uma menina!”, murmurou ele um pouco desconsolado.

Examinou novamente a obra-prima, girou-a de todos os lados, examinou o salto e o bico, dobrou-a, olhou o interior, que servira de repouso ao feiticeiro pezinho. Depois de alguns instantes deste exame profundo e minucioso, um sorriso expandiu o semblante de Horácio.

“É de moça, é de mulher!”, murmurou ele. “Aqui estão os sinais evidentes; não podem falhar. A fábula de Édipo é uma verdade eterna: no enigma da esfinge está realmente o mito da vida<sup>6</sup>. O homem é o animal que de manhã anda sobre quatro pés; ao meio-dia, sobre dois; à tarde, sobre três. Na infância, a criatura, como a planta, conserva-se rasteira, brota, germina, mas aconchega-se mais ao solo, de que recebe toda a nutrição; as mãos servem de pés. Depois da juventude, na época de crescer, a criatura se lança para o espaço: é a árvore que sobe e procura as nuvens; a planta pede ao céu os orvalhos e a luz do sol; a alma pede a crença, a fé, a esperança, de que se geram as flores, que nós chamamos paixões. Na velhice, o homem se inclina de novo para a terra, como o tronco roído; é o pó, que,

---

<sup>6</sup>Referência à fábula de Édipo-rei, clássico da Grécia antiga.

A Pata da Gazela

depois de voar no espaço, deposita-se outra vez no chão. Então o velho precisa do cajado; uma das mãos torna-se pé e calça esse coturno da mais triste das tragédias humanas, o estado final da velhice.”

Horácio observou de novo atentamente o objeto que tinha entre as mãos.

“A menina de quinze anos já não é o animal de quatro patas; não está mais no começo da vida, na infância; também ainda não chegou ao meio-dia do qual se aproxima. Contudo, seu andar conserva ainda aquela atração para a terra; é pesado; firma-se no chão com força; tem o quer que seja de movimento, que revela os impulsos da alma para se desprender do pó e se elevar; lembra o balanço do navio, que ora se levanta, ora submerge. Se este calçado fosse de uma menina, estariam impressos aqui esses caracteres de sua idade. A sola, em vez de levemente triturada nas extremidades, estaria estragada; o salto entortado. É uma observação que todo sapateiro confirmaria: o menino gasta o calçado pela sola, o homem pelo couro; o sapateiro ignora a razão disso, mas o filósofo a conhece: o menino é o inseto que rasteja, a larva; o homem é o inseto que voa, o besouro; aquele anda com a barriga, este com a asa.”

Horácio sorriu.

“Esta bota é de moça; e moça no auge da juventude: a sola foi tocada apenas junto à ponta, o salto quase novo não está descrevendo a sutileza do passo ligeiro? Eu sinto, posso dizer, eu vejo esse andar charmoso, que sugere a deusa, a Vênus deste Olimpo em que vivemos, a mulher. Só quando toda a seiva se dirige ao coração, quando germinam os botões que mais tarde se abrirão em flor, só nesse momento é que a mulher tem este andar sublime e soberano. É o andar do passarinho que, tocando de leve a flor, sente o impulso das asas; é o andar do sol nascente, caminhando para brilhar mais forte; é o andar do anjo que, mesmo tocando a terra, parece prestes a fugir ao céu; é, finalmente, a alma que deseja de Deus os perfumes do amor, único ambiente do coração!”

Nisto, o moço descobriu na fivela do laço do calçado alguma coisa que lhe chamou a atenção; chegando-se à luz, viu as voltas de um fio, preso entre as brancas unhas afiadas, verdadeiras garras de leão da moda. Com paciência retirou um longo cabelo castanho e muito crespo.



“Outra prova de que, aliás, não precisava! Este cabelo é de mulher; não há menina que tenha um cabelo deste. Quatro palmos, além do que se partiu naturalmente! Bem se vê que é uma palmeira frondosa, e não um arbusto! Tem o cabelo castanho e crespo, duas coisas lindas, sem dúvida, embora minha paixão seja a trança pequena e lisa, negra como uma asa de corvo. Esse negrume dá à mulher algo de satânico: lembra que ela também foi gerada da terra; não é anjo somente; não é somente filha do céu. Eu não posso suportar a mulher-serafim, que parece ter desprezo pelo mundo onde vive e do pó de que é feita.”

Horácio voltou à botinha.

“Mas, embora seja castanha, ou mesmo loura, que é uma cor sem graça de cabelo, que me importa isto? Tenho alguma coisa com seu cabelo? O que amo nela é o pé: este pé gracioso, este pé de anjo, que me fascina, que me apaixona, que me enlouquece!...”

Horácio, que até então se contentava em olhar e apalpar a bota, inclinou-se e beijou-a, de maneira tímida e respeitosa. Não era essa a imagem do pé sedutor, que ele adorava como um ídolo? “Mas onde encontrá-lo? Como reconhecê-lo?”, exclamou com dor Horácio, sentindo a realidade da situação.

Não havia nenhum indício que lhe revelasse o nome da mulher a quem pertencia esse calçado ou lhe indicasse ao menos os caminhos de sua passagem. A lembrança vaga da farda de um criado era o único vestígio que restava; mas com este sinal dificilmente poderia descobrir o objeto de sua adoração. Há tantos criados no Rio de Janeiro e tantas fardas que se confundem! Talvez nunca mais encontrasse aquele que procurava; e, encontrando, talvez nem o reconhecesse.

“Desgraçado!”, dizia o leão. “Quase nem o olhaste; mas podias adivinhar, Horácio, que tesouro aquele idiota tinha deixado cair?”

O jovem inclinara sua bela cabeça esmorecida na direção do peito; a felicidade tinha lhe sorriso de longe, para depois zombar dele, o leão mais querido das belezas fluminenses.

De repente ergueu-se:

“Tenho que possuí-lo!...”, ele exclamou com o tom com decidido.



## Capítulo III

Ninguém imagina que belos talentos destrói essa fúria do mundo, que chamam a vida elegante. São como as árvores que se vestem de linda folhagem e consomem toda a seiva nessa vaidade inútil e passageira. Nunca dão fruto, nem sequer flor.

Horácio de Almeida era uma das tantas inteligências desperdiçadas no tumulto constante da moda.

Muitos poetas, dos que têm seu nome estampado em rosto de livro, não empregaram nos seus versos o estilo, a inspiração e a graça com que o nosso leão dizia no baile uma cantada ou trabalhava um poema.

Alguns pintores festejados não sabem o segredo dos toques delicados e do supremo gosto que Horácio imprimia no laço de sua gravata, em suas maneiras requintadas, nos mínimos detalhes de sua roupa apurada.

E a fisiologia?

Poucos homens conheciam como Horácio o coração da mulher; porque poucos o estudaram com tanta dedicação. O mais sábio professor ficaria impressionado com a lucidez admirável com que o leão costumava ler, nesse caos da paixão, o que a anatomia chamou coração de mulher.

A razão é simples. O professor estudou no gabinete; consultou as obras dos mestres, reuniu observações de outros e

organizou um sistema do qual não conhece na prática: a paixão, cuja essência é o imprevisto, o estranho, o indefinível.

Horácio, ao contrário, tinha estudado na realidade da vida; conhecera por completo os segredos do corpo, sentira suas pulsações e fizera experiências na pele. Não cansou sua memória com a inútil bagagem dos termos técnicos e das noções científicas: lia os códigos do amor com a linguagem dedicada do homem da moda.

A esperteza do olhar, a profundidade da investigação e a certeza de observação com que o nosso leão sondava o abismo do coração e rastreava no semblante da mulher os vagos sintomas de um interesse que surge, ou de um sentimento que morre, eram tão altos conhecimentos que só os grandes médicos possuíam.

Assim Almeida gastava a mocidade, exibindo seu belo talento pelas salas e nas reuniões, deixando as riquezas de sua elevada inteligência nas futilidades de um lazer que exigia muito esforço, como é o fazer de um leão.

Consumir o tempo não percebendo sua passagem; livrar-se do peso das horas sem ocupação; existe nada mais difícil para o homem que ignora o trabalho?

Se Almeida poupasse, desse tempo tão desperdiçado, alguns momentos no dia para dedicar-se a um fim sério e útil, à ciência, à literatura, à arte, que belos triunfos não obteria sua rica imaginação servida por um espírito iluminado?

Mas o nosso leão tinha **ideias** diferentes a este respeito.

“A política”, ele dizia, “quando não é um raciocínio vazio, é uma mistificação. A ciência torna-se uma terra em que o sábio trabalha para o ignorante. Literatura e arte são plágios; quem pode fazer poesia e romance ao vivo não se dá ao trabalho de reproduzi-los; e quem admira os modelos animados e palpitantes não contempla estátuas”.

Com essas **ideias**, Horácio não achava emprego mais digno para a inteligência do que a difícil ciência de consumir gradualmente a vida e atravessar sem chatice e sem reflexão por este vale de lágrimas, em que todos nós andamos.

A mulher era para ele a obra suprema, o verbo da criação. Toda a religião, como toda a felicidade; toda a ciência, como toda a poesia, Deus tinha colocado nesse misto incompreensível de sublime e indecente, de celeste e satânico: mistura de

luz e cinzas, de lodo e mel.

“Amar é adorar a Deus no seu altar mais santo, a mulher. Amar é estudar a lei da criação em seu mais profundo mistério, a mulher. Amar é admirar o belo em sua mais esplêndida revelação; é fazer poemas e estátuas como nunca as realizou o gênio humano.”

Mas o que Horácio sentia era apenas o culto da forma, o fanatismo do prazer.

O amor, o verdadeiro amor, é a possessão mútua de duas almas; e essa, o homem pode iludir-se algumas vezes, mas, quando se realiza, não se desfaz. Nada que tenha ligação com sua origem divina separa duas almas gêmeas.

O jovem admirava na mulher apenas a beleza: artista, ele procurava um modelo. Durante dez anos atravessara os salões, como uma galeria de estátuas animadas e vivos painéis, parando sempre diante dessas obras-primas da natureza.

Vieram uns após outros, todos os tipos: a beleza das regiões quentes, ou a suavidade da rosa das montanhas; o moreno sensual ou a brancura da pedra preciosa; a face soberana e altiva ou o gesto gracioso e meigo; o porte imponente e elegante ou as figuras altas e flexíveis.

Seu gosto foi se apurando; e no fim de algum tempo tornou-se difícil. A beleza comum já não o satisfazia; era preciso a obra-prima para lhe chamar a atenção e comovê-lo.

Mas os sentidos se gastam; as mesmas maravilhas da beleza se tornaram repetitivas. O leão já não sentia aqueles entusiasmos ardentes da juventude pelas mais belas mulheres. Seu olhar era frio e reprovador como o de um crítico.

Então o moço começou a amar, ou, antes, a admirar, a mulher em detalhe. Sua alma insensível precisava de algo que despertasse novamente seu gosto. Era uma boca bonita no começo, cofre de pérolas, de sorrisos, de beijos. Veio depois uma trança densa e negra, como a tempestade que se forma. Uma cintura delicada, um colo, um movimento sedutor, um sinal da face, um gesto especial, um não sei quê: tudo recebeu culto do nosso leão.

Como um convidado que não se empolga com os itens de um banquete, sua alma desdenhava desses petiscos na sala.

Mas afinal perdeu a sensibilidade; e o prazer foi para ele apenas uma satisfação habitual.

O moço paquerava as senhoras como uma ocupação indispensável à sua vida, como o desempenho da tarefa diária; mas sem a menor emoção.

Amar era um entretenimento do espírito, como passear a cavalo, **frequentar** o teatro, jogar uma partida de bilhar.

O amor já não tinha novidades nem segredos para ele, que o aproveitara de todas as formas; na comédia e no drama; no idílio<sup>7</sup> e na ode<sup>8</sup>. Como Richelieu, diziam até que ele já o havia calcado com o tacão da bota<sup>9</sup>.

Nestas circunstâncias se compreende a impressão profunda que a delicada bota, achada naquela manhã, produzia nele.

Almeida tinha admirado a mulher em todos os tipos e em todos os seus encantos; mas nunca a tinha amado sob a forma sedutora de um pezinho elegante. Era realmente para surpreender.

Como passara despercebido a ele, que julgava ter esgotado todas as emoções do amor, esse atributo mágico da mulher?

Sucedeu, como era natural, que, uma vez reunidas as energias dessa alma incomodada por longo abatimento, a reação foi violenta. A imaginação se inflamou e especialmente com o toque do mistério que trazia a aventura. Se o dono do calçado, o sonhado pezinho, se mostrasse desde logo, não produziria o mesmo efeito; não teria o sabor do *desconhecido*, que é irmão do *proibido*.

Imagine, quem conhecer o coração humano, a intensidade dessa paixão, alimentada pelo tédio do passado e por uma imaginação desocupada. De que loucuras não é capaz o homem que foi enganado por sua fantasia?

A imaginação de Horácio contemplando o calçado — verdadeiras infantilidades de homem feito — revelava bem a agitação da sua existência, desvinculada do verdadeiro amor e gasta pelo prazer.

Não riam, homens sérios, não zombem de semelhantes pensamentos; eles são o delírio da febre de materialismo que ataca o século.

---

<sup>7</sup>Poema lírico com tema de natureza.

<sup>8</sup>Poema lírico de tom alegre, original da Grécia antiga, destinado ao canto e com temática livre.

<sup>9</sup>Dominava completamente a arte do amor (o amor sob o tacão das botas).

Essa paixão de Horácio, o que é a não ser uma aberração da alma, dedicada ao culto da matéria? A fome insaciável do desejo vai criando essas monstruosidades incompreensíveis. Acontece a esta embriaguez do amor o mesmo que à embriaguez do álcool. No começo, basta-lhe o vinho fino e aristocrático; depois precisa da aguardente; e, por fim, já não a satisfaz a ingestão de gengibre em rum, isto é, a lava de um vulcão preparada como se fosse uma bebida inocente.





## Capítulo IV

Leopoldo de Castro entrava na modesta habitação que então ocupava na Glória ao mesmo tempo que o nosso leão.

Quando lhe fugira a visão celeste, o jovem foi seguindo com o passo e com os olhos o carro que levava sua alma presa àquele rosto encantador. O passo era rápido, e o olhar ardente; um ansiava por chegar; o outro queria atrair pela força da paixão, pelo ímã das centelhas magnéticas que desferia a alma.

Fosse uma ilusão dos sentidos perturbados pela emoção interior ou uma breve e confusa percepção da realidade, o moço julgou ver, no momento do dobrar o carro pela Rua Sete de Setembro, uma figura esbelta inclinar-se para frente e aparecer de relance um rosto branco, do qual se escapou um olhar vivo e rápido.

Leopoldo não tinha a intenção de alcançar, nem mesmo seguir, o carro que fugia com velocidade; mas a esperança de que um obstáculo qualquer impedisse por instantes o livre trânsito e lhe permitisse contemplar a moça outra vez o animava. Se, porém, isso não acontecesse, consolava-o a **ideia** de conhecer a direção que tomaria a linda carruagem.

“Se eu soubesse ao menos para que lado ela mora!... Esse ponto seria o meu horizonte, o meu céu. Eu me voltaria para ali quando adorasse a Deus e quando conversasse com ela.

A Pata da Gazela

Amaria as estrelas, as nuvens e até as tempestades desse ponto do firmamento; amaria as ruas, as calçadas e até a poeira desse subúrbio da cidade.”

O jovem vagou assim durante duas horas, percorrendo as ruas sem destino. Não era tanto a esperança de ver a moça, ou somente o carro, como também a necessidade de ocupar seu espírito, o que o colocava nessa perseguição de uma sombra.

“Eu irei vê-la novamente”, pensava ele consigo; “e ela vai me amar, tenho certeza. O amor é um magnetismo; eu acredito que o magnetismo se resume nele; que a lei da atração não é nada além da lei da simpatia; os polos são a cabeça e o coração, tanto na terra como no homem. Se ela for a mesma que eu vi com os olhos de minha alma, a mesma que se revelou à minha paixão, aquela a quem devo me unir eternamente para formar um ser mais perfeito, eu caminharei para ela, como ela para mim, impulsionado por uma força misteriosa, por mútuo desejo”.

Com o ânimo repousado nessa convicção que nele se deramara, Leopoldo entrou em casa. Lá o esperava o isolamento em que se ia escoando sua vida, depois da perda de uma irmã a quem adorava.

Nessa irmã ele tinha resumido todos os afetos da família, de repente afastada da sua ternura; o amor filial, que não tivera tempo de se expandir, a amizade de um irmão, seu companheiro de infância, todos esses sentimentos cortados cedo, ele os transportara para aquele ente querido, que era a imagem de sua mãe.

Essa perda deixara um vazio imenso no coração de Leopoldo. No princípio, a dor o preencheria; depois, a saudade e agora essa mesma terna saudade sentia-se desamparada na profunda solidão daquele coração. O jovem precisava de uma afeição para povoar esse deserto de sua alma, de uma voz que repercutisse nesse silêncio macabro. É tão doce partilhar sua melancolia, ou seu prazer, com um amigo ou uma esposa. São dois ombros para a cruz e dois peitos para a alegria; alivia-se o peso, mas duplica-se o gozo.

Ao cair da tarde, quando o pôr do sol já imprimia na cidade o véu pardo do anoitecer, Leopoldo, sentado à janela de peitoril de sua casa, fumava um charuto, com os olhos mergulhados no azul límpido do céu, onde brilhava a primeira



A Pata da Gazela

estrela. A seus pés estava a baía **tranquila** e serena como um lago, com a sua graciosa cintura de montanhas, caprichosamente recortadas.

O espírito do moço não se deixava iludir na perspectiva dessa encantadora natureza, sempre admirada e sempre nova. Ao contrário, abandonava-se todo às recordações de seu encontro pela manhã e aos encantos que lhe deixara a contemplação da linda moça. Passava e repassava em sua memória, como em uma análise, todas as circunstâncias mínimas deste grande e importante acontecimento, desde o momento da visão até o desaparecimento, por último, quando dobrou o canto da rua.

Achava nisso o mesmo prazer que um menino guloso experimenta em chupar novamente os favos já saboreados: neles ficou um raio de mel, que o lábio colhe desejoso. Para Leopoldo, esses raios de mel eram os olhares, os movimentos, os sorrisos da moça, revigorados pelo maior controle do espírito.

Houve uma ocasião em que o jovem quis representar em sua lembrança a imagem da moça; naturalmente começou perguntando à sua memória a respeito dos traços principais. Como era ela? Alta ou baixa, torneada ou magra, loura ou morena? Que cor tinham seus olhos?

A memória não satisfaz nenhuma dessas interrogações; porque não recebera a impressão particular de cada um dos traços da moça. Apesar disso, a aparição encantadora ressurgia dentro de sua alma; ele a revia tal como desenhara a seus olhos algumas horas antes. Era a imagem transparente de um sonho que tomara aparência graciosa de mulher.

“Não me lembro de seus traços, não posso me lembrar!... Eu a contemplei, como se contempla uma luz brilhante: vê-se a chama, o esplendor, e nem se repara no espectro que a chama envolve como uma roupagem. Ela é minha luz; não sei a cor e a forma que tem, mas sei que brilha, que me deslumbra; que inunda meu ser de uma aura celeste. Não poderia descrevê-la, como um poeta... Mas, que importa? Pois eu a sinto em mim; eu a possuo em meu coração?”

As pálpebras do jovem fecharam-se deixando à mostra apenas uma pequena abertura de olhar, que se concentrava nas alvas espirais da fumaça do charuto. Percebia-se que naquela névoa a sedutora imagem se desenhava à sua imaginação, diante da qual ele caía em contemplação de uma doçura encantadora.

“Quem sabe? Talvez ela não seja o que nos bailes se chama uma moça bonita; talvez não tenha as feições lindas e a figura elegante. Mas eu a amo!... O amor é sol do coração; imprime nele o brilho e a cor! Vênus, a deusa da formosura, surgindo da espuma das ondas, não é outra coisa senão o mito da mulher amada, surgindo dentre as puras ilusões do coração! O que eu admiro nela, o que me encanta, é sua beleza celeste; é o anjo que transparece através do corpo; é a alma pura e imaculada que é expressa de seus lábios em sorrisos, e a envolve como o brilho de uma estrela.”

Leopoldo já não estava só na existência; tinha, para acompanhá-lo na esperança, essa doce aparição, assim como tinha a memória querida de sua irmã para repartir a saudade. O coração aproximou as duas imagens; ligou-as por algum vínculo misterioso; e criou assim uma família ideal, em cujo seio viveu tanto para o futuro, como para o passado.

Nas horas do trabalho, o moço dedicava-se completamente às ocupações habituais e fechava sua alma para não deixar que as misérias do mundo profanassem o templo de sua adoração, o templo da esperança e da saudade. Fora dessas horas longas, trancava-se naquele asilo e vivia ali.

Alguns dias depois do encontro da Rua da Quitanda, o Castro, lendo distraidamente os jornais da manhã, deu com os olhos sobre os anúncios de espetáculo, coisa que desde muito tempo não existia para ele. Representava-se no Teatro Lírico a Lucia de Lammermoor, o mais sublime poema de melancolia que já se escreveu na língua dos anjos.

O jovem teve um desejo irresistível de ir naquela noite ao espetáculo, apesar de ainda estar de luto pesado. Não compreendia essa vontade de seu coração; atribuiu-o ao encanto das lembranças daquela música tão triste e também daquele amor tão querido, que os homens quiseram romper, mas a fatalidade uniu para sempre no túmulo. Ele ia se encher de tristeza; não havia, portanto, profanação de uma dor santa.

Eram perto de dez horas; cantava-se o final do segundo ato da ópera, e Leopoldo, sentado em uma cadeira, do lado direito, estava completamente absorvido no canto perfeito de Lagrange e Mirati. Um momento, porém, ergueu os olhos, e, movimentando-os lentamente, fitou um camarote de segunda ordem. Estremeceu; o olhar morno e sem brilho que se esca-

A Pata da Gazela

pava de sua pupila iluminou-se de fogos sombrios e ardentes.

Vira a mulher amada.

Amélia estava nessa noite em uma de suas horas de inspiração; a mulher bela tem, como o homem de inteligência, em certos momentos, influências da poesia; nessas ocasiões ambos se irradiam: a mulher fica esplêndida, o homem sublime.

A figura esbelta da moça se desenhava através da branca transparência de um lindo vestido de algodão com traços encarnados. Coroava-lhe a cabeça o diadema de suas belas tranças, de onde caíam dois cachos majestosos, que brincavam sobre o colo. Os cabeleireiros chamam esses cachos de arrependimentos, de *repentirs*. Por que motivo? A alma que se arrepende toma aquela forma; o arrependimento a aflige. Já se vê que os cabeleireiros também são poetas.

Não foi, porém, o delicado perfil da moça nem os contornos macios de suas formas agradáveis o que arrebatou o espírito do jovem. Ele só viu a luz, o brilho da alma, gotejando do sorriso. Contemplava a rosa, entregando-se a ela, sem lhe contar as pétalas.

Amélia, que apoiava o lindo braço sobre a almofada de veludo do parapeito, prestava atenção à cena, recolhendo às vezes a vista para percorrer vagamente os olhos pelos camarotes da frente. Depois que o pano caiu, ficou na mesma posição, conversando com sua mãe e Laura que estava ali de visita. Então voltou rapidamente o rosto, e deixou cair sobre a **plateia** um olhar surpreso e vivo. Foi uma faísca elétrica, riscando o espaço, para logo apagar-se.

Alguma inquietação e um visível incômodo se revelaram no aspecto da moça. Quis disfarçar, mas depois se levantou, para se esconder no interior do camarote, por detrás de Laura, que ocupava o outro lugar da frente.

O olhar que dirigira à **plateia** encontrou o olhar profundo e ardente de Leopoldo; e, encontrando esse raio brilhante, reagiu como um estilete para ferir seu coração. Leopoldo notou vagamente esse movimento; mas, como entre a coluna e o busto de Laura ele via a sombra da mulher a quem amava não se interrompeu seu encantamento. De vez em quando passava pelo seu rosto um clarão sutil, no qual pressentia o olhar disfarçado da moça.

## Capítulo V

O pano estava subindo.

Amélia resolveu ficar onde estava e não tomar o lugar da frente, apesar de Laura ter voltado a seu camarote.

Mas essa decisão, tomada solidamente com seu coração, caiu de repente: bastou um olhar. Ela viu na **plateia**, encostado à proteção da orquestra, um elegante cavalheiro.

Era Horácio.

O sorriso doce que brotava dos lábios da moça, como a onda pura e cristalina de um ribeiro, desapareceu então sob outro sorriso mais brilhante, que se agitava como a espuma da cascata. Era o sorriso da vaidade, como o outro era da inocência.

A moça se colocou na frente, realçando com a graça de seus movimentos a suprema elegância de sua figura.

Demorou-se mais do que era preciso nesse ato; e, **sentando-se**, houve em seu corpo um impulso quase imperceptível de misterioso sentimento. Parecia que ela queria se desenhar no quadro iluminado do camarote.

Não adivinham a causa dessa reação? O leão tinha apontado seu binóculo de marfim; e a moça, com um irresistível surto de graciosidade, exhibia-se ao olhar do jovem.

Durante o ato, Amélia distraiu mais a atenção do aspecto pálido de Leopoldo. Amarrava seus olhos na figura elegante de

A Pata da Gazela

Horácio; prendia-se aos finos pelos negros que sombreavam o lábio indiferente do leão; deixava-se absorver toda na graça de sua atitude, tentando assim resistir à curiosidade incômoda que atraía sua atenção para o importuno desconhecido.

Não sei por quê, Leopoldo, que tinha adoração incansável como o calor de uma chama eterna, sentiu naquela ocasião a necessidade de dar um repouso à sua contemplação. Então, como se a luz que o deslumbrava fosse se tornando mais doce, ele pôde ver se destacar o perfil gracioso da moça.

“Tem o cabelo castanho! Que pena! Sempre acreditei que a mulher que amaria algum dia seria loura. É a cor do reflexo da luz, deve ser a cor desse véu puro que Deus fez para o pudor. A madeixa foi dada à mulher para proteger a face vermelha e o seio que palpita; esse véu precioso deve ser de ouro, ou antes de graça e esplendor.”

O moço não olhava mais para Amélia; com as pálpebras cerradas, estava agora vendo-a na sombra suave da alma.

“Mas é indiferente para mim que ela tenha o cabelo castanho; podia ser negro como a treva. Eu a amo, amo sua alma, sua essência pura e inocente! Se Deus me enviou um anjo para me consolar em minha aflição, para me consolar em meu isolamento, para encher de alegrias indizíveis meu ser saturado de amarguras, eu posso me queixar por que o Senhor o vestiu de uma simples túnica de lã, e não de um luxuoso manto de ouro? Eu gostava dos cabelos louros: pois agora só gosto, só quero, só vejo uns cabelos castanhos, porque pertencem a ela, se enchem de seu perfume e respiram seu hálito!”

O ato terminou. Leopoldo, contemplando a moça, pela primeira vez lembrou-se de saber quem era, na sociedade, aquela mulher que pertencia a ele pelo pensamento. Tinha-se habituado a considerá-la como uma coisa sua; parecia-lhe que ninguém mais existia a não ser eles dois.

Voltou os olhos em busca de algum conhecido, a quem dirigisse a pergunta. Não encontrou; mas no fim de alguns instantes descobriu o leão em seu posto.

“Ah! lá está Horácio, que pode me informar; ele conhece todo o mundo! Justamente agora colocou o binóculo para ver o camarote.”

Como desejava sair, dirigiu-se para aquele lado; mas o leão, inquieto e preocupado, saíra de maneira apressada e subia de um pulo as escadas que o separavam da segunda ordem.



“Aquela mão é irmã do meu adorado pezinho! Não tem a graça dele, sem dúvida, nem se compara com aquela graça de amor; mas há certo ar de família, um que quer que seja!...”

Assim cogitando, Horácio chegara à porta de um camarote e pela fresta mirou disfarçando o olhar em Laura, cuja mão, muito pequena e vestida por uma luva muito justa, segurava o binóculo de madrepérola com dificuldade.

O moço, assim que reconheceu o vestido de seda violeta e a mãozinha que lhe servira de guia, abaixou o olhar para a extremidade do vestido para ver se descobria alguma coisa, o peito, a ponta, ou pelo menos a sombra do pezinho gracioso, do ídolo de sua alma. Mas não foi possível: o vestido arrastava no chão; nenhum movimento fazia ondular a seda; e apesar disso o jovem ali ficou imóvel, palpitante de emoção, como se esperasse dos lábios da mulher amada o monossílabo que devia decidir o seu destino.

A paixão que o jovem desenvolvera pela desconhecida da bota achada, longe de enfraquecer, ficou ainda mais forte. Horácio, o feliz conquistador, o coração ardente e inflamável, nunca ardera por mulher alguma como agora ardia por aquele pezinho idolatrado. Era um verdadeiro amor de leão, terrível e indomável; era um delírio, uma raiva.

Seus amigos não o reconheciam mais; ele aparecia nos bailes, nos teatros, nos pontos de reunião, rapidamente, como um meteoro, seguindo após uma **ideia** fixa, ou uma sombra que fugia diante de seus passos. Conversou-se muito na Rua do Ouvidor a este respeito. Uns atribuíam a novidade à primeira derrota. — Horácio, dizia um de seus amigos, como Napoleão, só devia ser derrotado uma vez. Mas essa vez foi Waterloo<sup>10</sup>!

— O que você acha então?

— Que o pobre rapaz caminha para o seu rochedo de Santa Helena<sup>11</sup>. Ou casa com alguma mulher feia e rica, ou engorda como um animal cevado.

Outros sugeriam algum problema financeiro, alguma fantasia política, para explicar o mistério.

---

<sup>10</sup>Referência à Batalha de Waterloo, travada em 1815 entre França e Inglaterra, pela disputa da aldeia de Waterloo, na Bélgica.

<sup>11</sup>Local onde foi exilado Napoleão I, imperador da França na Batalha de Waterloo.

A Pata da Gazela

Mas sabia-se que o moço tinha rendimento bom e seguro; e, quanto à política, ele a comparava a uma embriaguez causada pelo mais vagabundo vinho de botequim.

Muitas vezes disse, gracejando, a seus amigos:

— Quando quiser me embriagar, em vez de vinho barato, beberei champanhe. É mais fino e também mais barato, porque não deixa uma irritação de estômago, cujo preço é muito superior ao de uma caixa de bebida fina.

Ninguém sabia, nem mesmo suspeitava qual era a causa real da mudança do leão.

Depois de ter achado a botinha, sua vida tomou um aspecto muito diferente. Naquela mesma tarde em que o deixamos na sua casa em Botafogo, terminado o jantar, mandou aprontar a carruagem e voltou à cidade. Seu aparecimento àquela hora na Rua do Ouvidor causou estranheza: um leão de raça, como ele, não passeia ao escurecer, sobretudo no centro do comércio, onde só ficam os que trabalham. Seria misturar-se com os leopardos, que aproveitam a ausência dos reis da moda para aproveitar alguma caça abandonada.

Horácio verificou todas as lojas de calçado à procura de informações. Para disfarçar sua paixão, inventou uma aposta, como desculpa para sua curiosidade. Não se recusava a um freguês como ele favor tão pequeno, principalmente quando levava uma anedota na brincadeira. A todos eles o leão se dirigia mais ou menos nestes termos:

— Fiz uma aposta com uma senhora. Que em todo o Rio de Janeiro não se encontram três moças de dezoito anos que calcem nº 29. Estou muito empenhado em ganhar a aposta, não tanto pelo valor, mas porque, se ela perder, será obrigada a me mostrar seu pé, para eu verificar se é realmente desse tamanho. Peço-lhe, então, que me dê uma nota das freguesas a quem costuma vender calçado deste número.

Nesta pesquisa Horácio gastou muitos dias, sem colher o menor resultado. Os poucos pares de calçado nº 29, vendidos pelas diferentes lojas, eram destinados a meninas de doze anos ou a pessoas desconhecidas, cuja idade se ignorava. Apesar de tudo o leão não desanimava; todas as manhãs, ao acordar, formulava um plano, que colocava em prática durante o dia.

Horácio sentira-se tomado de repente por uma indefinível ternura por uma classe, de que antes só se lembrava para



## A Pata da Gazela

amaldiçoá-la: a classe dos sapateiros. Quando via um sujeito de avental de couro e sovela<sup>12</sup>, o leão sentia-se atraído para aquele indivíduo, que talvez guardasse o segredo de sua felicidade, seu futuro, sua existência. Outras vezes, porém, tinha de repente uns acessos de ciúme selvagem. Lembrando-se que esse operário talvez já houvesse tomado a medida do adorado pezinho, que essas mãos cheias de calo teriam tocado a pele de cetim do anjo de seus pensamentos, o jovem sentia em si o furor de Otelo e procurava um punhal no seio<sup>13</sup>; felizmente só achava a carteira, a espada de ouro com que neste século se assassina mais cruelmente.

Depois de consumir as horas em suas questões, ia contemplar o calçado, lembrança querida de seu amor, e prosseguia à noite seu pensamento incansável. **Frequentava** os espetáculos e bailes, com o olhar rastejando para descobrir por baixo do vestido, o desconhecido deus de suas adorações. Não dançava para observar melhor os vestidos arregaçados; costumava andar pelas escadas e portas, a fim de aproveitar a subida e descida; muitas vezes ia fumar junto ao lugar onde ficavam os criados, na esperança de conhecer a portadora da botinha.

Quando as rainhas da moda, as deusas do salão, surpresas e sem reação, viam-no passar sem cumprimentá-las com uma palavra ou uma gentileza, ele, atirando-lhes um olhar de compaixão, dizia consigo:

“Coitadas! não sabem que o leão viu a pata da gazela e fareja-lhe o rasto. Que lhe importam as garras da pantera?...”

Ao chegar a sua casa, Horácio acendia duas velas transparentes e colocava-as uma de cada lado da almofada de veludo encarnado, sobre uma mesinha, cravada de madrepérolas. Tirava de um cofre elegante de platina o gracioso calçado, e com delicadeza respeitosa colocava-o sobre a almofada, de modo que se visse perfeitamente a bela forma do pé que habitara aquele ninho de amor.

Então acendia o charuto, sentava-se numa cadeira de

---

<sup>12</sup> Instrumento usado por sapateiros para furar couro.

<sup>13</sup> Referência à obra *Otelo, O Mouro de Veneza*, de William Shakespeare. A personagem Otelo, desconfiando da esposa e enciumado, mata sua esposa. Depois, ao saber que esta era inocente, arrepende-se e se mata com uma punhalada no peito.

espreguiçar, defronte, porém distante, para que o fumo não se ficasse na botinha, e ficava contemplando muda e apaixonadamente até alta noite.

Sobre aquela bota via se elevar, como sobre um pedestal, um vulto de estátua, mas vago, sem definição; e apesar disso esse esboço sem formas sedutoras, aquela sombra sem alma e sem calor, parecia-lhe de uma beleza deslumbrante. Ela não era a mulher a que pertencia o mais formoso pé do mundo, o objeto de desejo, a obra-prima da natureza?

Lembrava-se das mulheres mais bonitas que tinha visto, das mais lindas senhoras a quem amara com paixão, e sua memória as trazia todas, uma após outra, para as colocar ao lado daquela figura vaga, que planava sobre a almofada como sobre uma nuvem de ouro. Como elas fugiam abatidas e humilhadas diante de seu tão grande desprezo!

“Não são dignas”, murmurava ele, “nem de beijarem o chão pisado pela fada desta botinha”!

Essa tinha sido a vida de Horácio até o momento em que o vamos encontrar no mesmo lugar defronte da porta entreaberta do camarote. Laura percebeu-o afinal, e sorriu-lhe com ternura. A atenção do rei da moda era uma fineza, um ar de seu majestoso agrado; era preciso agradecer. Fitando com mais força o olhar na pupila da moça, como para prender sua atenção, Horácio abaixou lentamente esse olhar até a extremidade do vestido com insistência. Laura ficou vermelha; e a porta do camarote, rapidamente fechada, tirou-a das vistas ardentes do leão.

“É ela!”, exclamou o coração do jovem cheio de alegria. “Não há dúvida. Para sentir esse pudor exagerado e incompreensível, é preciso ter ali oculto um pé como aquele que eu sonhei. Um pé?... Não; um presente, uma maravilha, um tesouro, um céu!... É o pudor da violeta, que se esconde na sombra; é o pudor da pérola, oculta na concha; é o pudor do diamante, sumido no seio da terra; é o pudor da estrela, mergulhando no azul.”

O leão desceu as escadas murmurando:

“Lindo de morrer.”

Pouco depois terminou o espetáculo. Amélia, demonstrando um pouco de melancolia, cobriu o rosto com um lenço e desceu. Ela perdera de vista Horácio e só tornara a vê-lo parado em frente à porta do camarote de Laura. Conquistada pelo encanto do gentil rapaz, sofrera por todo o resto do espetáculo

A Pata da Gazela

a aflição que lhe inspirava o olhar de Leopoldo.

Por mais que voltasse o rosto, sentia o brilho estranho desse olhar antipático, que, entretanto, chamava sua atenção contra a sua vontade.

Leopoldo esperava no corredor da entrada a passagem da moça, quando avistou ao seu lado Horácio. O leão ansioso e impaciente dirigia o olhar em várias direções; naturalmente procurava alguém e tinha medo que lhe escapasse.

— Olá, Horácio.

— Boa-noite, Leopoldo.

Amélia apareceu nesse momento.

— Conheces aquela moça, Horácio?

— Qual?... Espera!

Horácio tinha avistado Laura, que descia o lance da escada oposta, e corraera apressado, com os olhos fitos no bordado de seda. Seu olhar tinha tal força que parecia uma mão levantando a orla do vestido. Em vão; nem a sombra do pé: o bordado grosso arrastava pesadamente pelo chão.

A moça chegou à porta, onde o carro a esperava. Horácio teve esperanças, porém nova decepção o esperava. Não viu mais do que uma nuvem de sedas ondular e sumir-se.

O leão fez um movimento de desespero.

“Senhor!, por que não me fizeste apoio para pé de carro em vez de homem! Teria a felicidade de ser pisado por aquele pezinho.”

## Capítulo VI

Seriam duas horas da tarde.

Durante a manhã tinha caído sobre a cidade uma forte neblina, que molhara as calçadas.

Leopoldo se dirigia a sua casa pela Rua dos Ourives. Naturalmente vinha pensando na desconhecida que não vira desde a noite do teatro. Sua paixão era intensa e ardente; mas vivia apenas dela, nutria-se da própria seiva. Esperava com plena confiança na pureza de seu amor.

Perto do canto da Rua do Ouvidor, ele viu de repente a moça que passava na companhia de outras pessoas. Amélia voltara o rosto. Seu olhar cruzou rapidamente com o olhar do jovem. Ela sentiu o calafrio de costume e acelerou o passo.

Vendo-a sumir, encoberta pela esquina, o jovem também se apressou para acompanhá-la; mas chegou tarde. A moça e as pessoas, que iam em sua companhia, acabavam de entrar em um carro: na elegante carruagem que já conhecemos. Leopoldo apenas vira um pé, que, na pressa de subir, levantara demais a saia.

Sem consciência do que fazia, avançou para a portinhola do carro. O criado, que a fechava nesse momento, impediu seu passo. Quando o carro partiu na direção de São Francisco de Paula, Amélia inclinou-se e lançou de lado um olhar vivo para a esquina.

Leopoldo ficara na calçada imóvel e maravilhado de surpresa.

O pé que seus olhos descobriram era uma enormidade, um monstro, um aleijão. Além do tamanho descomunal para uma senhora, juntava-se a deformidade. Pesado, chato, sem arqueação e perfil, parecia mais uma base, uma prancha, um tronco do que um pé humano e, sobretudo, o pé de uma moça.

Os traços especiais da beleza de Amélia não tinham deixado na memória de Leopoldo a mínima impressão da primeira vez que a vira, apesar de contemplá-la demoradamente. Entretanto, o defeito não lhe escapou, embora passasse de relance diante de seus olhos.

Parece um detalhe menor; mas não é. Ninguém conta as pétalas da flor que admira; ninguém repara na forma especial de cada uma das partes que compõem um todo gracioso; porém a menor mácula se destaca imediatamente.

É por isso que certos homens, não podendo ser diferenciados entre a gente sensata e honesta, fazem-se manchas da sociedade; tornam-se vícios e baixarias. Assim tornam-se celebridade, com sua qualidade duvidosa e seu talento mesquinho.

O Castro, que não admirara a cor da rosa, notou a mancha e desgostou-se dela. Ele se sentia com forças para amar o feio e o desgraçado, mas não o disforme, o horrível. Essa aberração da figura humana, embora em um ponto só, parecia-lhe o sintoma, ou então o efeito de uma monstruosidade moral.

Triste, acabrunhado por pensamentos amargos, o moço continuou seu caminho pela Rua dos Ourives em direção a sua casa. Mal havia andado alguns passos, arrependeu-se; não queria levar esse primeiro transbordamento de desgosto tão profundo à sua habitação; era melhor deixar esse sentimento passar antes de se recolher à solidão habitual. Se tivesse alguma coisa para fazer! Qualquer ocupação bem aborrecida e entediante, que lhe servisse de remédio ao desgosto íntimo!

Pensou que havia ali perto, na Rua Sete de Setembro, uma pequena loja de sapateiro, ou antes uma tenda, porque além do balcão via-se apenas uma vidraça grosseira, contendo a obra de três oficiais que aí trabalhavam.

A loja pertencia a um mestre fluminense, que trabalhara por algum tempo na casa do Guilherme e do Campás e aprendera, portanto, em todos os segredos da arte. Ninguém a exercia com mais habilidade, cuidado e entusiasmo do que ele; sua obra, quando queria, não devia nada ao produto das melhores fábricas de Paris, se não ultrapassava na elegância e delicadeza.



A razão principal de toda a superioridade humana é sem dúvida a vontade. O poder nasce do querer. Sempre que o homem dedicar o entusiasmo e a perseverante energia de sua alma a um fim, ele vencerá os obstáculos e, se não atingir o alvo, fará pelo menos coisas admiráveis. Mas para que o homem se entregue assim a uma **ideia** e se prenda a um pensamento, é necessário ser atraído irresistivelmente, ser convencido pelo entusiasmo.

É o entusiasmo que faz o poeta e o artista, o sábio e o guerreiro; é o entusiasmo que faz o homem-**ideia** diferente do homem-máquina. A fábula de Prometeu não é nada além do exemplo desse fogo celeste da alma, que anima as estátuas da **Galateia**, embora depois dilacere o coração como a águia do rochedo<sup>14</sup>. Uma faísca dessa eletricidade moral faz maravilhas iguais ao brilho do raio. O telégrafo junto da **eloquência** não faz coisas grandiosas?

O Matos tinha o entusiasmo de sua arte; descobria nela segredos e encantos desconhecidos aos que só viam dinheiro.

Para ele o calçado era uma escultura; copiava em seda e couro, assim como a ferramenta copia em gesso e mármore. Os outros artistas reproduzem todo o vulto humano ou pelo menos o busto; ele só tinha um assunto, o pé. Mas que importância esta parte do corpo tomava a seus olhos! Era preciso ouvi-lo, em algum momento de empolgação, para fazer **ideia** de sua admiração por esse membro da criatura humana.

Depois de trabalhar muitos anos em casas francesas, o mestre fluminense resolveu estabelecer-se por sua conta.

Alugou uma pequena loja de duas portas, onde trabalhava com dois ajudantes. A necessidade de ganhar o pão o obrigava a ser interesseiro, fazendo obra de pouca qualidade para vender barato. Mas no meio dessa tarefa ingrata ele tinha suas delícias de artista. Meia dúzia de fregueses, conhecedores da habilidade do sapateiro, preferiam seu calçado ao melhor de Paris, e pagavam generosamente. O Matos executava essas raras encomendas com prazer; via-se, em sua obra, verdadeiro primor.

Leopoldo não era um freguês difícil; ele não conhecia a sensualidade de um calçado macio, mais luva do que sapato; seu pé não era de um menino mimado, um caçula acostumado a essas delícias; desde a infância o habituara a uma vida árdua e

<sup>14</sup>Referência à fábula grega de Prometeu, sobre a criação do mundo.

A Pata da Gazela

rigorosa entre a sola dura e o couro. Além do que seus trabalhos não possuíam tais grandezas.

O moço pertencia à classe dos fregueses sem grandes exigências, e preferia a loja do Matos pelo baixo valor do preço e pela boa qualidade do material, como do trabalho.

Que misteriosa associação de ideias trouxera à lembrança de Leopoldo, naquele momento, a tenda do sapateiro? E por que motivo ele se dirigiu para ali onde estivera na véspera, e não para qualquer outro lugar, em que poderia melhor desfazer sua amargura?

Nem ele mesmo sabia o motivo naquele instante.

— Bom-dia! As botas estão prontas?, disse entrando.

O Matos, que atendia a alguns fregueses perto da vidraça, olhou-o surpreso:

— Não disse ontem a você que só no fim da semana?

— É verdade!

— Tinha nas mãos esta encomenda. Mas já acabei; agora posso ajudar os companheiros.

O Matos indicara alguns pares de calçado que estavam no mostrador sobre folhas de papel e prontos para ser embrulhados.

Leopoldo, chegando-se no balcão, começou a examinar a obra acabada, com a curiosidade distraída de quem deseja desperdiçar alguns momentos, para escapar a um aborrecimento ou para apressar um prazer. O trabalho do mestre era fino e, contudo, não despertaria grande atenção da parte do moço se não fosse um par de botas de senhora já usadas e meio encobertas pelo papel com outra obra. A medida era enorme no comprimento e na altura; por isso e pelo formato, fez com que reparasse.

Na véspera, quando viera à loja, casualmente observara a obra que o Matos estava acabando. Vendo há pouco na Rua do Ouvidor o pé monstruoso da moça, tivera uma confusa e rápida lembrança das botinhas da loja. Foi esse o fio misterioso que o conduziu àquela casa. Agora compreendia os laços: a botinha monstro pertencia sem dúvida ao pé deformado.

Leopoldo depois que vira de relance sob o vestido o pé da moça, ainda alimentava uma dúvida, que pretendia acabar com todas as sutilezas e esperteza de seu espírito. Talvez ele visse mal; talvez a sombra, o apoio de pé do carro, qualquer outro

objeto o tivesse iludido. A deformidade só existia em sua imaginação; fora um delírio dos sentidos. Realmente, como supor que uma senhora pudesse andar graciosamente com semelhante pata de elefante?

Mas as botinhas estavam sobre o balcão e não lhe deixavam a menor dúvida. O pé aleijado existia; era aquele o seu molde, a prova do crime, e por ele se podia ver quanto devia ser horrível a realidade. Agora Leopoldo podia observar os traços parciais que lhe tinham escapado pela manhã; esse pé era cheio de calombos como uma batata; não lembrava nem de longe o contorno dessa parte do corpo humano: era um pedaço de carne, um troço!

Junto dessa deformidade morta, inventada para cobrir a deformidade viva, havia outra obra que chamara a atenção do jovem por sua singularidade. À primeira vista era um volume semelhante ao das botas monstruosas, embora de linhas regulares: parecia uma ligeira almofada preta sobre a qual se elevasse uma botinha de senhora, muito elegante apesar de comprida. O tubo cinzento ficava escondido sob detalhes de cetim encarnado. Do rosto ao bico descia um galho de rosas, cujas hastes envolviam graciosamente, como uma coroa de flores, toda a volta do pé até o calcanhar.

Uma das botinhas ainda preservava a forma; enquanto a outra já estava sem ela. Naturalmente o Matos fazia aquela operação quando foi distraído pelos fregueses e compradores; deixara-a então de lado, colocando em cima da obra, para encobri-la, uma folha de papel.

A forma não podia passar despercebida ao observador. Vendo pouco antes a botinha disforme, Leopoldo a tinha considerado o modelo exato do pé monstruoso que ele avistara. Enganara-se: a botinha era o disfarce, a máscara do aleijão. Sua cópia estava ali em nudez horrível, no grosseiro toco de pau, cheio de buracos e calombos.

Mas, se essa observação acabou de esmagar o coração do jovem, levou insensivelmente seu espírito a apreciar pela primeira vez a superioridade do Matos em sua arte. Ali estava a imagem do aleijão, e o calçado que outros sapateiros lhe fariam para cobrir a monstruosidade, sem a disfarçar. Entretanto, o mestre fluminense conseguira, por um esforço feliz, diminuir a deformidade sob a aparência de uma botinha elegante.

A almofada sobre a qual a botinha parecia descansar era um solado alto, porém oco, onde as carnes moles do pé monstruoso, comprimidas pela botinha superior, podiam abrigar-se.

Os detalhes de cetim e as coroas de rosas enchiam as covas e diminuía as saliências ósseas, com muita delicadeza, sem aumentar o tamanho do coturno. Na sola negra se desenhava, da mesma forma que na botina superior, a clara palmilha com seus contornos harmoniosos; de modo que, olhando-se a pessoa andar, não se perceberia facilmente o tamanho do calçado.

O Matos acabara de despachar os fregueses, e, chegando-se para o balcão, incomodou-se ao ver o moço observando a obra; ia talvez interrompê-lo de maneira grosseira, quando percebeu em seu rosto uma expressão viva de ardente admiração. O artista ficou lisonjeado com esse elogio de mudez tão **eloquente**; e em vez de ficar contrariado sentiu a satisfação do amor-próprio.

Foi Leopoldo, que, percebendo junto de si o sapateiro parado, afastou-se do balcão, temendo ter sido indiscreto. Ia sair, quando entrou na loja um criado de farda azul com vivos de encarnado e branco. O jovem o reconheceu pelas feições; era o mesmo que o impedira de chegar à porta do carro, na Rua do Ouvidor.

— Ah!, exclamou o Matos, avistando o criado. Está quase pronto.

— Não posso esperar!, disse o criado com a arrogância do servidor de casa rica.

— É só embrulhar.

Leopoldo disfarçava; fingindo olhar o calçado exposto na vitraça, viu de relance o sapateiro tirar a forma da outra botinha, bater o ponto e dar o último polimento à sua obra; feito isso arranhou o embrulho.

— Está bem amarrado?, perguntou o criado. Olhe que da outra vez já se perdeu uma botinha por sua causa, e eu é que levei a culpa.

— Não tenha medo; desta vez está bem seguro, respondeu o Matos.

Foi-se o criado; e Leopoldo com a aparência carregada de tristeza, despediu-se, arrependido de ter ido à loja.

Que saudades tinha da sua dúvida!

— A dúvida, pensava ele, é ainda um raio de esperança!

## Capítulo VII

Nesse tempo Horácio, sentado em uma poltrona na casa de Bernardo, fumava o seu charuto, com o olhar ora na calçada, ora no espelho da frente, à espreita do menor vulto de mulher.

O leão pensava:

“Choveu; as ruas ainda estão molhadas. Qual é a senhora que tendo um pé gracioso e uma perna bonita não aproveita um dia destes para atravessar a Rua do Ouvidor? Se deixarem escapar estes pretextos de mostrar semelhantes maravilhas, elas morrerão desconhecidas, apenas vistas por um dono mesquinho, mas nunca admiradas, porque a admiração é sentimento que precisa da luz plena, da grande expansão. Se a Vênus de Praxíteles<sup>15</sup> existisse, mas só para mim, palavra de honra que sua beleza não despertaria em minha alma o menor entusiasmo.”

Nessa ocasião Amélia passava diante da loja e, voltando-se, recebeu a cortesia do leão, a quem respondeu com um sorriso amável. Parando na vidraça, ela achou um motivo para entrar e comprou um galanteio. Durante esse tempo, Horácio recebeu por diversas vezes o olhar e o sorriso da moça.

Acompanhando com a vista o passo gracioso e sutil de Amélia, Horácio exclamou, dirigindo-se ao balconista do Bernardo:

---

<sup>15</sup> Praxíteles é um escultor grego. Vênus é uma de suas esculturas.



SCHLOSSER

— Que passo gracioso! É o andar da garça!

Estas palavras foram ditas em voz bastante alta, para que a moça ouvisse; um ligeiro estremecimento que se notou na sua suave ondulação revelou que o leão realizara seu desejo. A moça ouvira sem dúvida a fineza.

Encostado de novo na poltrona, o leão continuou a pensar:

“Realmente, que elegância no andar! Eu seria capaz de apostar que esse andar era do pezinho, do meu adorado pezinho, se já não tivesse descoberto a dona do primor. Mas Laura não vem!... O criado me disse que viria ao meio-dia, e é quase uma hora! Terá mudado de decisão?... Não duvido; com aquele zelo todo que tem por sua joia, talvez não quisesse vir para não ser obrigada a mostrá-la. Um mesquinho fecha com tanto cuidado o cofre como ela esconde seu tesouro. Que pecado! Retirar do mundo essa maravilha que Deus fez para ser admirada! Ah! eu desejava ser uma nação; assim como há demônios-legiões, por que não pode haver homens-povos? Se eu fosse, daria um trono a essa mulher, somente para que ela instituísse o beija-pé<sup>16</sup>. Como eu seria refinado! Como eu a beijaria por minhas cem bocas de súdito!”

O jovem sobressaltou-se; vira uma sombra que aparecia no espelho fronteiro. Era Laura. Que devia fazer?

Correr para a porta para ser visto pela moça ou ficar na poltrona para melhor descobrir o pé adorado?

A atitude do leão revelava a dúvida de seu espírito; com o corpo lançado à frente parecia fazer um esforço para ficar sentado. Laura, que de seu lado já o tinha avistado no espelho, ficara em um estado de perturbação indizível.

— Que tem, prima?, perguntou-lhe um senhor que a acompanhava.

— Nada!, balbuciou a moça.

No começo Laura fizera um movimento para recuar, mas se arrependeu e avançou decidida e passou rapidamente pela frente da loja, sem voltar um olhar para dentro. Por mais que o leão se curvasse na poltrona, não conseguiu ver coisa alguma; a senhora arrastava o vestido pela calçada coberta de lama, com o mesmo descuido que teria se caminhasse sobre rico tapete.

“Está zangada comigo; está furiosa! Desde a noite do teatro que não pode me ver; e parece que se preparou para a ocasião,

---

<sup>16</sup> Cerimônia em que se beija o pé do papa ou de uma imagem de Cristo.

A Pata da Gazela

porque achei as avenidas da praça já tomadas e vigorosamente defendidas. A criada é uma Górgona<sup>17</sup>, o porteiro um Cérbero<sup>18</sup>; consegui apenas acalmar o moleque, porque é um idiota!... Nunca vi uma ferocidade igual; creio que a leoa da floresta não defende seu cachorrinho com fúria igual à desta leoa de sala. Parece incrível; mas eu conheço de quanto é capaz a vaidade da mulher. Toda esta raiva não é mais do que manha; percebeu que estou apaixonado pelo pezinho gracioso e quer me amarrar como um prisioneiro. Realmente uma moça bonita não pode ter maior satisfação: ver Horácio de Almeida, o primeiro conquistador do Rio de Janeiro, curvar-se humilde, não a seu olhar, a seu sorriso, à beleza de seu rosto, ou à graça de sua figura, mas à planta de seus pés divinos! Fazer-me tapete de seus passos!... Que mais pode desejar a rainha dos salões fluminenses?”

O moço mordeu a ponta do bigode negro e ficou alguns instantes muito pensativo.

“É preciso mudar o plano de ataque! Comecei à maneira de César<sup>19</sup>, atacando com vigor. Vou abrandar conforme a escola de Fábio: simulo uma retirada; o inimigo avança, eu o envolvo; corto-lhe a retirada, e ele se rende. Arraso o Humaitá<sup>20</sup> daquele vestido que defende o meu pezinho adorado como um forte. A indiferença é a serpente tentadora da mulher.”

Em **consequência** destas reflexões, Horácio ficou onde estava e não seguiu a moça. Quando supôs que ela já ia distante, foi procurar em um bilhar o preservativo contra a tentação de paquerá-la, ou antes o seu pezinho.

“Ela tem de reparar no meu sumiço!”, murmurou com certa confiança.

Entretanto, Laura, descendo a Rua do Ouvidor, encontrara pouco adiante, na casa do Masset, Amélia em companhia da mãe. As duas amigas, não podendo vir juntas, tinham ajustado seu encontro para aquele ponto. O primo despediu-se, e as senhoras continuaram seu itinerário pelas diferentes lojas e casas de modas.

Ao fim de duas ou três horas, entraram no carro que estava

---

<sup>17</sup> Monstro da mitologia grega.

<sup>18</sup> Monstro mitológico que toma conta dos portões do inferno.

<sup>19</sup> Imperador romano.

<sup>20</sup> Referência a um episódio da Guerra do Paraguai.



parado próximo à Rua dos Ourives e partiram na direção do Catete. A poucos passos dali, Amélia perguntou ao criado sentado na almofada:

— Trouxe?

— Sim, senhora; está aí dentro.

— Bem!

O carro aproximava-se do Largo da Lapa, quando Amélia disse:

— Podíamos ir agora ao Passeio Público?

— Tão tarde!, replicou Laura.

— Deixa disso!, observou a mãe da moça.

— Por que, mamãe? Há tanto tempo que não vamos lá.

— Não há nada de novo.

— Ora, eu queria ver a garça. Ainda não a vi.

— Viste, sim!

— Mas não reparei numa coisa!...

— Em quê?

— Uma coisa. Depois direi.

Tanto insistiu que a mãe cedeu a seu capricho, e deu ordem ao cocheiro que chegasse até o portão do Passeio Público. As senhoras desapareceram na curva de uma das alamedas do parque, em direção ao lago. Amélia queria ver o andar da garça, que Horácio tinha comparado ao seu.

Nessa ocasião passava a carruagem do nosso leão, que vinha do lado da Ajuda. Um atropelo, produzido por um ônibus mal conduzido, ia atirando a carruagem sobre o carro parado no portão do Passeio Público. Este incidente chamou a atenção do moço para o cocheiro, que curvado sobre a almofada não se movera.

A memória apresenta às vezes um fenômeno curioso; conserva por muito tempo oculta e adormecida uma impressão de que não temos a menor consciência. De repente, porém, uma circunstância qualquer evoca essa lembrança apagada; e ela ressurge com vigor e fidelidade.

Foi o que sucedeu a Horácio. Minutos antes, por maiores esforços que fizesse para recordar-se da farda do criado, portador da botinha perdida, não o conseguiria com certeza. Entretanto bastou ver a roupa do cocheiro para renascer imediatamente no espírito a imagem vaga. Era esse o carro, que vira quinze dias antes na Rua da Quitanda; não havia dúvida.

O leão mandou parar a carruagem e entrou no Passeio



Público; depois de percorrer inutilmente várias alamedas, afinal descobriu entre as árvores, além do lago, as ondulações dos vestidos de algumas senhoras acompanhadas por um criado e tomou com pressa aquela direção.

O terreno estava úmido da chuva da manhã; e por isso o pé dos passeadores deixava o rasto impresso na branca e fina areia das alamedas. Notando esta circunstância, Horácio procurou o vestígio de alguma botinha irmã da que achara e guardava como uma relíquia; ficou embriagado de contentamento reconhecendo entre muitas pegadas o leve desenho que deixara no chão o gracioso pezinho.

Se não fosse a intenção de alcançar as senhoras e reconhecer a dona incógnita do tesouro, Horácio teria se ajoelhado para beijar a pegada da fada de seus amores; mas as senhoras caminhavam rapidamente para o portão.

Por mais que se apressasse o leão, chegando à saída, apenas viu o carro que partia. Felizmente adiantando-se pôde reconhecer Amélia, que lhe sorriu e inclinou-se para acompanhá-lo com os olhos.

“É ela! Como sou pateta! Devia ter adivinhado. Há pouco, vendo-a passar pela Rua do Ouvidor, tive um pressentimento! Aquele andar cheio de graça não podia enganar.”

No dia seguinte o leão se apresentou ao pai de Amélia, rico negociante de café, estabelecido na Rua Direita. O encontro deu-se na Praça do Comércio. Horácio tinha ido lá com a desculpa de comprar apólices; e um amigo, corretor de fundos, prestou-lhe aquele serviço. O negociante ofereceu a casa ao moço, que aceitou a gentileza com contentamento.

O Sr. Sales Pereira morava em uma bela chácara nas Laranjeiras. Amélia era filha única, e seu dote, convertido em cem apólices, só esperava o noivo. Quanto à mulher, tinha uma boa pensão instituída na previdência geral. Seguro assim o futuro, o negociante vivia com certa tranquilidade, economizando pouco ou nada de seus lucros anuais.

Quando Horácio teve conhecimento destas particularidades domésticas, sorriu.

— Bem! O meu pezinho tem um dote para seu calçado. Pode andar com luxo!

A primeira vez que Horácio visitou a família de Sales Pereira, encontrou Laura na sala; a moça fora passar a noite com a

A Pata da Gazela

amiga e conversava com graça. Apenas o leão viu, ficou mudo; e, instantes depois, inventou um pretexto para retirar-se, apesar da presença de Amélia.

Horácio deu pouca ou nenhuma atenção à mudança que se tinha operado em Laura, em sua retirada repentina.

Já que a moça não era a dona feliz do mais lindo pé do mundo, tornava-se para ele uma criatura indiferente; ainda mais que sua alma estava ali de súbito, beijando a beira de seda, que lhe ocultava o tão ansiado tesouro.

A apresentação do moço produziu várias impressões em Amélia. No primeiro momento acreditou que o leão viera atraído por ela; mais tarde, lembrando-se do teatro, suspeitou que fosse apenas um meio de aproximar-se de Laura; finalmente **ocorreu-lhe** que podia não passar de um encontro casual de seu pai e de uma delicadeza da parte de Horácio.

Suas dúvidas, porém, desapareceram poucos dias depois.

Uma noite a moça, movida pelo convencimento, soltou estas palavras, no meio de uma conversa com o leão:

— Laura está muito ingrata! Há tanto tempo que não vem passar uma noite comigo.

Ao mesmo tempo fitava os olhos no moço para ver a expressão de sua fisionomia.

— É uma fineza de sua amiga, que eu agradeço de coração, respondeu Horácio.

— Uma fineza?... perguntou Amélia pressentindo alguma ironia.

— Quando sua amiga está aqui, a senhora sem dúvida não a deixa!

— É muito natural.

— Já vê que eu tenho razão. Se ela viesse...

— Diga.

— Eu teria ciúmes, D. Amélia.

A moça corou.

— Pois amanhã Laura passará a noite comigo.

Estas palavras foram ditas com a travessura da menina que procura disfarçar um prazer sob a máscara da contrariedade. Mas a máscara é tão risonha, que não ilude.

— Quer-me tanto mal assim?, perguntou Horácio. Não admira; uma paixão ardente e vigorosa, como eu sinto pela senhora, não devia ter outra sorte. O verdadeiro amor foi e será sempre infeliz; não há mulher que o compreenda.

Amélia com as faces ardendo não sabia o que fazer; sua mão trêmula brincava com as flores de um vaso, que vacilou sobre o suporte e caiu no chão. O fracasso da porcelana, **despedaçando-se**, chamou a atenção das pessoas que estavam na sala; assim rompeu-se o encanto de Amélia.

A moça retirou-se confusa para o interior da casa. Momentos depois entrou de novo na sala, já serena e feliz. Seus olhos procuraram Horácio, para oferecer-lhe o meigo sorriso que trazia nos lábios.

Esse sorriso dizia em sua modo de falar mudo o seguinte:

“Se nunca a mulher soube compreender a verdadeira paixão, serei eu a primeira.”

Foi esta pelo menos a tradução de Horácio, perfeito estudioso do amor e habituado a decifrar esses sinais dos lábios de mulher.



## Capítulo VIII

Não abandonemos o pobre Leopoldo à sua amarga decepção.

O moço chegara a sua casa mergulhado na tristeza profunda, que sobre ele derramaram os acontecimentos da manhã. Talvez nem a morte de Amélia lhe doesse tanto como aquela cruel decepção que estava agora curtindo.

O aleijão causa geralmente uma invencível repugnância e terror. A aberração da forma humana abate o orgulho do homem, fazendo-o ficar abaixo do orangotango. Ao mesmo tempo, é ameaça viva a um dos mais caros desejos do homem: a esperança de renascer em outra criatura, gerada de seu ser. Se a fatalidade pesar sobre a prole querida?

Imagine-se que dor era a do jovem, quando via a deformidade surgir de repente para esmagar em seu coração a imagem da mulher amada, da virgem de seus sonhos ingênuos?

O contraste era sobretudo terrível. Se Amélia fosse feia, o detalhe do pé não passara de um defeito; não quebraria a harmonia do todo. Mas Amélia era linda, e não somente linda; tinha a beleza regular, suave e pura que se pode chamar a melodia da forma. A deformidade grosseira de um membro tornava-se, pois, nessa estátua perfeita, uma verdadeira monstruosidade. Era um berro no meio de uma sinfonia; era um disparate da natureza, uma gestação do horrível no belo. Fazia lembrar os ídolos e

objetos de culto do Oriente, onde a imaginação doentia do povo reúne em uma só imagem o símbolo dos maiores contrastes.

Leopoldo passou o resto daquele dia e os que seguiram nessa angústia.

“Não amo a sua beleza material, oh, não!” pensava o jovem. “O que eu adoro nela é a beleza moral, a alma nobre e pura, a criatura celeste, a luz, o anjo. Qualquer que fosse o revestimento de seu espírito imaculado, creio que iria adorá-lo tanto como a adorei desde o momento em que primeiro a vi. Fosse ela feia para os outros, que chamam beleza o que encanta seus sentidos, para mim seria sempre bela, porque meus olhos haviam de vê-la através de seu esplêndido sorriso. O que é o corpo humano no fim de contas? O que é o contorno suave de um corpo elegante, e a pele de cetim de um rosto ou de um colo gracioso? Um pouco de matéria a que a luz transmite a cor, o espírito a vida. Tirem-lhe esses dois alimentos, e verão que lodo impuro e enjoado ficam sendo aquelas formas sedutoras. Pois luz e espírito não eram a essência da alma de Amélia? Quando essa alma a vestia com uma túnica resplandecente, que mulher podia se comparar com ela em lindeza? Então não era somente formosa, flutuava em um atmosfera de beleza deslumbrante. Mas ela não é feia, é aleijada!...”

Um soluço afogou as tristes meditações do jovem. Ele repassou outra vez na mente as circunstâncias de sua triste descoberta; quis duvidar, combateu de forma decidida sua própria razão que lhe apresentava a realidade, e afinal se rendeu, curvando-se à implacável certeza. Tinha visto uma vez e, como não bastasse, o acaso lhe oferecera ocasião de apalpar a verdade e saciar-se dela.

“Não se admira a Vênus de Milo<sup>21</sup>, uma estátua mutilada?”, dizia o jovem lutando contra sua viva não aceitação. “Não se admira o primor da arte grega, apesar de não restar dela mais do que uma cabeça e um torso de mulher? Essa beleza mutilada não vale a beleza aleijada? A mutilação não causa nojo tanto ou mais do que a deformidade?”

A razão de Leopoldo não o deixava se embalar muito tempo nesse pensamento consolador. Evitava logo, contestando vigorosamente os argumentos do coração:

---

<sup>21</sup> Famosa estátua da antiguidade grega.



“A estátua mutilada, que provoca a admiração do mundo, não é a cópia integral da beleza que lhe servia de inspiração, mas apenas um fragmento dessa cópia. A alma, que se cansa na contemplação desse fragmento, recompõe o ideal do artista. Admira-se a Vênus de Milo como se admira um esboço não acabado de Rafael<sup>22</sup>; como se admira a pétala de uma rosa, arrancada da corola. Mas, se aquele primor de estatuária fosse a reprodução exata de uma mulher, a mutilação respeita a beleza; o aleijão a deforma. Se a mulher que se ama perdesse um pé, seria desgraçada; com um pé monstruoso, é mais do que desgraçada, é repulsiva.”

Leopoldo deixava-se convencer por estas sugestões:

“Infelizmente é assim. Mas por que tem de ser assim? A mutilação é um fato humano; o aleijão é um fato natural. Essa aberração do princípio criador, esse desvio da forma primitiva indicam sem dúvida um vício na essência do organismo. Não se tem verificado que nos corpos malformados de nascença habita sempre uma alma doente? Nos corcundas principalmente, porque a espinha dorsal é o tronco da inteligência. A deformidade de um membro, de um ramo apenas, não significa treva tão profunda do espírito, é certo, mas revela que a alma não é nobre e superior. Não se pode ter o anjo dentro de um aleijão.”

O resultado destas cogitações era a gota de amargura espremida, que ia filtrando pouco a pouco no coração e acabaria por destruir todas as doces lembranças dos últimos dias. Leopoldo convenceu-se de que não devia amar a desconhecida: mas, ao contrário, arrancar de sua alma os germes da paixão nascente.

Tomando esta resolução, o moço, que vivia muito solitário depois de suas desgraças de família, esteve a lembrar-se de algumas antigas relações. Veio-lhe o desejo de cultivá-las de novo. Um instinto lhe dizia que para gastar as emoções ingênuas de um coração virgem, não há como o atrito do mundo.

Entre as casas que frequentava outros tempos, escolheu para a primeira noite a de D. Clementina, amiga íntima de sua irmã. Era uma senhora já com certa idade e pouca formosura; gostava muito de dançar e por isso reunia constantemente em sua sala as amigas moças. Logo que se achavam presentes

---

<sup>22</sup> Pintor renascentista italiano.

quatro pares, a dona da casa dava o sinal, o marido tirava a mesa do centro, o filho, menino de quinze anos, sentava-se ao piano e...

— *Chassé-croisé*<sup>23</sup>! , gritava D. Clementina.

Nesta casa Leopoldo tinha certeza não só de ser bem recebido, como de encontrar bastante agitação para maravilhar-se e abafar uns gemidos que sentia às vezes repercutirem no coração. Tinham passado cinco dias da decepção; às oito horas da noite entrou o moço na sala de D. Clementina, que o recebeu, com surpresa e muito amável.

Além de querido, ele era justamente o quarto par. Tirado o dono da casa, o Sr. Campos, o filho Alfredo e três velhas, inválidas para a dança, havia na sala cinco senhoras para dois cavalheiros; servindo uma senhora de cavalheiro, ainda faltava metade de um par.

Quando a campainha anunciou mais uma visita, D. Clementina, de olhos fixos na porta da sala, dispôs-se a receber o recém-chegado com o seu mais amável sorriso. Vendo Leopoldo, correu a ele, e, enchendo-o de amabilidades, pegou-o pelo o braço; antes que o moço colocasse o pé na sala, era levado pela dança, a compasso de galope.

Realmente ele não podia escolher melhor. A agitação daquela dança rápida, sem pausa; a confusão que os pares criavam de propósito para aumentar a animação; os risos e gracinhas que provocavam os menores incidentes da quadrilha; todo esse rumor e atropelo tinham sacudido de tal forma o espírito de Leopoldo que as **ideias** e recordações tristes lhe caíram, como as folhas secas de uma árvore abalada pelo vento do outono.

Sentiu o coração vazio, porém **tranquilo**; o prazer vivo e luminoso daquela reunião tocava-lhe apenas na superfície; não penetrava, mas também já não trazia-lhe do íntimo as amarguras de que nos últimos dias se tinha saturado.

De repente, ocorreu na perspectiva da sala uma transformação inesperada. Amélia entrara; e sua graça difundiu-se como uma manifestação celeste, no movimento de sua figura elegante, na suavidade de sua voz, na irradiação de seus olhares.

Leopoldo foi absorvido por aquela suave aparição, como da primeira vez que a vira, mas para percorrer até o topo, as fases de seu amor, e cair de novo na esmagadora decepção.

---

<sup>23</sup> Movimento de dança no qual os pares se cruzam no meio do salão.



De repente aquela estátua luminosa escureceu a seus olhos, deixando apenas um resíduo negro: esqueleto queimado que arrastava uma deformidade. De nada adiantava Amélia se ostentar na luz de sua beleza, coberta pelos primeiros **pores do sol** do amor; de nada adiantava as ondulações de seu corpo desenharem formas encantadoras e o sorriso de seus lábios destilar uma fragrância mística de beijos puros; os olhos de Leopoldo não viam nenhum desses encantos.

Através do babado do vestido que se arrastava, sua vista fitava-se implacável no pé monstruoso que lhe esmagava o coração como a pata grosseira de um animal.

Ele despia todos os encantos dessa criatura de seu manto sedutor e analisava-os com rancor frio. A sensualidade do corpo vinha da resistência que o enorme pé fazia quando andava; o passo ligeiro era um esforço supremo para disfarçar o aleijão; o sorriso gracioso, um fingimento para prender os olhos estranhos, não permitindo que eles se abaixassem até a borda do vestido.

E por isso mesmo o olhar de Leopoldo, olhar frio, cruel, inabalável, tinha cravado na orla da saia elegante, donde não havia forças para arrancá-lo.

Amélia sentiu esse olhar crucificador e estremeceu, tomada de um vago terror. Imediatamente sentou-se, e, ajeitando as dobras do vestido, procurou disfarçar; mas em vão: o olhar do moço continuava fito no mesmo ponto e produzia nela uma sensação incômoda.

— É D. Amélia, filha de um negociante, chamado Sales. Não conhece?

Estas palavras foram dirigidas a Leopoldo por D. Clementina, que, sentando-se a seu lado, acompanhou-lhe o olhar fito.

— Não, minha senhora.

— Então vou apresentá-lo.

— Obrigado, D. Clementina; depois.

— Não acha que ela é muito atraente?

Leopoldo hesitou:

— Oh! muito!...

Viera-lhe nessa ocasião a mesma ousadia que sentem sempre os amantes em igual situação: o de criticar e diminuir as virtudes da mulher que os faz sofrer. É uma reação natural do coração; Leopoldo, porém, não quis para si tal procedimento;

tinha o direito de se afastar, de fugir com horror dessa mulher, mas não o de ofendê-la. A culpa de amá-la era sua; e não dela.

Aproveitou um momento de distração da dona da casa para pegar o chapéu e escapar, sem que o percebessem.

Amélia, porém, o viu; seus olhos ficaram por algum tempo presos na porta por onde acabava o moço de sair.

Quando, passado um instante, caiu em si, ficou surpreendida. Que tinha ela com aquele desconhecido?

Ao chegar, vendo o rosto pálido e os olhos profundos, que haviam deixado tão desagradável impressão em seu espírito, a moça havia sentido um mal-estar íntimo. Vinha com a alma cheia das primeiras delícias de um amor que nascia; com as doces emoções da declaração de Horácio. A presença de Leopoldo foi um travo.

Mas também para que viera? Por que não ficara em sua casa esperando Horácio?

Vão lá sondar o coração feminino. Agora que sabia que era amada, a moça queria aproveitar seu triunfo e ver o rei da moda, o convencido leão, humilde e abatido a seus pés. O plano era fazer-se bem desejada, tornar-se difícil e esquivo, embora o preço fosse o sacrifício dos momentos agradáveis que podia passar junto de Horácio.

A presença de Leopoldo na casa de D. Clementina a incomodara, e, entretanto, seu olhar parecia agora sentir a ausência do jovem.

No início havia ali uma pessoa sobrando; agora faltava alguma coisa. Se não era um homem, era uma curiosidade, uma emoção.

— Amélia!

A moça voltou-se para ouvir D. Clementina que a chamava.

— Quero apresentar-lhe um moço, que a acha muito bonita.

Dizendo estas palavras, a dona da casa corria os olhos pela sala à busca de alguém.

— Não o vejo agora.

— Quem é?

— O Castro... Conhece?...

— Não, senhora.

— Querem ver que já se retirou?

Amélia pôde evitar o monossílabo que ia sair de seu lábio, confirmando a suposição da dona da casa. Tinha adivinhado

A Pata da Gazela

que se tratava do seu desconhecido.

— Então ele me acha bonita?

— O Castro?... Muito. Creio que ficou apaixonado! Se visse como a olhava quando a senhora chegou!

— Então foi de paixão que ele fugiu?

— Quem sabe? A paixão é como o vinho que em uns faz rir e em outros faz chorar. Há namorados que perseguem, e outros que fogem!

Amélia achou melhor desviar a conversa daquele assunto delicado, no qual D. Clementina tinha prazer, porque lhe lembrava sua mocidade já distante.

## Capítulo IX

Depois daquela noite, Leopoldo viu Amélia duas ou três vezes; e em todas as vezes sentiu a mesma impressão que lhe causara a presença da moça na casa de D. Clementina.

Era a mesma decepção, a mesma insistência de seu espírito para enxergar a formosura da donzela através de uma visão deformada e como uma caricatura. Nessas ocasiões ele sofria diante da moça a fascinação do horrível, como o poeta sofre muitas vezes a fascinação do Belo em face de um objeto feio. Era então um poeta pelo avesso; um profeta do monstruoso. Tinha na imaginação um gnomo de Victor Hugo<sup>24</sup>: criava Quasímodos e Gwynplaines<sup>25</sup> do sexo feminino com uma criatividade espantosa.

Quando, porém, a moça desaparecia de seus olhos, seu espírito sofria completa mutação. Esquecia completamente o aleijão, para só lembrar a linda e graciosa figura, que poucos momentos antes sua vista recusou.

Amélia ausente vingava Amélia presente. O coração do jovem detestava esta, quanto adorava a outra. “Este amor é

---

<sup>24</sup> Um dos mais famosos escritores franceses.

<sup>25</sup> Personagens monstruosos da literatura mundial.

A Pata da Gazela

um inferno”, pensava ele; “tem um vício orgânico. Há de viver de dores e lágrimas; há de alimentar-se de minhas tristezas. E assim irá se abatendo até morrer de tuberculose, depois que tiver devorado todo o meu coração. Que importa? Servirei de alimento para este abutre. O que somos nós afinal de contas? Uma presa; enquanto vivos, a presa das doenças e das paixões próprias ou dos outros; depois de mortos, a presa dos vermes ou das chamas”.

Com tal estado de espírito, ele voltou dias depois à casa de D. Clementina. Nesta noite havia uma pequena partida; Leopoldo acreditava que ia encontrar Amélia.

Ali estava ela, realmente, vestida de encarnado e branco; e enfeitada com a sua graça apaixonante. Quando o moço entrou, ela dançava com as costas voltadas para a porta e não o viu; porém, momentos depois, virou o rosto como se obedecesse a um impulso estranho, e encontrou o olhar ardente de Leopoldo.

A moça fez sem perceber um movimento para **afastar-se**, que, entretanto a aproximou da porta. Aquele olhar que a atraía ao mesmo tempo em que a fazia recuar causou-lhe um abatimento misturado de terror. Felizmente a terceira parte da contradança começava e a distraiu de sua emoção.

Ela estava outra vez parada conversando com o par, quando sentiu um calafrio; sem ver, percebeu que o jovem se aproximava e que seus lábios se abriam para dirigir-lhe a palavra:

— Minha senhora, terei a honra de dançar com você a seguinte quadrilha...

Essas palavras continham uma pergunta ou uma afirmação? Fora impossível dizê-lo. O tom parecia mais afirmativo do que interrogativo, porém o olhar do jovem esperava, ou mesmo exigia resposta.

A confusão da dança permitiu a Amélia fugir, sem responder. Quando, terminada a quadrilha, voltou a seu lugar, ficou sem ação. Ela tinha se comprometido ou não a dançar a seguinte quadrilha com Leopoldo? Não respondera, é certo; mas lembrava-se vagamente de ter feito uma leve inclinação com a cabeça. Sem dúvida o moço vira esse movimento e o entendera como uma aceitação.

Quando um de seus inúmeros admiradores vinha pedir-lhe a próxima quadrilha, ela respondia hesitando que já tinha par; mas quando o pretendente se afastava, arrependia-se de não



o ter aceitado e terminado assim o compromisso silencioso; e ficava ansiosa por outro convite. Entretanto novo par se apresentava e recebia a mesma recusa.

Nesse jogo, repetido muitas vezes, passou o intervalo. O piano iniciou a quadrilha; Leopoldo se aproximou de Amélia, e, inclinando-se, sentiu no seu movimento o braço quente de Amélia. A moça não teve consciência do que se passou até o momento em que o moço a conduziu a seu lugar. Lembrava-se apenas de que seu par lhe falara por muito tempo, com a voz baixa, porém muito emocionada.

Fora desse jeito. Passada a primeira confusão da quadrilha, Leopoldo, fitando o olhar na moça, falou a ela dos sentimentos que lhe tumultuavam dentro da alma. Com a fronte baixa e as faces vermelhas, Amélia parecia absorvida e concentrada enquanto o moço falava. Podia-se dizer que ela não o ouvia.

— A senhora acredita, D. Amélia, na atração irresistível, que aproxima duas almas entre si e as chama fatalmente a se unirem e absorverem uma na outra?... Eu acreditava nessa força misteriosa, mas ainda não tinha chegado o momento de experimentá-la em mim; de sentir em meu ser este elo divino que prende as almas no tempo e na matéria. Senti-o há vinte dias, quando a vi pela primeira vez, quando a senhora se revelou ao meu coração.

Leopoldo descreveu as emoções que sentira, na ocasião de seu primeiro encontro com Amélia; a impressão que ela deixara em seu espírito; e os sonhos que alimentara sua imaginação nos dias seguintes.

— Tive então, continuou o jovem em um tom profundo e comovido, tive então, e depois, a prova de que esse sentimento de meu ser, minha existência se apagando para ser absorvida por outra, era a atração moral e nada mais. Via, admirava, adorava na senhora uma coisa somente: sua alma. Não sabia, ainda hoje não sei, se a mulher que eu amo é bonita para os outros; sei que para mim é de uma beleza divina. Se ela perdesse a graça e a beleza que seduz aos outros, para mim seria a mesma; eu iria adorá-la com a mesma intensidade. Sua alma é filha de Deus e, como Ele, de uma beleza imortal. É uma estrela que não tem eclipse.

Leopoldo inclinou a fronte para falar quase ao ouvido da moça:

— Julgava impossível amar o horrível. Agora reconheço que tudo é possível ao amor verdadeiro, ao amor puro e imaterial. Não só reconheço, mas sinto-me capaz de nutrir uma dessas paixões sacrificadas! Oh! sinto-me capaz de amar o anjo mesmo encarnado em um aleijão!...

Leopoldo falou ainda por muito tempo de seu amor a Amélia, sem que ela se animasse a interrompê-lo. Aquela palavra ardente, apaixonada, embora disfarçada por certo pudor da alma, a dominava; ela não tinha coragem, nem mesmo vontade de fugir da sua influência.

Quando Amélia, conduzida por Leopoldo, se dirigia a uma cadeira, D. Clementina aproximou-se:

— Ah! Eu queria apresentá-lo, disse a Leopoldo; mas não teve paciência para esperar.

Depois aproximando-se do ouvido de Amélia, perguntou-lhe:

— Então? Não lhe disse que a achava muito bonita?

— Ao contrário, D. Clementina; deu-me a entender que me acha horrível.

— Que é isso!

— Exatamente!

— É impossível.

Amélia, sentando-se, buscou a lembrança de Horácio, para comparar no seu espírito o elegante leão e o estranho jovem com quem acabava de dançar. Um tinha todas as virtudes que seduzem a imaginação: era bonito, vestia-se de forma elegante, conversava com muita graça. O outro não possuía nenhum desses atrativos; seu exterior desfazia as belezas; quando falava plantava a tristeza no espírito dos que o escutavam.

A moça não entendia que se preferisse Leopoldo a Horácio; e apesar disso não podia fugir completamente da influência daquela imagem pálida, que lhe aparecia no meio dos sonhos mais brilhantes.

Muitas vezes, depois de algumas horas agradáveis passadas junto do leão, quando a moça, no seu quarto, repassava na memória os doces gestos de amor que ainda ouvia, de repente surgia a lembrança de Leopoldo. Parecia-lhe então que do rosto do jovem se desprendia uma sombra para cobrir seus pensamentos risonhos.

Horácio, sabendo onde Amélia passava as noites em que ele não a via, mostrara desejos de **frequentar** a casa de

D. Clementina; a moça, porém, opôs-se. Duas razões influenciaram seu espírito.

Aquela casa servia-lhe de proteção contra a sedução que a elegância de Horácio exercia em seu espírito. Quando se sentia vencida, fugia para ali, onde refazia as forças para resistir e domar completamente o leão, convencido de suas conquistas passadas.

Era essa uma das razões; a outra era o medo de achar-se em face dos dois moços, repartida entre a sedução de um e a fascinação do outro. Pressentia que desse conflito resultaria em alguma coisa, que ela não podia definir, mas que a enchia de sustos e inquietações.

Por isso exigiu de Horácio que não fosse à casa de D. Clementina:

— Costumam ir lá algumas dessas pessoas que se ocupam em inventar novidades. Sua apresentação, Sr. Horácio, daria motivo a algum romance.

— Mas por que ainda frequenta aquela casa?

— Pedidos... você sabe; nem sempre uma pessoa pode recusar. Mas se o senhor aparecer lá, eu deixarei de ir.

— Fique tranquila.

Amélia continuou a passar de vez em quando uma noite na casa de D. Clementina. No começo não tinha dia certo, e por isso que Leopoldo desencontrou-se dela duas vezes. Uma noite, porém, o moço perguntou-lhe:

— Vem sábado?

— Talvez.

A partir daí o sábado ficou sendo o dia escolhido, a menos que a dona da casa não avisasse que iria haver alguma partida. Nunca mais houve desencontro; Amélia achava sempre o jovem no seu posto, em frente da porta para vê-la entrar.

Em uma dessas noites aconteceu um incidente que é preciso descrever.

Falava-se a respeito de uma senhora casada, a quem o marido causava sérios desgostos. Uma pessoa que sabia das intimidades dessa família explicava o fato à sua maneira.

— Ela era muito linda, o marido a adorava; casou-se por paixão. Poucos dias depois de casada, ela teve uma grave doença que a reduziu àquele estado. Não há paixão que resista!

— Realmente, sabe ser feia!

— Ninguém acreditará que foi bonita.

A Pata da Gazela

— Pois foi uma beleza.

Leopoldo, que ouvia calado, interveio:

— O marido nunca a amou!

— Digo com segurança que teve uma paixão louca.

— E eu afirmo-lhe que não; que ele nunca teve paixão pela mulher. O que ele adorava era unicamente a sua beleza, a forma; isto é, um acidente. O homem que ama a mulher destinada a ser a companheira de sua existência, o complemento de seu ser imperfeito, não despreza essa mulher porque a desgraça estragou a forma material de sua alma. Ele pode sofrer com aquela desgraça; mas deve dobrar o amor e a adoração, para que nem seus olhos vejam o defeito, nem ela, a mulher amada, se lembre nunca de que o tem para ele, embora o tenha bem claro para os indiferentes.

— É bonito de dizer!, interferiu um apreciador das mulheres bonitas.

— Todos dizem o mesmo, mas fogem das feias, observou uma senhora idosa, talvez por experiência própria.

— O que eu digo, minha senhora, já o experimentei em mim mesmo, replicou Leopoldo.

— Ah!

O jovem pôs em Amélia um olhar cheio de expressão e disse com a palavra lenta e calma:

— É verdade; já o experimentei em mim. Por que ocultá-lo? Minha alma já passou por esta dura prova, e saiu vencedora. Hoje sei que tenho forças para amar até os defeitos da mulher que Deus me destinou.

Amélia perturbou-se com aquelas palavras e com o olhar ardente que parecia gravá-las em sua alma. Nessa noite **retirou-se** pensativa; e por muito tempo a figura pálida de Leopoldo apareceu na penumbra de sua cama de virgem.

## Capítulo X

Pela manhã se desfizeram essas névoas que a noite antecedente deixara no espírito de Amélia.

Era domingo. A moça, vestida com seu roupão claro, com os cabelos soltos pelos ombros, encostou o rosto à vidraça da janela. Afastando a cortina de tecido fino branco, podia enxergar perfeitamente a rua, sem que de fora vissem sua graciosa desarrumação.

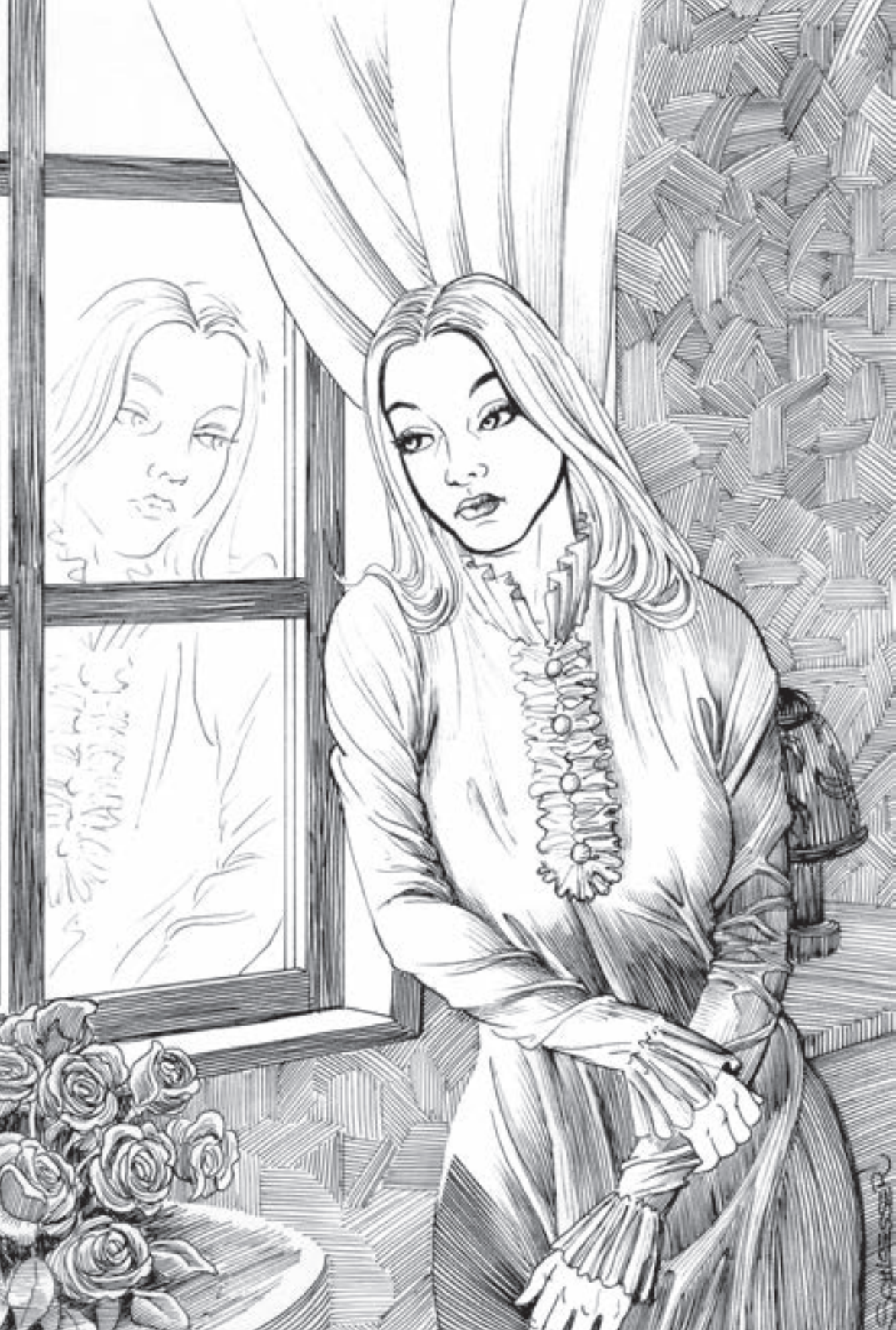
Não demorou e se ouviu barulho de pisadas de cavalo. Era o leão que ia dar seu passeio matinal. Vendo agitar-se a cortina e desenhar-se no vidro a ponta de uns dedos cor-de-rosa, Horácio cumprimentou enviando um sorriso à janela.

À noite o moço dirigiu-se à casa do Sales; Amélia o esperava. A sala estava cheia de visitas. Entrando, o olhar de Horácio encontrou um olhar terno que o saudava de longe.

Mas o sorriso se desfez com a perturbação que de repente sentiu a moça. A vista do leão tinha descido até o tapete e se fixara com uma insistência visível na borda do vestido, ligeiramente arregaçada. Horácio julgou que pudesse ver a ponta do pezinho que idolatrava.

A moça concertou as dobras da saia de modo a não permitir o olhar curioso; e disfarçou conversando com uma amiga.

Desde o começo Amélia notara aquele vício de Horácio.



Quando ela pensava que ele estava envolvido em seus encantos, mais rendido à sua beleza, surpreendia o olhar do moço a rastejar pelo chão, procurando insinuar-se por baixo da orla de seu vestido.

Muitas vezes ela perdia os seus sorrisos cheios de afeto, porque o moço, em vez de procurar no rosto a esperança de ser amado, esquecia-se buscando sobre o tapete alguma **ideia** que não revelava. Já acontecera ao leão ter se distraído quando ela tocava e, com a atenção presa no pedal, nem ouvir a peça de música.

Horácio a amava sem dúvida; já lhe tinha dado provas de que sentia por ela uma paixão forte. Ele, o rei da moda, o festejado conquistador, para quem todas as portas e todos os corações se abriam como a gruta encantada de Aladino<sup>26</sup>, a uma só palavra; ele estava ali escravo da vontade dela e preso ao seu carro da vitória. Há prova mais incontestável de amor profundo de que essa submissão por livre vontade do convencido leão?

A força nunca se revela tanto como no controle de si mesma, no vigor com que se domina. Hércules, fiando aos pés de Onfale, é o último canto, o capítulo final sublime da **epopeia** da força humana. Exterminando a fera, a natureza, e até os deuses, Hércules foi grande; abatendo a si mesmo, foi maior, porque venceu o vencedor<sup>27</sup>.

Amélia compreendia que homenagem convincente à sua beleza havia naquela adoração do elegante jovem; sentia-se orgulhosa desse amor, que tantas mulheres tinham inveja; considerava-se rainha, quando via jogado e humilde a seus pés o rei da moda.

Mas lá no íntimo alguma coisa lhe incomodava quando notava a insistência com que o olhar de Horácio procurava a borda de seu vestido. Nesses momentos sentia na alma um alvoroço; chegava a suspeitar que Horácio não a amava e estava zombando dela com uma paixão fingida.

A verdade, porém, é a que sabemos. Horácio tinha paixão louca pelo pezinho de que só conhecia a botinha e o rastro; paquerando Amélia, ele cultuava o deus desconhecido, que

---

<sup>26</sup> Referência ao personagem da literatura árabe Aladino, que é levado a uma gruta e lá vive aventuras mágicas.

<sup>27</sup> Referência ao herói grego de Hércules e Onfale, rainha da Líbia a quem Hércules fora obrigado pelos deuses a servir.

adorava sob aquela forma encantadora. Pelo cuidado que tinha a moça em não desfazer os babados de seu vestido comprido demais, ele conheceu o zelo com que a dona escondia o tesouro. Contudo não se desesperou; o cuidado da moça havia de adormecer um momento; podia mesmo ocorrer um acidente inesperado que realizasse a sua mais cara esperança.

Até aquela noite todos os esforços tinham se frustrado; a moça combatia a sua insistência com a perseverança do capricho feminino. Quanto mais atento ele estava para aproveitar qualquer descuido, mais alerta ela ficava para não cometer a mínima falta. Horácio, porém, resolveu dar o golpe; e, com essa intenção, fora à casa de Sales, no domingo em que estamos.

Quando surgiu oportunidade, teve com Amélia, encostada à janela, o seguinte diálogo:

— Como é bonita!, ele disse contemplando a moça com paixão.

— Ainda não tinha percebido?, ela perguntou irônica.

— Não, D. Amélia, não; porque de cada vez a acho mais bonita; todos os dias a senhora muda a meus olhos; torna-se outra, mais linda, mais charmosa do que era aquela que eu conhecia anteriormente. Como hoje, acredite, nunca a vi.

— O que eu tenho demais?

— Não sei; tem uma auréola de beleza! Seus olhos atiram raios de luz tão pura; sua boca sorri como a flor nascendo, que abriu com o frescor da noite. Os anéis de seus cabelos castanhos parecem repletos de um fluido misterioso, que se derrama nas coisas ao redor. Mas de toda a sua beleza há uma coisa que eu admiro mais, que eu adoro. Não é nem seus olhos brilhantes, nem seus lábios graciosos, nem sua figura elegante, nem suas tranças tão imponentes; não é nada disto!

— O que é então?

— Para que dizê-lo? Para que revelar a minha paixão para quem zomba dela? Se eu o confessasse, acabariam o suplício que tenho sofrido, as ânsias que estou sentindo? Não; aumentariam, se isso fosse possível. A senhora teria prazer em me torturar ainda mais.

— Explique-se: confesso que não o entendo. Que suplício o senhor tem sofrido?

— A mulher é caprichosa, muitas vezes faz sofrer aquele que a ama sinceramente, e só pelo prazer de não ceder. Uma coisa inocente, um favor pequenino... permite aos estranhos e



indiferentes, e entretanto recusa ao homem que morre de paixão por ela. Não é uma crueldade? A senhora pergunta, D. Amélia, que suplício eu tenho sofrido. Este, de ser consumido a fogo lento por um desejo, que um gesto seu podia tornar em prazer infinito!

A moça, com as faces incendiadas, lutava no alvoroço e confusão que iam se apoderando em toda sua pessoa.

— Entende agora, D. Amélia?

— Não!, murmurou trêmula.

— Pois não percebeu ainda que há uma coisa que eu amo mais na senhora? Tanto percebeu, que fez o propósito de escondê-la a meus olhos, cansados de a procurarem a cada instante. Não está contente ainda de me ver arrastando assim a alma pela terra, no inútil desejo de ver de longe o objeto de minhas adorações?

O leão fitou um olhar fascinador na moça.

— Para que negar, D. Amélia? A senhora sabe e finge não saber para me torturar mais.

— Eu, não!

— A senhora sabe por quem deliro de paixão, por quem darei a minha vida sem hesitar. Se não soubesse, eu já teria visto e admirado esse pezinho gracioso, que me mata com seu rigor.

Uma visita que entrava na sala deu a Amélia uma desculpa para fugir, disfarçando sua vergonha e perturbação, no calor da recepção das senhoras que chegavam.

Ao retirar-se, Horácio achou que era o momento de trocar uma palavra com a moça, enquanto lhe apertava a mão:

— Não seja cruel!

— Oh! Cruel não sou eu, respondeu a moça com expressão de ressentimento.

Mais tarde, em sua cama, enquanto desfazia o penteado, soltando os lindos anéis do cabelo castanho, Amélia lembrou-se das palavras apaixonadas que ouvira de Leopoldo na véspera e comparou-as com as queixas de Horácio. A linguagem do primeiro tinha a **eloquência** da paixão: parecia vir do íntimo, do mais profundo do coração. A linguagem do segundo tinha a graça da sedução: era a vibração passageira das cordas da alma.

Mas a palavra do leão vinha envolvida em um sorriso gracioso, sombreado por um bigode fino e elegante! Durante uma semana, Amélia não viu Horácio, por uma razão muito simples.

A Pata da Gazela

O moço, aborrecido, não apareceu durante dois dias; quando resolveu aparecer, a moça magoada inventou um incômodo e não desceu para a sala de visita, pelo dobro do tempo. Se Horácio sustentasse a luta, podia haver sério rompimento.

O leão, porém, estava domado; tinha achado a sua deusa. No quinto dia foi humildemente declarar-se à dona de seu coração. Amélia o recebeu como uma rainha; e tratou-o nesse dia com muita simpatia. Pela primeira vez, Horácio pôde beijar a ponta dos seus dedos. Animado com esse acolhimento, o leão arriscou de novo a grande questão. Fitando o olhar no rosto da moça e abaixando-o à orla do vestido, disse em tom suplicante:

— Me deixa ver?

— Não, respondeu a moça com vivacidade, mudando de aspecto.

— Quando vai parar com este capricho?

— Nunca.

Horácio teve um ataque de impaciência.

— Bem. Não quer mostrar a mim, Horácio de Almeida; pois há de mostrá-lo a uma pessoa.

— A quem?, perguntou a moça irritada.

— A seu marido.

Amélia ficou pálida e sentiu uma tontura passar nos seus olhos; mas logo apegou-se à **ideia** de que as palavras de Horácio não passavam de uma cantada.

— Se algum dia me casar, ela respondeu sorrindo, será com a condição de não mostrar.

— Vamos discutir essa condição.

— Vamos mudar de conversa?

— Como quiser; temos muito tempo para continuá-la.

Enquanto Amélia o olhava surpresa, Horácio, voltando-se para o grupo das senhoras, entrou na conversação geral.

— Já sabem a novidade, minhas senhoras?

— Qual delas? Há tantas.

— A novidade nova, a ultimamente inventada, que eu acabo de receber em primeira mão, no caminho para aqui.

— Algum casamento, aposto.

— E eu sei de quem.

— Não adivinhou. Talvez a novidade de amanhã seja algum casamento; quem sabe?, respondeu Horácio, lançando um olhar para Amélia. Mas a novidade de hoje é apenas um baile, um baile grandioso.

— Onde?

— No Cassino?

— No clube?

— Na casa de Azevedo.

— É verdade! Eu já tinha ouvido dizer!

— A senhora quer fazer velha a minha novidade. O que se dizia era que o Azevedo tinha intenção de dar um baile, mas daí à realização tem uma grande distância. Eu desejo muita coisa que não alcanço, nem ao menos posso ver. Foi hoje e ao jantar que se resolveu a grande questão, por ocasião de uma saúde. Um amigo que vinha de lá, encontrando-me a dois passos daqui, me deu a notícia do grande acontecimento. Portanto, minhas senhoras, preparem-se!

— Quando é o dia?

— No primeiro dia do próximo mês. Ponham desde já de prontidão as lojas e modistas; eu, o que posso é me oferecer com muito gosto para admirá-las todas e achar cada uma mais elegante do que as outras juntas. Se Paris tivesse me ouvido, não haveria guerra de Troia.

— Nem Homero por consequência, emendou um literato.

— Homeros sempre existem. Quando não encontram os heróis já feitos, inventam-nos, e com tal habilidade que esses grandes homens falsos parecem verdadeiros, como os coques das moças. O mesmo sucede com os Anacreontes, cuja raça é muito maior; quando não acham ninfas para cantar, qualquer bruxa serve de pretexto ou de cabide para pendurarem os versos.

Amélia ficara triste e preocupada; escutava a palavra do moço com um sentimento indefinível de angústia; parecia-lhe que era seu amor por ela, que Horácio rasgava aos pedacinhos, como uma página querida, abandonando-os ao sopro do vento, ao capricho daquela conversa.

Uma amiga, reparando na tristeza da filha de Sales e no olhar que em certa ocasião lhe deitara Horácio, disse ao ouvido da moça sentada a seu lado:

— Amélia ficou sem jeito!

— Como?

— Creio que Horácio está com outra.

— Quem lhe disse?

— A tristeza de Amélia e o olhar que o sujeito lhe lançou, quando falava de um casamento que se há de saber amanhã.

A Pata da Gazela

— É verdade. Com quem será?

— Naturalmente com alguma fazendeira de mil contos. Depois que saírem da igreja, o marido leva-a para o colégio do Hitchings<sup>28</sup> e deixa-a lá como pensionista, enquanto ele vai a Paris aperfeiçoar-se na escola dos maridos.

Esta senhora é uma piada viva; sua conversa parece um fogo de artifício; pode-se dizer que a sua graciosa roupa é toda composta de alfinetes, que ela vai deixando em sua passagem junto com sorrisos cheios de açúcar, como confetes de Carnaval.

Oculto seu nome porque é muito conhecida na boa sociedade do Rio de Janeiro, e não quero comprometê-la com os noivos presentes e futuros das fazendeiras ricas.

Depois de ter durante alguns instantes ainda salpicado a conversa com sua palavra elegante e brincalhona, Horácio tomou o chapéu e retirou-se.

Não eram nove horas; esta circunstância entristeceu mais Amélia e mais chamou a atenção da moça maliciosa.

À porta da casa de Sales, Horácio encontrou sua carruagem. Mandou o cocheiro esperá-lo no Largo do Machado, e ele, tendo acendido o charuto e vestido o sobretudo, seguiu a pé. Queria pensar.

Horácio pertencia à escola daqueles que entendem que nunca é tarde para o homem se arrepender de um compromisso. Ele compreendia o ditado “os dados estão lançados” desta forma prudente e razoável. César, tendo lançado a ponte sobre o rio Rubicão, via a ditadura em Roma de longe e mais tarde o vermelho imperial, portanto fez ele muito bem em passar, principalmente porque que o rio já não era obstáculo. Mas, se, em vez do poder, César encontrasse no caminho a derrota, a ponte lançada lhe serviria para voltar às suas terras, e ele teria o cuidado de queimá-la depois que tornasse a passar.

Como César, ele tinha lançado a ponte com aquela palavra dita a Amélia, em um momento de despeito. Devia, porém, atravessar o rio Rubicão do casamento?

Era sobre questão tão importante que o leão queria refletir, fazendo a pé o trajeto entre as Laranjeiras e o Largo do Machado.

“O casamento é a punição de Prometeu”, pensava ele;

---

<sup>28</sup> Estabelecimento de ensino do Rio de Janeiro nos anos 1800 especializado em línguas, belas artes e ciências.



A Pata da Gazela

“um homem amarrado ao rochedo da família, com o coração devorado pelo tédio; uma criatura dividida em duas metades, que se contrariam a cada instante, porque estão ligadas. Em vez do romance, do poema amoroso, do drama, a narrativa monótona de uma história que se lê todos os dias. Esse prazer incomparável de se sentir todo dentro de si, de resumir-se no seu único eu, de dispor livremente de sua pessoa e de sua vida, não o tem o marido a menos que seja um canalha. O casamento alarga a superfície da alma; em vez de sofrer no seu coração apenas, sofre-se na mulher, no filho e em cada um dos fios dessa grande teia humana que se chama família”.

Horácio lembrou-se de alguns de seus amigos que haviam casado, e achou nessas lembranças a prova de sua opinião.

“O casamento é tudo isso; mas, que importa, não há outro meio de realizar o meu desejo e satisfazer esta paixão ardente e forte? Daria a vida inteira, e sem hesitar, pela felicidade que eu sonho. Pois, se eu a daria de uma vez, por que não a emprestarei sob hipoteca?”

Tendo chegado ao Largo do Machado, o moço entrou no carro, que o conduziu a casa. Lá, contemplando a graciosa bota, guardada como uma relíquia, teve cada vez mais certeza da sua resolução.

## Capítulo XI

Eram onze horas da manhã.

Amélia estudava os exercícios no piano. As janelas meio fechadas deixavam entrar uma claridade coada pelo tecido transparente das cortinas. Nesse pôr do sol artificial, a beleza da moça tomava uns tons suaves e meigos, que seduziam mais.

Os lindos cabelos, ainda úmidos do banho, cobriam-lhe os ombros de uma túnica de veludo castanho. O vestido de tecido fino que usava no seu desalinho matutino, aconchegado à pele, coloria-se com os reflexos rosados do colo gracioso.

Tanta graça e beleza, realçadas pela roupa singela e pela naturalidade da posição, ficavam ali ocultas na doce penumbra da sala e escondidas da admiração. Às duas horas Amélia costumava subir ao seu quarto para se pentear; e o gracioso desalinho desaparecia, substituído por uma vestimenta mais apurada e elegante. Era a flor delicada que o vento espalha na mata e passa rápida e desconhecida.

Tantas moças gastam enorme quantidade de sorrisos, de olhares e gestos, e usam da seda, da renda e da moda para realçarem sua beleza! Mal sabem que nunca elas são tão bonitas e feiticeiras como em certo momento de sedutora desatenção com a aparência, quando parece que a beleza floresce de seu gracioso botão.

A Pata da Gazela

---

A porta da sala abriu-se e entrou o Sr. Sales Pereira.

O aspecto do negociante era preocupado; mas uma preocupação serena que anuncia um problema agradável. Trazia na mão uma carta aberta.

Amélia assustou-se vendo o pai entrar na sala, pois ela pensava que ele estava na cidade. Como todos os negociantes, o Sr. Sales Pereira passava a manhã em seu escritório; partia logo depois do almoço e só voltava à hora do jantar. A surpresa da moça era pois natural.

— Ah! papai!, exclamara ela, ouvindo o barulho da porta. Já veio do escritório?

— Ainda não fui, respondeu Sales Pereira sorrindo. Recebi uma carta, que me obrigou a ficar até agora para conversar com tua mãe e... contigo, a quem mais interessa.

— A mim? O que será, papai? Algum convite de baile?

— Lê, disse o negociante apresentando-lhe a carta.

Amélia correu os olhos pelo papel, e seu rosto cobriu-se de vermelho. O coração palpitava com tanta força que desenhava no tecido o contorno dos lindos seios.

A carta era de Horácio, que pedia ao negociante a mão da filha.

Acabando de ler, a moça de olhos baixos e o corpo trêmulo parecia esconder-se com sua inocência para não encarar o olhar terno e curioso de seu pai. Nesse momento ela desejava, se fosse possível, esconder-se dentro de si mesma.

— Que eu devo responder, Amélia?, perguntou o negociante.

— O que quiser, papai!, falou sem segurança a menina.

— Estás certa de que meu desejo é o teu? Se eu não aceitar a honra que nos quer fazer o Sr. Horácio de Almeida?

As pálpebras da moça ergueram-se, desvendando seus olhos puros.

— O senhor não acha bom?

— Se ele for indiferente para você, eu por mim não tenho grande vontade. É um excelente moço; mas anda com certas companhias que não me agradam.

— Que companhias, papai?

— De moços da moda.

— Porque é solteiro.

— Então o que decides?

— Se o senhor e a mamãe desejam, eu...

— Nós não desejamos coisa alguma; queremos saber tua vontade.



Amélia calou.

— Bem, já vejo que não é de teu gosto. Vou responder ao homem com um não.

Sales Pereira encaminhou-se para a porta.

— Mas, papai!..., murmurou a moça.

— Sim?... Fala, que já demorei muito. Quase meio-dia!

— Vai responder já?

— Já.

— Deixe para amanhã.

— Nada; são coisas que se decidem logo.

— O que vai responder então?

— Que não.

— Mas eu não disse isto!

— Tu não disseste nada.

— Pois, se eu não gostasse, diria logo.

— Ah!, neste caso, gostou?

Amélia sorrindo concordou com a cabeça.

— Não entendo esta linguagem. Vamos saber. Amas Horácio?

A moça fez um grande esforço:

— Amo!, ela disse escondendo o rosto no peito do pai.

O negociante beijou-a na testa com ternura e carinho.

— Ah!, minha manhosa, não queria confessar o que tinha aqui dentro deste coraçãozinho! E eu que pensava que ele só queria bem a mim?

— Oh!, papai!

— Bem, bem, não tenho ciúmes! Vai consolar tua mãe, que eu vou responder ao homem mais feliz deste Rio de Janeiro.

O negociante voltou ao gabinete, e Amélia dirigiu-se ao interior da casa. Sua mãe estava no quarto, com os olhos ainda úmidos de lágrimas. Quem não conhece essas lágrimas abençoadas, que a mãe derrama pelos filhos, e que são remédio para as aflições e orvalhos para as flores do destino?

D. Leonor beijou a filha e aproximou-a do seu seio como se tivesse medo de que lhe arrancassem dos braços. Seu coração ora alegrava-se com a felicidade próxima da moça, ora se entristecia com a lembrança da separação.

De repente, Amélia se agitou com uma **ideia** que lhe veio; e, deixando a mãe, correu ao gabinete do negociante. Achou-o sentado à escrivaninha, terminando a carta.

O pai sorriu vendo a filha entrar.

A Pata da Gazela

— Curiosa!

— Já acabou?, disse a moça encostando-se levemente à poltrona.

— Vê se tu gostas, disse o Sales abraçando a cintura dela com o braço.

Amélia leu a carta rapidamente; ela já sabia antes de ler que faltava alguma coisa.

— Então, que tal?, perguntou o negociante com certa vaidade.

— Está muito boa, papai. Só acho uma coisa.

— O quê?

O negociante sofreu uma decepção. Pensava ter feito uma obra-prima com aquela carta, escrita em seu mais belo estilo comercial, mas recheada de manifestações sentimentais.

— Não acha, papai, que ele ficará todo cheio de si, obtendo logo, assim com tanta facilidade, o que deseja? A carta é de hoje; responder no mesmo dia... mostra vontade demais.

— Que mal tem isso? Para que deixá-lo na dúvida, quando se pode torná-lo feliz agora?

— Papai, o senhor pensa que ele duvida?

— Ah! Já sabe então! Muito bem!

— Eu não lhe disse nada, papai.

— Então como sabe ele? Adivinhou?

— Não adivinhou nada. O senhor sabe como são esses senhores da moda; acham que todas as moças andam morrendo por eles e que a dificuldade está somente em escolher. Como eu não quero que o Sr. Horácio ache que sou uma de suas conquistas, estou resolvida, papai, a pensar bem durante quinze dias, antes de dar a resposta.

— Portanto, esta carta não serve, disse o Sales com um suspiro.

— Vai servir, mas daqui a quinze dias. Agora o senhor deve dizer apenas que, tendo me consultado, eu pedi algum tempo para dar a resposta.

O negociante escreveu, e Amélia esperou até que a carta foi mandada por um criado.

Momentos depois, Sales saía para a cidade, e Amélia entrava em seu quarto, cantando trechos de óperas e romances. Não se podia dizer que estivesse alegre, apesar do tom alegre com que modulava os sons e do riso que soava em seus lábios.

O que ela sentia era uma inquietação íntima, uma impaciente

agitação, estado indefinível da alma tomada por mil desejos e contida por mil receios.

Vejamos se é possível descobrir o que passava ali, dentro daquele belo seio.

Desfeita a primeira emoção produzida pela carta de Horácio, Amélia recordara-se do que tinha ocorrido na véspera, e, sobretudo, das palavras ditas pelo moço. Sua vaidade **revoltou-se** como era natural.

“Vou mostrar-lhe que não basta querer, para ser meu marido; e que não basta ser meu marido para ver...”

Foi então que se dirigiu ao gabinete do pai e adiou a resposta definitiva. Voltando, sentiu lá num cantinho do coração uns medos que estavam nascendo. Será que Horácio não iria se zangar com a demora e retirar o pedido? Quinze dias talvez fossem demais.

Essa era o estado de ânimo de Amélia: orgulho de ver jogado aos seus pés o rei da moda; prazer por fazê-lo esperar uma palavra sua durante muitos dias; arrependimento do que fizera; susto do que podia acontecer; satisfação pela sorte que sorria; tais foram os sentimentos que se encontravam na alma da moça.

Nessa tarde, Amélia preparou-se com mais cuidado do que se fosse a um baile. Seus enfeites simples, um modesto vestido branco com fitas azuis, tomou-lhe mais tempo do que não levaria para vestir uma roupa cara.

Ela esperava Horácio.

Passou a noite toda indo do sofá para a janela e da janela à mesinha, onde estava o relógio.

As horas se passaram, sem que o carro do moço parasse à porta do negociante.

No dia seguinte, Amélia perguntou ao criado se a carta fora entregue a Horácio.

— Entreguei em mão, quando entrava no carro.

— E ele disse o quê?

— Nada; leu e riu.

“Ah!, ele riu”, murmurou Amélia consigo. “Pois eu lhe mostrarei.”

Desde então, com sua vaidade ferida, os sustos desapareceram. Estava decidida a não aceitar o pedido. Depois de vencido, Horácio ainda tentava resistir? Pois iria dominá-lo completamente.

À noite foi à casa de D. Clementina, onde estavam reunidas

as amigas de sempre. Leopoldo estava ali também e cumprimentou-a com um modo triste e tímido.

Deve existir uma corrente magnética entre os homens, um fluido que serve de veículo ao pensamento desconhecido e ainda não divulgado. Não se explicam de outro modo certas revelações de um fato somente conhecido de poucas pessoas e não divulgado. A emoção, que desperta esse fato na alma de alguns, repercute na alma de outros e produz uma espécie de intuição.

Na casa de D. Clementina já se sabia que Amélia tinha sido pedida em casamento, embora se ignorasse o nome do pretendente, talvez por não ser conhecido das pessoas presentes. Sales Pereira, a mulher e a filha não tinham dito a menor palavra sobre o que tinha na carta de Horácio; mas a impressão produzida por essa carta, a preocupação que tinha deixado nas pessoas da família, as conversas íntimas e tímidas não escaparam aos escravos.

Daí gerou-se o boato, que já tinha passado à casa de D. Clementina.

— Ah!, chegou a Amélia Sales! Sabia que vai se casar? Já foi pedida, disse uma senhora a Leopoldo.

— Não, senhora, não sabia, respondeu o moço com raiva, mas sem se perturbar.

— Com quem?, perguntou outra moça.

— Com um moço bonito e rico. Disseram-me o nome, mas já não me lembro.

Nisso Amélia entrou na sala, onde foi muito festejada pelas amigas e conhecidas.

As referências e as piadas a respeito do segredo incomodaram a moça, embora por outro lado lhe causassem certa vaidade.

Pelo meio da noite, Leopoldo aproximou-se de Amélia para dançar. Tinham dançado a primeira dança sem trocar uma palavra; afinal o jovem rompeu o silêncio:

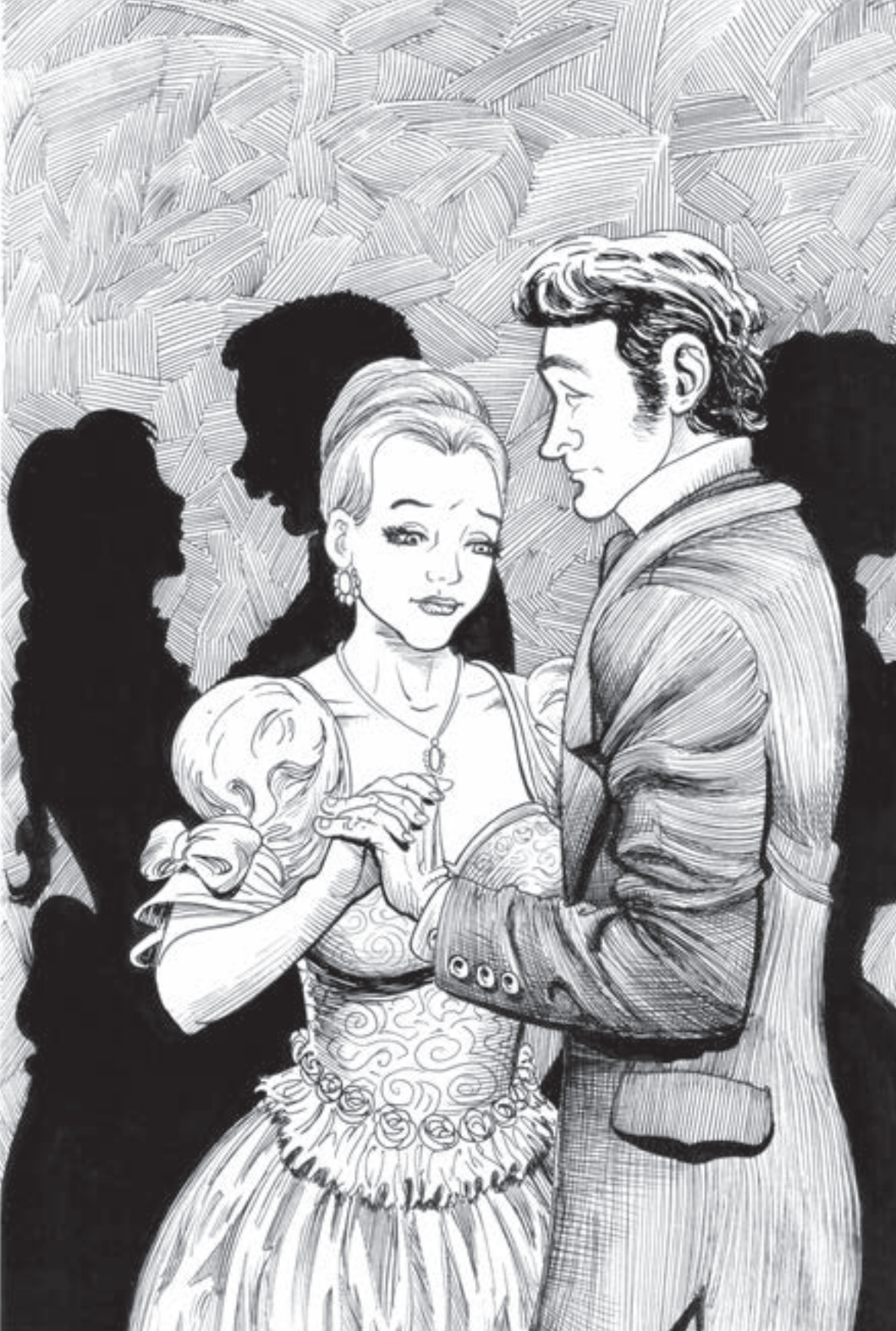
— É verdade que foi pedida em casamento?

Amélia ficou pálida; quis disfarçar a pergunta, mas encontrou o olhar de Leopoldo, olhar tão doce e sincero, que não pensou em enganá-lo.

— É verdade, murmurou em voz quase imperceptível. Mas ainda não respondi.

— Desejo que seja muito feliz.

— Obrigada.



A Pata da Gazela

Amélia ficou surpresa; ela achava que Leopoldo tinha grande paixão por ela e que sentiria profunda tristeza, até mesmo desespero, com a notícia de seu casamento. Em vez disso, o jovem mostrava aceitar calmamente.

— Quando comecei a amá-la, D. Amélia, disse Leopoldo depois de alguns instantes, acreditei na felicidade, e pensei que iria alcançá-la neste mundo. Minha alma pressentiu a aproximação da irmã que Deus lhe destinara, e buscou atraí-la e colocá-la em seu seio. Mas essa ilusão se apagou logo. Soube qual era sua posição, e compreendi que a senhora não podia me pertencer. Aceitei, pois, amar somente sua alma; essa, ninguém me pode roubar, nem mesmo a senhora, porque Deus a fez para mim. Eu estava há muito tempo preparado para a notícia de seu casamento; ela não me surpreendeu, embora me entristeça. Até agora adorei sua alma, como se adora a imagem da Virgem no templo; de agora em diante terei de adorar essa alma querida, como se adora uma santa no túmulo.

Leopoldo falou por algum tempo ainda, e a moça, que no começo ficou acanhada com a notícia viva desse amor tão puro, bebia as palavras ardentes do jovem como fluido que derramava um suave calor em sua alma.

Nessa noite, ao ir dormir, ficou absorvida neste pensamento:

“Por que ele julgou impossível que eu o amasse? Sem dúvida não o amo; mas talvez... Se eu não conhecesse Horácio... Quem sabe?”

Nisto lembrou-se que já se tinham passado dois dias depois do pedido, e, portanto, faltavam treze para a decisão.

“Se ele não vier antes disso? Se não vier... respondo que não. Está decidido.”

## Capítulo XII

Correram os dias sem que Horácio aparecesse na casa do Sales Pereira. Amélia, apesar de seu esforço, não podia disfarçar a impaciência. Ela adivinhava que o leão estava magoado com a resposta, e queria obrigá-la a lhe conceder imediatamente o que pedira: a sua mão, e, com a mão, o pezinho que ele adorava.

Por vezes a moça foi até a porta do gabinete do pai, na intenção de dizer que escrevesse a Horácio o consentimento; mas voltava envergonhada de sua fraqueza; enxugava algumas lágrimas que saíam dos olhos; e fazia novos planos de não ceder.

Nestas ocasiões ela ficava olhando a imagem de Horácio com seriedade. Lembrava-se da sensualidade com que ele falava de seu amor; do sorriso sempre sedutor que tinha nos lábios e que servia para vestir a palavra alegre ou triste, zombeteira ou comovida, e finalmente da insistência em ver o seu pé.

Então vinha a Amélia a **ideia** de que no começo tinha lhe escapado: fora sua recusa à insistência do leão que o obrigara a pedi-la em casamento no dia seguinte.

“Será apenas um capricho? Não terá ele verdadeiro amor por mim?... Se não me engano, o que ele ama em mim não sou eu, mas uma mulher que imaginou; sirvo apenas de pretexto, como tantas outras antes de mim.”

O resultado destas observações era a moça decidir por

não aceitar o pedido de Horácio. Mas quando seu pai lhe perguntava sorrindo:

— Ainda não?

Ela corava, abanava a cabeça e fugia, dizendo consigo que ainda faltavam alguns dias para o prazo marcado.

Para ocupar as noites e distrair o espírito dessa preocupação aumentou as visitas à casa de D. Clementina. Ali, com o olhar profundo e a palavra **eloquente** de Leopoldo, esquecia as contrariedades e inquietações. Na volta trazia algumas doces lembranças, e sobretudo uma certa decisão no coração, que durava algum tempo e a protegia de suas preocupações anteriores.

Já haviam passado doze dias depois da carta, e Amélia estava mais do que nunca resolvida a romper com Horácio, quando se deu um encontro entre ambos.

Foi no teatro.

Amélia, que no começo evitou as ocasiões de encontrar-se com Horácio, lembrou-se que sua presença podia provocá-lo e pediu ao seu pai que a levasse ao espetáculo. Subindo a escada do Teatro Lírico, avistou Horácio, que vinha do lado oposto.

Apesar de estar prevenida, a moça sofreu um abalo; mas pôde recuperar-se antes que o leão percebesse sua presença. Foi com arrogância e indiferença fria que ela correspondeu ao cumprimento de Horácio, sem demorar o passo enquanto ele trocava um aperto de mão com o Sales Pereira.

Esta indiferença e, sobretudo o gesto que Amélia fez para segurar o vestido quando subia o segundo lance de escadas amarraram de novo o leão ao desejo.

“Desta vez”, pensou ele, “se eu estivesse adiante, via ao menos a ponta do meu pezinho!”. Amélia teria simulado aquele gesto de propósito? É natural; ela queria dominar outra vez o escravo que tinha escapado; usava de todos os seus recursos.

Vencido, o moço acompanhou a família até a porta do camarote e ficou lá conversando com o negociante.

Entretanto, Amélia, sem lhe dar a mínima atenção, percorria com o binóculo os camarotes, trocando com a mãe observações a respeito das moças e seus lindos enfeites.

Durante o resto da noite, a moça mostrou a mesma indiferença calculada, a ponto de irritar o jovem. Apesar de se ter rendido, sentiu ele um início de revolta, e deixou sua cadeira junto à orquestra com intenção de visitar um camarote fronteiro



ao do Sales Pereira. Lá estava uma linda moça de seu conhecimento, uma das estrelas de sua coroa de rei da moda.

Iria se sentar junto dela e começaria uma conversa cheia de sorrisos, de olhares e confidências como se vê por aí nos bailes e espetáculos: verdadeira encenação de amor representada perante o público. Com esse entretenimento, Horácio comprometeria seriamente a reputação de uma senhora; mas se vingaria de Amélia, despertando-lhe ciúmes.

O leão estava quase chegando à porta do camarote quando lhe veio este pensamento:

“Faltava apenas um ato para terminar o espetáculo; se ele mostrasse afastamento, Amélia irritada continuaria com em seu desprezo durante o resto da noite; e quem sabe que decisão tomaria sob a influência desse sentimento?”

Horácio teve medo e recuou. Já tinha se submetido no começo da noite; o melhor era esperar.

Amélia, naturalmente, no fim do espetáculo, não seria tão rigorosa.

O ato tinha começado. Horácio deixou passar algum tempo e se dirigiu ao camarote de Amélia. A moça, que já tinha reparado na ausência do leão, cuja cadeira estava desocupada, adivinhou sua presença ouvindo a porta se abrir. Seu primeiro movimento foi voltar o rosto; mas conseguiu se reprimir a tempo e disfarçou dirigindo o binóculo para o fundo da sala.

Apesar da autoridade que tinha em si, Amélia estava no fim das forças. Se naquele momento Horácio fingisse uma retirada, ela não resistiria. Felizmente o leão não se lembrava disso e tinha resolvido esperar a saída para trocar algumas palavras com a moça.

Terminou o espetáculo afinal. Horácio ofereceu o braço a Amélia:

— Muito lhe ofendi com meu pedido, D. Amélia?

A moça se calou.

— Não mereço nem uma palavra sua?

— Parece que o senhor não dá muita bola para isso.

— Que injustiça!

— Quem passou tantos dias sem ela pode bem esperar ainda os dois que faltam.

— Então eu sou o culpado dessa demora! Quem me condenou a ela?

— E o senhor nem ao menos procurou encurtá-la: achou melhor esperar **tranquilamente!** Pois continue esperando.

— Mas, D. Amélia! Depois da resposta de seu pai, se eu me apresentasse em sua casa, ia me tornar chato. Pensa que não sofri, passando tantos dias sem vê-la? Ingrata! Quantas vezes, não podendo resistir, fui até a porta de sua casa e passei, guiado pelo medo de irritá-la. Se ela me amasse, pensava eu, teria aceitado logo: não o fez; quer pensar; devo deixá-la **tranquila** e respeitar a sua decisão. O que eu vou fazer lá? Obrigá-la a se aborrecer comigo.

Horácio mentia; ele tinha se ausentado da casa do Sales Pereira somente para vencer a resistência da moça através de uma falsa indiferença.

O carro do negociante aproximou-se:

— Vai sem me deixar uma esperança?

— Aqui não é o lugar de pedi-la.

— Então amanhã?

— Se quiser!

No dia seguinte, à noite, o leão estava na casa do negociante. Amélia o recebera com um resto de mágoa, que se desfez com as primeiras gentilezas. Ocorreu o que era natural: depois da privação de tantos dias, esses corações tinham sede de ternura e beberam um no outro a grandes goles.

Quando o leão se retirou, ele sabia que dois dias depois receberia oficialmente, por uma carta do negociante, o *sim* que ouvira naquela noite entre o sorriso e a timidez.

Quanto a Amélia, depois que a ausência do moço fez diminuir o encanto e deixou apenas a consciência do compromisso tomado, lembrou-se sem querer de Leopoldo, cuja imagem pálida e triste se desenhava em sua imaginação.

“Ele vai sofrer muito!”, pensou a moça suspirando.

No dia seguinte havia reunião na casa de D. Clementina. Amélia lembrou-se disso e fez questão de ir. Naquele momento julgou-se obrigada a comunicar sua última decisão a Leopoldo. Pareceu-lhe que seria desleal deixá-lo sem saber de seu casamento, até que viesse a sabê-lo por algum estranho.

Mais tarde a consciência ficou pesada. Tendo aceitado a mão de Horácio, não era bonito animar um sentimento que deixava de ser inocente. Embora nunca retribuísse a paixão de Leopoldo, podiam supor que não a rejeitava. No mais, sendo natural que Horácio fosse passar a noite em sua casa, ela ficaria muito mal, trocando sua companhia pela de um rival.

Enquanto as horas do dia passavam, estas e outras razões disputavam no espírito da moça a decisão que ela devia tomar.

Afinal interveio o coração.

“Tenho pena dele!”

E às oito horas estava na casa de D. Clementina. Nessa noite, a moça, cujo espírito jovem simpatizava com as cores frescas e risonhas, escolheu um vestuário sombrio. Era uma pretensão melancólica. Aquela menina de dezoito anos, que, na véspera, de sua vontade, se prometera a um homem elegante de seu gosto e escolha, surgia agora como vítima do dever, sacrificando-se heroicamente ao compromisso estabelecido.

Essa convicção dominava Amélia ao entrar na sala, e se revelava não só nas fitas pretas de sua roupa, como na cabeça suavemente baixa e no olhar cheio de mágoas. Ela se julgava sinceramente obrigada por uma força irresistível, que a arrancava de um amor profundo e santo, como a flor que o vento retira do tronco onde estava presa.

Leopoldo compreendeu a melancolia de Amélia e adivinhou que essa mulher estava perdida para ele, mas que sua essência divina lhe pertencia, para todo o sempre. Sentiu, pois, a mágoa da saudade, que vem antes da longa ausência. Quando se encontrariam as duas metades dessa alma, separadas pela matéria?

Pelo resto da noite Leopoldo aproximou-se de Amélia, porém só lhe falou de coisas indiferentes, ao contrário do que ela esperava. Se o moço a perguntasse a respeito do casamento, aproveitaria o momento para confessar-lhe; mas ele nem de leve tocou nesse ponto.

Quando se despediram, a moça fez um esforço.

— Já sabe?, perguntou com voz fraca e quase imperceptível.

— Adivinhei!, disse o jovem, fitando nela os olhos tristes.

Amélia ficou um instante indecisa, na frente dele, como se esperasse mais alguma palavra; Leopoldo dissera tudo naquele olhar, em que mostrara sua alma.

“Adeus!”, murmurou a moça.



## Capítulo XIII

A casa nobre de Azevedo brilhava. A melhor sociedade da Corte tinha ido ao luxuoso baile.

Toda a aristocracia, a beleza, o talento, a riqueza, a posição e até a deprimente fidalguia<sup>29</sup> estavam representadas nas ricas e vastas salas, enfeitadas com luxo e elegância: duas coisas que nem sempre se encontram reunidas.

Eram nove horas. O baile ainda não tinha começado; e notava-se na reunião a seriedade, o grande ar de cerimônia, que serve de introdução a essas festas. Os homens percorriam lentamente as salas, observando o brilho deslumbrante das pedras que formavam os lindos vestidos das senhoras; mas admirando especialmente as estrelas que brilhavam nessa Via-Láctea.

Amélia acabava de sentar.

Horácio foi logo cumprimentá-la, e elogiou o bom gosto e delicadeza de sua roupa.

Realmente não se podia imaginar um enfeite mais gracioso. O vestido era de tecido muito fino avermelhado, com partes onde brilhavam pérolas de cristal; nos cabelos castanhos trazia uma grinalda de pequenos botões de rosa, pingados de gotas de orvalho.

Um poeta diria que a moça tinha cortado sua roupa dos finos

---

<sup>29</sup> Fidalgo era um título herdado de família ou concedido por rei.

raios de sol da manhã; ou que o amanhecer, vestindo as névoas **cor-de-rosa**, tinha descido do céu para disputar as admirações da noite.

— Dançaremos a primeira música, disse Horácio.

A moça ficou tímida:

— Sim.

Laura passava. Amélia chamou-a, mostrando-lhe um lugar a seu lado. Horácio afastou-se para deixar as duas amigas à vontade; mas principalmente para poupar Laura da sua presença. Desde a noite do teatro, o leão compreendera que a moça lhe tinha antipatia.

Conversando com a amiga, Amélia descobriu defronte, no vão de uma janela, o vulto de Leopoldo, contemplando-a com um olhar profundo e intenso, que servia de escape às imaginações de sua alma. Sentindo-se sob a influência desse olhar, a moça inclinou a cabeça, como um sinal de submissão, e deixou-se ser contemplada pelo jovem.

De vez em quando procurava ler de relance no rosto de Leopoldo as impressões de seu espírito, os movimentos de sua alma. Pressentiu que o moço desejava aproximar-se dela para lhe falar, mas não se animava; a solenidade da festa, a grande concorrência, a proximidade de Laura tiravam a coragem do jovem, cujo caráter em público se atormentava por uma espécie de pudor, próprio das almas virgens.

Amélia sentiu-se vaidosa descobrindo aquela fraqueza no homem cujo olhar a dominava, lembrando-se de que ela podia nesse instante protegê-lo. Não há para a fragilidade da mulher maior orgulho e prazer do que observar a fragilidade no homem. Vinga-se da tirania do sexo forte.

— Vamos sentar do outro lado, Laura?

— Para quê? Estamos tão bem aqui.

— Dali dá para ver melhor a sala; e deve estar mais fresco.

— Como quiser.

As duas moças atravessaram a sala e foram sentar justamente no vão da janela onde Leopoldo estava.

Amélia conservou-se algum tempo de pé, com a desculpa de arranjar a cadeira, mas para que Leopoldo se animasse a falar com ela. O jovem adiantou como esperado e cumprimentou.

Amélia estendeu-lhe a mão com interesse, para animá-lo.

— Terei a felicidade de dançar uma quadrilha...

— Qual?

— A última!

— A última?, repetiu Amélia rindo.

— Sim; depois que tiver dançado com todos, disse o moço completando seu pensamento com o olhar.

— Então a sexta.

A orquestra abriu o baile com uma ótima sinfonia, depois da qual deram o sinal da primeira quadrilha.

Acabou-se então a arrumação, e formou-se a confusão.

Durante a contradança, Horácio não se esqueceu do pezinho adorado; e procurou todos os meios de o ver em algum momento de confusão ou descuido. Chegou até a fingir não saber alguns passos com o fim de embaraçar o vestido da moça.

— Vou me sentar!, disse-lhe Amélia irritada.

— Bárbara, *non hai cor!*<sup>30</sup>, replicou-lhe Horácio com as palavras do romance.

— O seu coração está nas suas botas?, perguntou-lhe a moça com despeito.

— O meu, a senhora sabe, já não me pertence, pois dei à senhora há muito tempo; e ando agora o procurando no chão, onde, creio, um tirano que eu adoro e que me evita deixou-o esmagado. Mas conto com a senhora para ajudar-me. Sim?

— Não, respondeu a moça irritada.

— Realmente eu não compreendo. Será possível que a senhora tenha ciúmes dele?, perguntou Horácio fazendo piada.

A moça olhou-o com expressão.

— Tenho, sim, tenho ciúmes!

Terminada a quadrilha, Horácio, depois de alguns passeios pela sala, deixou a moça no seu lugar e desceu a escada de mármore que levava ao jardim, iluminado com lâmpões de diversas cores. Havia, ao lado da casa, e ao longo de uma grade, mesas de ferro para tomar sorvetes e refrescos. Horácio, dirigindo-se para esse lugar, avistou Leopoldo sentado a uma das mesas.

— Oh,! por aqui também, Leopoldo?

— É verdade; contra meus hábitos.

— Está esplêndido! Não achas?

— Sem dúvida. Mas parece que não tem grande interesse para ti.

— Por que pensas assim?

<sup>30</sup> Referência a uma obra de Mozart, compositor de música clássica.





— Vens te esconder aqui, quando se dança. Devias deixar isso para mim, que sou um solitário, uma alma errante neste mundo das fadas.

— Para ser franco, devo-te confessar que neste baile, onde se acham reunidas as mais bonitas mulheres do Rio de Janeiro, onde não falta nada do que pode tornar brilhante uma festa, nem o luxo, nem a riqueza, nem a concorrência, nem as pessoas notáveis de toda espécie, neste baile só há uma coisa que me interessa; uma coisa bem pequenina e por isso mesmo de um encanto inexprimível.

— Que condão será esse tão poderoso?

— Disseste a palavra. É um condão, um verdadeiro condão de fada, que me transformou de repente, e me fez um escravo humilde e submisso.

— Mas no fim de contas o que é?

— Um pezinho!

Tendo dito esta palavra, Horácio achou ter dito tudo quanto era possível dizer na linguagem humana.

Um pezinho era aquele ser adorado que ele entrevia nos sonhos dourados de sua imaginação; era a beleza extrema que deixara impressa a sua forma delicada na graciosa botinha. O moço desenhava na fantasia aquele ídolo de suas adorações; e acreditava que Leopoldo devia, como ele, cair de joelhos ante a maravilha da natureza.

Longe disso, Leopoldo entendera das palavras do amigo que ele estava sob a influência de uma paixão materialista; que ele amava a forma e levava sua idolatria a ponto de adorar não a forma completa, a imagem cheia de vida da mulher, mas um pedaço, um trecho apenas dessa forma.

— Pois para mim também, disse Leopoldo, só há neste baile como neste mundo uma coisa que ilumina minha existência.

— A glória?... aposto.

— Um sorriso, apenas.

Horácio não pôde evitar um gesto de desprezo. O sorriso era para ele uma das coisas mais comuns; tantas vezes recebera-o, e de lábios tão puros e bonitos que já não lhe chamavam a atenção. Eram como as flores de um vaso, que todos os dias se substituem.

— Vais dançar?, perguntou o leão.

— Agora não.

A Pata da Gazela

— Pois façamos uma coisa. Conte-me a história de teu sorriso, que eu te conto a história de meu pezinho.

— Comece então. Cabe a ti a preferência, disse Leopoldo.

— Eu concordo; porque o objeto de meu culto não tem igual no mundo.

Horácio acendeu o charuto. Ele não tinha o menor interesse em saber a história de Leopoldo; o que desejava era uma desculpa para falar do objeto de sua adoração e mostrar o que tinha na alma.

— Há cerca de dois meses, passando pela Rua da Quitanda, achei por acaso sobre a calçada um objeto que tinha caído de um carro. Era uma bota, mas que bota!... uma graça, um primor, uma coisa divina!

“Tu não fazes **ideia**, não, Leopoldo. Sabes que tenho amado mulheres lindas de todos os tipos, brancas ou morenas; belezas de todas as raças, desde a loura escocesa até a brasileira de tranças negras; adorei-as, uma depois de outras e às vezes ao mesmo tempo, essas diferentes belezas. Pois confesso que nunca o sorriso, o beijo da mais sedutora dentre elas agitou meu coração como aquela bota. Pensem os fisiologistas como quiserem, o pé é a parte mais destacada do corpo humano; sem ele a estatura não teria a nobreza que Deus só concedeu à criatura racional.

O pé revela o caráter, a raça e a educação. Cada uma das feições e dos gestos desse órgão de nossa vontade tem uma expressão que convence. Existe quem não adivinhe em um pé delicado e nervoso a alma de fino gosto? Ao contrário, um pé chato e pesado é a prova infalível de um gênio lento e preguiçoso. Virgílio, o poeta mais elegante que existiu, compreendeu que Vênus escondeu nos olhos do filho, na selva da Líbia, a beleza imortal de seus olhos, de seu sorriso, de suas formas sedutoras; mas não aquilo que era sua essência divina, sua graça olímpica<sup>31</sup>. Foi pelo andar que ela se revelou deusa; *et vera incessu patuit dea*<sup>32</sup>.

Nunca sentiste o doce contato do pé da mulher amada? É uma sensação deliciosa que penetra na alma.

Podes apertar sua mão, encostá-la ao teu peito, beijá-la. Não vale nada aquele toque sutil que abala até a última fibra.

<sup>31</sup> O trecho traz ao poema *Eneida*, famosa obra de Virgílio, poeta grego antigo.

<sup>32</sup> Trecho de *Eneida*, de Virgílio. Em tradução livre: “E a verdadeira divindade revelou-se com seu andar”.

Faze, então, **ideia** do que eu sentia. E a botinha não era nada mais que a estátua ou o enigma do pé encantador que a tinha calçado. Estavam impressos ali seus graciosos contornos, sua forma.

Apaixonei-me por esse pezinho, que eu nunca tinha visto, que não conhecia. Dediquei-lhe minha alma como ao deus desconhecido de minhas adorações.”

Horácio exagerou então os esforços por ele empregados para descobrir o misterioso ídolo de suas adorações e revelou os fatos que já conhecemos. Teve, porém, o bom senso, raro em um leão, de não revelar os nomes; tinha medo ainda que lhe tirassem a conquista.

— Finalmente, concluiu ele, o acaso me fez descobrir a dona do pezinho que em vão buscava. Acreditas, Leopoldo? Conhecia essa moça, que é realmente encantadora; diversas vezes estive com ela na sociedade e nunca sentia a menor emoção quando a via. Mas, quando soube que o tesouro pertencia a ela, adorei-a. Para ver o pezinho que sonhei, estou disposto a fazer a maior das loucuras, casar-me!...

— É esta a tua história?

— Tu queres dizer meu poema. É uma pena eu não ser poeta para escrevê-lo.

— Pois, se me permites a franqueza, direi que o desfecho que pretendes dar será realmente uma loucura. O casamento, quando não une duas almas irmãs criadas uma para a outra, é uma espécie de corrente que prende dois condenados; o sofrimento de duas existências condenadas se arrastando ao mesmo tempo. Tu não amas essa moça, Horácio...

— Não a amo?

— Não!

— Mesmo fazendo por ela o sacrifício que nenhuma outra mulher obteve de mim?

— Não passa de um capricho. Essa moça é para ti um pé e nada mais.

— A mulher que amamos tem sempre um encanto, uma graça especial. Às vezes são os cabelos; outras vezes os olhos; tu amas o sorriso; eu o pé.

Leopoldo levantou os ombros.

— Sem dúvida. A alma da mulher, como a do homem, se revela em cada pessoa em um detalhe, em uma expressão mais

A Pata da Gazela

evidente. Mas não é isto que está acontecendo contigo. Tu sentes a idolatria da beleza material; procuraste sempre a forma na mulher, o amor artístico; com o objetivo de admirar os mais lindos rostos e os corpos mais sedutores, ficaste insensível, precisavas de alguma coisa que estimulasse teu gosto. Viste ou imaginaste um pezinho bonito e gentil: tornou-se logo para ti o ideal da beleza material, que te habituaste a adorar.

Horácio deu uma risada:

— Olha, Leopoldo, cá para nós o amor só realizado no pensamento, se não fosse uma mentira, seria um absurdo. Esses mesmos que adoram a mulher como um anjo, que se alimentam apenas da contemplação da beleza material que trataas com tamanho desprezo? É possível que uma mulher feia seja amada por falta de gosto; mas fazer disso uma regra geral!...

— Ninguém quer isso. A beleza é um encanto, uma graça, um revestimento da mulher; mas não deve ser exclusivamente a mulher, como a pétala é a flor e a centelha é a luz.

— Não dizes coisa com coisa! Tire a beleza da mulher amada e verás o que fica; o mesmo que fica da flor que murcha e da chama que se apaga: pó ou cinza.

— Queres que te prove o contrário? Ouve a minha história.

— Ah!, é verdade. A história de teu sorriso?

— Sim.

## Capítulo XIV

O Almeida acendeu outro charuto.

— Meu romance, disse Castro, começou como o teu na Rua da Quitanda. Passando ali uma manhã, vi uma moça, que produziu em mim profunda impressão. Parei para contemplá-la; mas o que eu admirava nela não era sua figura elegante e seu rosto gracioso: era unicamente a luz de sua alma pura, o seu sorriso ingênuo e inocente.

Quando o carro partiu, fugindo dos meus olhos, conservei sua imagem gravada em minha alma. Não penses, porém, que eu revia a sua figura, os seus traços. Não; era uma forma imaterial, uma visão vaga e sem definição. Não me lembrava como eram suas feições; qual era a cor de seus olhos ou de seus cabelos; mas parecia que eu via sua alma refletida na minha.

Senti que amava essa moça e alimentei este sentimento, que enchia meu ser de alegria. Bastava ver de tempos a tempos a minha desconhecida e trocar com ela um olhar, ou beber, de longe, o sorriso nos seus lábios, que era a expressão de seu ser.

Estava reservada a mim uma dura prova. Um dia, vendo a minha desconhecida entrar no carro, descobri que ela tinha um defeito... um aleijão, é preciso dizer a palavra. A borda do vestido levantando de leve mostrou-me um pé deformado.”

— Ah!, exclamou Horácio, não podendo conter um sorriso.

A Pata da Gazela

— O acaso tornou-se nesse dia um cruel profeta do destino. O que eu tinha visto de relance era um vulto confuso, um volume exagerado talvez pela imaginação. Podia acariciar essa ilusão e desfazer a impressão desagradável que sofrera; mas a desilusão não demorou. Passando nessa mesma hora pela loja onde compro calçado, vi sobre o mostrador uma botinha, verdadeiro contraste da que tu achaste, Horácio!

— É curioso!

— Não havia dúvidas; era o molde do pé deformado que eu acabava de ver, mas o molde fiel!... Todos os traços físicos do aleijão estavam ali bem desenhados, sobretudo na forma que servira para o calçado e que ali se achava ao lado dele. **Poupe-me** a descrição do que vi. Era horrível; isso basta.

Imagina o que devia sofrer! Não era o feio, não; era o horrível, o monstruoso que de repente caíra como um peso enorme sobre meu coração, para encontrar nele um amor profundo e forte.

A luta foi terrível, mas breve. O amor venceu, porque era o afeto da alma e não o culto da beleza. Hoje, quando me lembro do que vi, entristeço-me pelo desgosto que ela deve ter por causa de sua deformidade; mas sinto que por isso mesmo a amo e a devo amar ainda mais.

Compara agora o teu com o meu e diz se tenho ou não razão. Para matar o teu, não era preciso um aleijão; bastava substituir por uma forma comum essa beleza que tu sonhaste, esse pezinho de anjo ou de deusa, que talvez não passe de uma ilusão.

— Ilusão!... Eu tive a mesma prova que tu! Mas vamos dar a questão por terminada. Nem tu conseguirás me convencer nem eu quero reviver lembranças que te magoam. Desculpe-me ter falado nisto. Como eu podia imaginar tal coincidência!

— É verdade!

Os dois amigos deram algumas voltas no jardim, falando de outras coisas, e, entrando nas salas, separaram-se.

Horácio procurou Amélia durante algum tempo; afinal, passando pela porta do quarto, viu a mão da moça na cortina de veludo verde.

— Está triste, disse-lhe o jovem conduzindo-a ao salão.

— Estou cansada, respondeu a moça com desprezo.

Horácio conhecia profundamente a fisiologia da mulher que ama; tantas vezes tinha lido e relido o livro misterioso do coração feminino que não podia lhe escapar a menor alteração

do texto. O tom de Amélia o surpreendeu; alguma coisa tinha acontecido. O que era? O que podia ser?

Poucos momentos antes ele estava amável e carinhosa; uma hora depois encontrava-a indiferente e fria.

“Ciúmes, naturalmente!”, pensou o leão convencido. “Contaram-lhe alguma ou ela imaginou!”

O moço resolveu sondar o coração da noiva:

— A senhora tem mais alguma coisa além do cansaço, confesse.

— Estás enganado!

— Talvez! Concordo, para não irritá-la ainda mais.

Deram alguns passos silenciosos.

— Vá jantar conosco amanhã, tudo bem?, disse Amélia, voltando-se para ele com um sorriso misterioso.

A transição não podia ser mais brusca: uma amanhecer no meio da noite, tal era aquele sorriso cheio de carinhos e graças encantadoras.

Se fosse outro, teria respondido sem a menor dúvida que sim, que fariam tudo por lábios tão graciosos. Mas esse esparto imperador dos salões, mestre na tática da guerra à mulher, não era homem de perder tão boa oportunidade de alcançar a vitória completa. O adversário lhe dera a vantagem da posição: devia aproveitá-la.

— Amanhã?

A moça fez um aceno gentil com a cabeça.

— Não irei.

— Obrigada.

— Não devo ir.

— Por quê?

— Se eu fosse, pediria mais uma vez aquilo que lhe tenho pedido tantas vezes e que a senhora tem recusado tão cruelmente.

— Ah!

— Bem se vê!... Iria contrariá-la, aborrecê-la...

— Acha mesmo?...

Esta palavra tinha uma intenção escondida, e essa intenção era um sorriso que abria o céu de uma alma pura.

— Então amanhã?, disse Horácio.

— Vai?

— E se eu pedir?

— Experimente!

Amélia sentou-se, e Horácio, tomado de felicidade, desceu

outra vez ao jardim para relaxar a alma. Nunca a primeira conversa da mulher que mais amara tinha produzido nele emoção tão profunda.

Para achar alguma coisa comparável com o que então sentia, foi necessário reviver os dias da juventude, os tempos das primeiras emoções de um coração virgem.

Sua paixão por Amélia tinha realmente uma novidade. O conquistador havia amado na mulher todas as graças e encantos, mas nunca até então havia adorado um pé. Devia, pois, experimentar realmente as sensações embriagantes de um primeiro amor.

Na sala dançava-se a sexta quadrilha.

— Estou te achando pensativa, disse Leopoldo, reparando que o lindo rosto de seu par, sempre animado, estava agora mergulhado numa reflexão.

Amélia fitou nele seus grandes olhos ingênuos.

— E não tenho razão?...

Leopoldo se calou. Tinha compreendido o pensamento de Amélia. Na véspera de decidir seu destino, de ligar eternamente sua existência, a mulher deve ter esses instantes de recolhimento íntimo. A dúvida se agita na fé mais profunda, o medo nas profundezas da esperança mais risonha. As flores do coração, como as da natureza, têm um verme, que as suja.

O que Leopoldo dizer podia a essa alma indecisa? Aumentar sua dúvida, dar força às vacilações, não seria correto; parecia uma tentativa de sedução. Confortá-la em sua fé, animar sua esperança, apontar para um futuro cheio de felicidades, fora nobre e generoso; mas faltava superar seu egoísmo para isso.

Terminada a contradança, Amélia deu uma volta pela sala de braços dados com o par. Acenou seu leque, e Horácio, que estava conversando em um grupo, chegou-se.

— Chame papai. Está na hora!

Enquanto o leão procurava o Sales para avisá-lo do desejo de sua filha, Amélia dirigiu-se ao quarto.

Leopoldo ficara surpreso de ver a moça falar a Horácio, e com um tom que mostrava bastante intimidade.

— Não pensava que se conhecessem... tanto!, disse ele com a voz comovida.

— Pois é com ele...





A Pata da Gazela

---

O vermelho que surgiu nas faces da donzela completou a frase com a sublime expressão do pudor.

— Não sabia?, a moça perguntou para disfarçar.

— Não!

— Por que diz este não desta maneira?

Realmente, a voz de Leopoldo tivera uma vibração profunda quando pronunciara aquele simples monossílabo.

— Desejava que não fosse ele?, perguntou a moça com certa ansiedade.

— Por quê?

Aproximava-se Horácio dando o braço a D. Leonor, seguido pelo negociante. Amélia separou-se de seu pretendente e, levantando a cortina de veludo do quarto, voltou-se:

— Vai ter que me dizer!, insistiu.

— É preciso?, perguntou Leopoldo, e seu olhar desceu lentamente do rosto da moça à borda do vestido.

Amélia ficou pálida; a cortina, escapando de sua mão que tremia, escondeu-a.

— Conhecias Amélia?, perguntou Horácio, enquanto esperava que as senhoras saíssem do quarto.

— Estás admirado, sem dúvida!, respondeu Leopoldo de maneira seca.

O leão viu no companheiro um olhar de pergunta; mas veio-lhe de repente uma **ideia**, que trouxe aos seus lábios um sorriso de ironia. Lembrara-se do aleijão.

A mulher amada por Leopoldo não podia ser Amélia. Mas quem sabe se o idealista capaz de adorar uma monstruosidade, o espírito sério que tratava com desdém a beleza material, não estava seduzido de maneira irresistível pelo gracioso pezinho?

— Admirado de quê? De te ver idolatrar a beleza material?...

Amélia, que saía do quarto, coberta com sua capa de caxemira vermelha, pegou o braço do noivo e desceu as escadas.

Quando o carro de Sales partia, Leopoldo, que também se retirava, encontrou Horácio na porta.

— A ilusão é a única realidade desta vida!, disse ele sorrindo.

— O quê?

— Adeus!

## Capítulo XV

Seriam quatro horas da tarde.

Amélia, já vestida para o jantar, esperava o noivo trabalhando em um bordado de tapeçaria. A seu lado, em uma linda banca de costura forrada de madeira nobre, havia, além dos utensílios necessários, grande quantidade de seda frouxa de várias cores.

No cetim branco, estendido pelo elegante bastidor<sup>33</sup> de madeira, via-se o risco de um par de sandálias, que pareciam destinadas a alguma fada, de tão pequena, graciosa e delicada era a forma do pé.

Um dos esboços ainda não tinha sido tocado; no outro, porém, viam-se rosas bordadas com a seda frouxa, e no centro a letra L, feita com enfeites retorcidos de ouro. Era naturalmente a inicial do nome, que a moça trabalhava.

Amélia talvez estivesse menos bonita nesse dia, porém em compensação mais sedutora. Tinha expressão fraca, ou de cansaço, ou de melancolia, perdia a flor de sua habitual lindeza, a cor dos lábios e das faces enfraquecidas, guardando o brilho dos olhos pardos. Sua roupa branca tornava ainda mais meiga a sua fisionomia.

---

<sup>33</sup> Caixinha na qual se prende e se estica o tecido para costurar.



Não há nada que prenda os sentidos como essa languidez da mulher amada. Parece que ela endurece com a beleza do amor, como a planta muito vigorosa quando concentra a seiva que não brota em flor. O homem querido sente prazer, pensando que suas palavras e suas carícias podem, como as gotas do céu, reanimar o coração da mulher amada.

Talvez em Amélia esse desmaio não fosse outra coisa senão o efeito do cansaço do baile e da noite maldormida.

Enquanto bordava, o ouvido da moça, atento, esperava algum sinal que lhe anunciasse a chegada do noivo.

Um carro parou à porta; e momentos depois soaram na sala de visitas os passos de alguém.

Era Horácio.

Vendo a moça na saleta próxima, o leão dirigiu-se a ela, com a familiaridade que seu título de noivo lhe dava.

Depois de trocados os cumprimentos usuais, ele se sentou junto ao bastidor.

— O que está bordando?

Amélia fez um gesto para cobrir o bordado:

— Deixe ver!, insistiu o moço.

— Não vale a pena!

— Ah!

Esta exclamação foi feita pelo jovem com um sorriso nos lábios.

— É um presente de aniversário para uma amiga!, disse Amélia.

— Não é para a senhora?

— Não, respondeu a moça admirada.

— Está zombando comigo!

— Veja!

A unha rosada da moça mostrou o L bordado a ouro.

— Pois há quem tenha este pezinho gracioso a não ser minha noiva?, disse Horácio rindo.

— Eu?, exclamou Amélia ficando vermelha. Pobre de mim!

— Lembra-se do que me prometeu ontem à noite?

Uma nuvem de tristeza cobriu o lindo rosto da moça; com a cabeça e os olhos baixos, parecia que tinha sofrido uma dor íntima.

— Amélia!

— Ontem... não tive coragem de dizer que não. Fiz mal; desculpe-me.

— Então, sua promessa?, disse o moço com ironia.

A Pata da Gazela

Amélia voltou o rosto como se fosse esconder uma lágrima.

— acredite. O que me pede... não posso... não tenho forças para fazer. Se o senhor soubesse!... E, entretanto, deve saber por quê... Eu lhe imploro, não falemos disso agora; depois eu lhe direi. Prometo-lhe.

— Não se dê a este trabalho. Já entendi o suficiente: zombou de mim.

Horácio levantou-se visivelmente magoado e atravessou a sala. Amélia continuou bordando talvez para disfarçar o seu vexame.

Passados alguns instantes, Horácio, lançando um olhar para a moça, ocupada com seu bordado, viu alguma coisa que o surpreendeu. A borda do vestido, suspensa no bastidor, devia descobrir o pé da moça para quem estivesse sentado à sua esquerda.

O leão se aproximou na esperança de surpreender o tesouro que era roubado a seus olhos.

— Não sabia que bordava tão bem!

— Ora! Não tenho paciência para estes trabalhos. Se não fosse uma dívida...

— Como? Não é mais presente de aniversário?

— As duas coisas.

— Ou talvez nem uma, nem outra, disse Horácio reforçando o tom de ironia.

— Que necessidade eu tenho de enganá-lo?, disse Amélia com um doce rancor. Uma amiga minha...

— Cujo nome não se sabe.

— É segredo!, emendou a moça com elegância.

— Ah! É segredo?

— Inviolável. Ela não quer por nada que saibam, nem mesmo suspeitem...

— Que é sua amiga?

— Ora!... Que tem um pé deste tamanho, disse a moça mostrando o bordado.

— Verdade?, disse Horácio.

— Ela pensa que é um aleijão e sente uma tristeza...

— Na verdade, possuir um tesouro, um primor! Admiro-me como sua amiga já não morreu de desgosto.

— Mas, falando sério: não é natural que uma moça tenha o pé de uma menina de sete anos.

— Não sei se é natural; mas divino, asseguro-lhe que é. Há certas belezas na mulher que devem ficar sempre meninas; as fadas, as deusas, são assim.

— É verdade! Se eu fosse ciumenta!

— De sua amiga?... De uma amiga tão íntima?... Era quase ter ciúmes de si mesma!, disse Horácio soltando uma gracinha.

— Eu sei o que o senhor quer. É adivinhar.

Horácio tinha sustentado a conversa com extremo interesse, menos pelas palavras da moça do que pelos movimentos da borda do vestido. A saia, arregaçando gradualmente com o movimento da figura graciosa da moça reclinada sobre o bastidor, prometia logo, logo descobrir o tesouro, tão desejado pelo jovem.

Amélia, ocupada com seu trabalho e distraída com a conversa, se esquecerera daquele constante cuidado que ela tinha com a borda do vestido. Durante a conversa, apenas uma vez tirara os olhos do bordado, para lançar um olhar discreto ao leão.

— Mas então essa amiga misteriosa... A senhora ia contar uma história, se não me engano.

— História, não senhor. Queria lhe explicar por que este bordado é o pagamento de uma dívida.

— Justamente.

— Pois essa minha amiga se incomodava muito quando tinha de comprar botas; era difícil achar um par que lhe servisse. As de senhora eram muito grandes; as de menina eram muito baixas. Afinal encontrou um sapateiro, que trabalha tão bem como os melhores de Paris.

— Sei.

— Como sei? O senhor sabe?

— A senhora não fala do Campás?, disse Horácio um tanto perturbado.

— Não, senhor.

— Pensei que fosse.

— Há dois meses, quando eu ia à cidade, minha amiga, que tinha feito uma encomenda de botinhas, pediu-me para ver se estava pronta. Quando o criado a trouxe para o carro onde o esperava, caiu um pé de botinha já usado, que fora para modelo. Minha amiga ficou muito aflita; e eu quis lhe dar no dia de seu aniversário umas chinelas bordadas por mim. Bem se vê que não o enganei.

Proferindo as últimas palavras, Amélia, sempre ocupada

com seu bordado, curvou-se completamente sobre o bastidor para desembaraçar o fio de seda frouxo. Este movimento produziu o que Horácio esperava. A saia, levantada pelo apoio do bastidor, descobriu o pé da moça até a articulação.

O moço tremeu com a forte emoção; e fechou os olhos, confuso.

O que vira era uma coisa indefinível, incrível. Era o aleijão, a monstruosidade de que lhe falara Leopoldo.

Aquela massa deformada; aquela enormidade cheia de cavernas e calombos, ele a tinha ali na sua face, diante dos olhos, zombando do seu amor, como um desses bobos da corte hediondos das lendas da Idade Média.

— Diga-me uma coisa: ontem, depois que saímos, o senhor conversou com aquele moço que dançou comigo? O Leopoldo, não é?

Não recebendo resposta, Amélia levantou a cabeça para perguntar ao noivo com o olhar. O aspecto mudo de Horácio, o sorriso vivo que esticava seu bigode artístico, a vista angustiada fixa no monstro lhe revelaram de repente o que acontecera.

Um grito de aflição escapou do peito da moça, que afastou violentamente de si o bastidor, causa do acidente, e abaixou a saia, ocultando o que ela por tanto tempo defendera contra a curiosidade insistente do moço. Por alguns instantes os noivos permaneceram mudos e confusos, sentindo vontade de se afastarem um do outro, e, contudo, não ousando afastar-se. A presença de um ente que faz corar de vergonha é uma angústia cruel.

Final, Horácio levantou-se e deu alguns passos sem direção. Amélia aproveitou-se desse movimento para fugir da sala. Ficando só, o leão lançou um olhar terrível para a sala; e, pegando o chapéu, desceu rapidamente as escadas.

Agora ele compreendia tudo; e as palavras que Leopoldo lhe dissera na véspera, ao sair do baile, ela ainda as ouvia, como uma gargalhada satânica: “A ilusão é a única realidade deste mundo.”

“Como eu pude me iludir tanto tempo com o recato exagerado de Amélia? Como não desconfiei dessa vergonha que parecia um dragão protegendo o terrível segredo? Não há moça, mesmo que seja o anjo da pureza, que não mostre ao menos a pontinha do pé, quando é bonito e agradável. Eu devia saber disso, mas estava cego. Todos cochilamos; eu, que achava que conhecia as mulheres, comportei-me como um aprendiz.





Consumir dois meses correndo atrás de uma sombra, e, quando esperava que a sombra tomasse corpo, ela desaparece... “Ora! Antes desaparecesse; mas, ao contrário, toma forma medonha, enorme, ridícula.”

Horácio soltou uma gargalhada:

“Realmente eu não sei qual de nós dois ficou mais envergonhado. Se ela, quando mostrou o pezão; ou eu, quando o vi. Sonhar com uma pérola e encontrar um seixo; imaginar um carinho e achar uma brutalidade; desejar um botão de rosa e colher uma calo!

“Se os rapazes souberem disto, estou desonrado. Como eu posso me apresentar na Rua do Ouvidor, quando a coisa for divulgada? Qualquer idiota terá direito de me dar um coice, como se dá um chute no leão morto.”

Horácio começou a refletir se fizera bem saindo de maneira tão precipitada da casa de Sales. Diminuiu o passo e olhou o relógio.

Eram perto de cinco horas. Se voltasse, chegaria tarde; demais, como explicar a retirada e a volta?

“Em todo caso”, pensou o leão, “a sorte não me desamparou de todo. Assim como a ilusão durou até hoje, podia prolongar-se mais algumas semanas, e... Tremo de horror, quando me lembro que eu podia ser amarrado àquela estaca, àquele poste! Ser condenado a arrastar uma trave por toda a vida? Que suplício! Se eu pudesse imaginar que o Onipotente, criador de tantas maravilhas, se ocupa com a minha ridícula individualidade e se interessa pelos pecados que eu tenho cometido, me ajoelhava aqui mesmo na rua e lhe daria graças pela minha salvação.

“Mesmo quem se livrasse de ser esmagado por uma rocha não escaparia de tão grande perigo como eu. Um homem casar com aquele pé seria caminhar para cometer um assassinato”.

Passava um carro, que parou de repente.

— Ainda por aqui, Almeida?, disse o Sales colocando a cabeça fora do carro.

— É verdade... saí, mas...

— Entre, que devem estar à nossa espera. São cinco horas; demorei hoje além do costume; e por causa do senhor, seu malandro! Arranjando as coisas.

Horácio procurou rir, mas fez uma careta que mais parecia de desculpa. Ele, o leão, sempre elegante, correto e irrepreensível tanto no modo de vestir como nas atitudes, tinha perdido

completamente a serenidade de espírito.

As senhoras estavam reunidas na saleta. Amélia ficou surpreendida, vendo Horácio de volta com seu pai; e reprimiu a alegria que sentia. Mas este sentimento durou pouco. Ela reparou logo que o leão obedecera mais às convenções sociais do que ao afeto que lhe tinha.

Contudo, essa volta significava alguma coisa. Ela, Amélia, não causava horror a seu noivo.

O jantar foi animado pela conversa viva e espirituosa de Horácio, que havia recuperado seu sangue-frio. Uma circunstância que passou despercebida às outras pessoas, porém, não escapou a Amélia; o leão, apesar de sentado à sua esquerda, não trocou uma palavra com ela. Ao contrário, manteve sempre a conversação geral, para impedir o diálogo íntimo, que ele temia.

Terminando o jantar, Horácio achou uma desculpa para sair logo.

— O que se passou, D. Amélia, é mais do que um segredo para mim; eu não sei nada, esqueci, disse ele se despedindo.

Tocando apenas na mão que a moça lhe estendera, saiu.

Amélia deu um passo para chamá-lo, mas, apoiando-se no sofá, permaneceu imóvel, escutando os passos do noivo até que se perderam ao longe.



## Capítulo XVI

Fazia uma semana que Horácio não aparecia na casa de Sales. Amélia tinha mandado saber do noivo por duas vezes. Da primeira, se contentou com um recado; da segunda, enviou-lhe uma mensagem de saudade.

O negociante, de sua parte, havia passado pela casa do moço, que deu a desculpa de uma inflamação para justificar sua ausência; e prometeu aparecer no dia seguinte.

Horácio compreendia a necessidade de sair da posição difícil em que se achava, mas não procurava um meio. Cansado de cogitar, entendeu que o melhor era se confiar à inspiração do momento.

No dia seguinte à noite, dirigiu-se à casa do negociante.

As duas senhoras estavam sentadas junto à mesa; a mãe lia, a filha pensava. Amélia estava triste, sua mãe achava que eram saudades.

Quando Horácio entrou, D. Leonor o festejou com verdadeiro prazer. Amélia viu uma ponta de esperança, que iluminou o sorriso de seus lábios.

— Felizmente!, exclamou D. Leonor. Esta casa era uma fonte de suspiros!

A conversa começou friamente e foi-se arrastando por algum tempo.

— Não tem saído?, perguntou Horácio depois de uma pausa.

A Pata da Gazela

- Não; Amélia não tem tido muita vontade.
- Por quê?, perguntou o moço, voltando-se para a noiva.
- Então não sabe?, disse D. Leonor.
- Porque não tive ocasião, disse Amélia.
- Mas tem recebido visitas?
- Algumas.
- O Leopoldo não apareceu?
- Não **frequenta** nossa casa, respondeu a moça.
- Ah!... pensei que sim.
- Se ele nos visitasse, o senhor teria o encontrado aqui

muitas vezes.

— Podíamos nos desencontrar, disse Horácio com um sorriso zombeteiro.

Amélia percebeu que o moço estava procurando um motivo para se intrigar. D. Leonor, tendo continuado a leitura interrompida, não prestava atenção à conversa.

— Foi na casa do Azevedo que o apresentaram à senhora?

— Não; conheço-o de muito tempo; quase dois meses.

— De onde, se não é segredo?

— Segredo, por quê? Ele **frequenta** a casa de D. Clementina, que recebe os amigos às quintas-feiras. Sempre nos encontramos lá. É uma reunião muito agradável; estamos quase em família, sem a menor cerimônia.

— Ah! Nunca me convidou para essas reuniões; eu teria muito prazer em acompanhá-la, mas talvez fosse inoportuno, como já vou sendo aqui.

— O senhor está habituado a viver na alta sociedade; iria se aborrecer.

— Mas a senhora não se aborrecia; ao contrário, **divertia-se** bastante.

— Um pouco.

— E Leopoldo era seu par?

— Era.

— Par constante?

— Não sei se era constante ou não; quase sempre ele dançava comigo, porque lá não tem muito que escolher; os pares são poucos.

— Ótimo sistema! Assim não se repara.

— Em quê?

— Na regularidade! Mesmo que uma moça já tenha noivo, tem gente que exige dela certa discricção, porque enfim o outro

pode não querer aceitar a responsabilidade! É uma chatice, concordo, mas o mundo tem disso.

— Isso se aplica naturalmente às moças que têm noivo, retorquiu Amélia, enfatizando a palavra, e não com aquelas, cuja mão se pediu talvez para satisfazer uma simples fantasia.

A moça se levantou da mesa, lançando ao leão um olhar de desprezo, e foi sentar-se ao piano. Enquanto ela tocava, Horácio, para fazer alguma coisa, se distraiu arranjando as figuras chinesas de um jogo de paciência. Ele nunca tinha precisado tanto dessa virtude evangélica.

Passados alguns instantes, o leão levantou-se da mesa, deu algumas voltas pela sala e aproximou-se do piano, como para ver a elegância com que a moça tocava.

— A senhora acha muito natural, D. Amélia, que uma noiva **frequente** regularmente uma casa onde o homem com quem vai se casar não entre; acha natural que essa moça tenha em tais reuniões um par, que provavelmente cultivava uma dessas amizades dos romances de Balzac<sup>34</sup>, verdadeiros lírios do vale, que vivem de orvalhos e de sombras. Eu, porém, sou um espírito prático e material; tenho a infelicidade de não acreditar na atração misteriosa dos espíritos, na união perfeita das almas irmãs, nos sonhos e perfumes celestes, em toda essa conversa sentimental. Para mim, inteligência grosseira, tudo isso não passa de uma hipocrisia do primeiro enganador deste mundo, o amor. É um pequeno tirano que toma todas as figuras e posições; faz-se menino ou velho, anjo ou demônio, poeta ou banqueiro... Estou incomodando-a talvez?

— Não. Acabe.

A moça acompanhava as palavras do leão tocando uma música baixa; mas, à última frase, ela retirou as mãos do teclado. Foi esse o motivo da pergunta de Horácio.

— A senhora deve sentir muito, e Leopoldo com maior razão, não poder exercer uma distração que tanto lhes agrada!

— Compreendo, disse Amélia. O senhor me proíbe de ir à casa de D. Clementina?

— Que **ideia**! Não tenho direito de proibir; ainda não sou seu

---

<sup>34</sup>Famoso escritor francês, considerado o pai do realismo. Entre suas obras mais famosas, está *O Lírio do Vale*, que conta a história do amor proibido de uma mulher casada com um homem da sociedade.

marido; a senhora é completamente livre de suas ações, pode ir à casa de D. Clementina, ou aonde quiser; assim como eu posso, querendo, passar as noites no clube ou nas casas de espetáculo.

Amélia soltou uma risada.

— Pensei que os leões estavam isentos dessa fragilidade do ciúme.

— Perdão; não se trata de ciúme, nem sei o que é isso. A questão se reduz a uma contradição de comportamentos e de gênios, que deve ter no futuro graves **consequências**. A senhora é idealista, eu sou materialista. Um quer viver no mundo dos sonhos; o outro, neste vale das lágrimas e das realidades. A senhora, procurando-me no céu entre as estrelas e os anjos e não me achando lá, sofreria uma cruel decepção; entretanto, eu na terra ficarei reduzido à sombra da mulher que amei.

— Não é pouco para quem se contentava com um pé de criança, disse Amélia com ironia.

— Mas esse pé era a realidade, a mais perfeita expressão dela!

— Custa-lhe pouco possuir essa realidade. Mande **fabricá-la** em cera: sairá ainda mais perfeita.

— Ainda não perdi a esperança de encontrá-la.

O chá interrompeu o diálogo. Os dois noivos se aproximaram da mesa, onde o criado acabava de colocar a bandeja.

A fisionomia de Amélia perdera a expressão de tristeza e desânimo que tinha no começo; a conversa tinha lhe deixado alguns tons vivos.

Ocupada em colocar as xícaras para enchê-las, os gestos sempre macios da moça revelavam certo nervosismo.

Horácio ficara contrariado, porque não tivera tempo de fazer a acusação final. Temia que o rompimento que ele tanto desejava demorasse mais ainda.

— Mamãe, disse Amélia com intenção, amanhã é **quinta-feira**. Vamos passar a noite na casa de D. Clementina?

— Se quiseres.

— Não devemos faltar; não fomos semana passada.

— Foi logo depois do baile do Azevedo.

— Não o convido, disse Amélia voltando-se para Horácio, porque o senhor não **frequenta** essas reuniões de gente pobre.

— Sem dúvida; tenho medo de evaporar em sonhos e suspiros, respondeu Horácio, com um olhar de desafio.

Ele sentiu que Amélia o provocara e se alegrou. A moça estava disposta a resistir; o rompimento era infalível e pronto.



— Eu gosto bem dessas partidas; a noite passa tão agradável. Aproveitando-se de um momento em que D. Leonor se afastou, Horácio disse rapidamente à moça estas palavras:

— Pois se a senhora voltar à casa de D. Clementina, eu não voltarei mais aqui.

Amélia tremeu.

Quinze minutos depois, Horácio se retirou. Quando se despedia das senhoras, o leão disse à moça, apertando-lhe a mão:

— Desejo que se divirta muito amanhã.

— Onde?, perguntou D. Leonor.

— Na casa de D. Clementina. Não vai, D. Amélia?

A moça hesitou um instante. A respiração de seu peito revelou uma luta violenta, mas rápida.

Sua decisão, antes que ela a exprimisse, manifestou-se na nobreza do porte, que uma vibração íntima tinha criado.

— Vou sem falta!

Horácio, soltando a mão da moça, que foi bater sem vida no vestido, despediu-se profundamente:

— Seja muito feliz.

Apenas o leão desapareceu na porta, Amélia, abraçando e beijando a mãe, subiu rapidamente ao seu quarto; atirou-se em uma cadeira e soltou em pranto e soluços a dor que tinha segurado desde muitos dias.

A maior parte da noite foi para ela de vigília. Viu as horas correrem; cada momento que passava era uma esperança, uma ilusão que se caía como pétala da flor vigorosa de sua alma.

Aqueles que se separam das pessoas ou dos lugares queridos conhecem bem esse amargo no coração que chamamos saudade e sabem como é cruel o momento da separação.

Mas não há despedida mais angustiante que a da alma que se separa do amor que nutriu durante muito tempo. Nesse caso, é mais que uma separação: é quase mutilação moral.

Amélia compreendeu que tudo acabara entre Horácio e ela. Desde o dia do jantar temia esse resultado; mas ainda alimentava uma esperança. Naquela noite a esperança murchara, se não foi ela própria, Amélia, quem a fizera murchar.

Agora, na calada da noite, em seu quarto que lhe parecia um deserto, ela tinha medo do isolamento em que se achava. Algumas vezes sua alma sentia-se como que sufocada pelo silêncio e pela treva que a afogavam.



## Capítulo XVII

Como dissera a Amélia, na sua última visita, Horácio não tinha perdido a esperança de encontrar o que ele chamava a realidade de seu amor: o pezinho agradável e gracioso do qual ele possuía a botinha.

Enganara-se nas suas investigações; era preciso recomeçar.

Tal era o pensamento que preocupava o leão, encostado naquela mesma poltrona, onde o vimos no primeiro dia. Seu olhar mergulhado na fumaça do charuto procurava nas espirais de fumaça a imagem confusa de seus pensamentos.

Tinham passado três dias depois do seu rompimento com Amélia. Logo na manhã seguinte, o leão, para não dar tempo ao arrependimento da moça, escreveu uma carta a Sales, manifestando seu medo de que a antipatia de gênios tornasse infeliz uma união que todos desejavam muito.

O negociante mostrou a carta à filha, que lhe disse com um sorriso forçado:

— Ele tem razão!

A carta de Horácio teve resposta no mesmo dia. O Sales, encontrando-o na Rua do Ouvidor, recusou seu cumprimento.

O leão, satisfeito com esse desenlace que evitava longas explicações, achou-se a poucos passos de distância em frente de Leopoldo.

A Pata da Gazela

— Oh! Tu me trazes felicidade!, exclamou o leão, **apertando-lhe** a mão. Sempre que nos encontramos, ou está para acontecer ou já aconteceu alguma coisa de bom para mim.

— Não sabes quanto desejo isso! Assim eu sou uma espécie de astro benfeitor, que te influencia desde que nasceste.

— Queres ver? Havia muito tempo que não te via, quando nos encontramos no baile do Azevedo. Pois nessa noite decidiu-se meu destino.

— Ah! E sob minha influência benéfica?

— Sim. Lembras que eu te disse que estava disposto a todos os sacrifícios, até o do casamento, para possuir aquele pezinho!...

— Lembro-me.

— O único obstáculo era uma espécie de promessa ou arranjo de família. Felizmente a menina, a tal Amélia, compreendeu que perdia seu tempo, e irritou-se na noite do baile por uma besteira. Eu aproveitei o momento; escrevi ao pai retirando minha palavra, e agora mesmo ele acaba de me responder. Estou livre como o ar e contente como um rapaz que sai do colégio.

— Neste caso dou meus parabéns.

— E tu, como vais com o sorriso?

— Sem novidade.

— Diga-me uma coisa: no dia em que a viste pela primeira vez, ela estava só ou com outra moça? Faço esta pergunta porque foi na Rua da Quitanda e quase pelo mesmo tempo que eu achei a botinha.

— Eram duas, respondeu Leopoldo sorrindo.

— Em uma carruagem?

— Sim.

— A outra era mais baixa?

— Não sei dizer.

— Até mais.

O leão separou-se do amigo e, repassando as particularidades de sua conversa com Amélia perto do bastidor e no dia do jantar, começou a combiná-las com as informações de Leopoldo e com as circunstâncias do encontro no Passeio Público, onde vira o sinal impresso na areia pelo gracioso pezinho.

Agora, fumando seu charuto depois do jantar, o leão resumia todos os seus pensamentos e chegava a este resultado: “Decididamente o pezinho é de uma moça que ia com Amélia, no dia em que se perdeu o calçado e no dia em que eu a vi de longe no Passeio Público. Essa moça, cuja inicial é um L, não é

outra senão Laura. Aquela vergonha toda era um sinal que não deixava dúvida. Amélia procurava imitá-lo por outro motivo; mas não conseguiu.”

O moço chegou à banquinha onde estava o cofre e contemplou a bota.

À noite, o leão foi a um jogo. Seu estado de espírito o favorecia. Laura estava lá. Dirigiu-lhe graciosos assuntos sem importância, que ela no começo recebeu com nítido desinteresse, depois com timidez.

Horácio compreendia a razão do procedimento da moça. Para **tranquilizá-la**, teve o cuidado de nunca abaixar a vista para a borda do vestido e mostrar-se encantado pelo colo gracioso da agradável senhora. A lição que recebera anteriormente o tornou muito cuidadoso.

No fim da noite, o leão conseguira restabelecer a confiança no espírito de Laura, fazendo desaparecer a suspeita deixada pela cena do teatro. Era o essencial; com os meios de sedução de que dispunha e a inclinação que a moça revelava por ele, tinha como certa a conquista. Era uma questão de tempo.

Antes de quinze dias **frequentava** a casa da moça e estava na intimidade da família.

Laura perdera o marido aos dezessete anos, pouco tempo depois de casada. Era rica; não lhe faltavam pretendentes atraídos pela riqueza e pela beleza; mas ela não parecia disposta a tentar a felicidade conjugal uma segunda vez, embora não tivesse passado da **lua de mel**. É natural que o desejo lhe chegasse com o passar do tempo; quando fossem se tornando raros os apaixonados que a cercavam.

Uma manhã, Horácio, passando a pé, como costumava, pela casa da moça, viu-a, por entre as grades, sentada no jardim e ocupada em fazer um ramo de flores. Entrou e foi falar com ela, à sombra de uma grade de madressilvas.

Laura deu o lugar perto de si; e começaram a conversar sobre flores, modas e mil futilidades. Eram dez horas do dia. O sol brilhava no céu límpido; um vento fresco sussurrava entre as folhas; os passarinhos gorjeavam nas ramas das laranjeiras. Esse concerto de perfumes e harmonias convidava o coração a abrir-se e cantar o seu hino de amor.

Laura reclinou a cabeça e ficou muda, com os olhos no seio de uma rosa, que tinha no colo.



Horácio pegou sua mão, que ela cedeu com pouca resistência.

— Sabe desde quando eu a amo, Laura? Desde o dia em que a vi pela primeira vez passar em um carro. Foi, se não me engano, na Rua da Quitanda; ia com a filha do Sales. Lembra-se?

A moça fez um gesto afirmativo.

— Depois encontrei-a no teatro. No começo seus olhos me deixaram ter alguma esperança; mas o desengano foi cruel. Nem imagina como sofri! Achei que nenhuma mulher seria capaz de me fazer voltar às ingenuidades dos dezoito anos. Um dia, ainda me lembro, via-a de longe entrar no Passeio Público; **apressei-me** para ter o prazer de paquerá-la, receber um olhar. Em vão corri todas as ruas; quando voltei à porta, fiquei desesperado. A senhora tinha saído, sempre com a filha do Sales. Lembra-se?

— Lembro-me, respondeu a moça. Mas era por mim que fazia tudo isso?

— Duvida, Laura?

— Nega que esteve apaixonado por Amélia? Até diziam que já a tinha pedido em casamento.

— Que ingratidão! Não sabe então por que me apresentei na casa do Sales? Para vê-la; era preciso procurar um meio; a senhora já não se lembra da dureza com que me tratava.

— E por isso consolava-se com Amélia?

— Se amasse, Laura, saberia o que é o ciúme e as loucuras que ele nos obriga a fazer! Mas a senhora não ama!

— Quem lhe disse?

— Essa frieza.

— E o que eu sofri?... falou com voz fraca a moça, pondo os olhos sem força no rosto do rosto.

— Perdão, Laura, exclamou Horácio ajoelhando-se. Eu era um louco, não merecia teu amor; e não mereço tanta felicidade. Mas me deixe implorar o meu perdão; deixe-me beijar teus pés, que...

— Ah!...

Horácio disse aquelas palavras apaixonadas de joelhos diante da moça que sorria inclinada para ele; de repente abaixou-se para beijar seus pés, objeto de sua adoração. Foi então que ela, soltando um grito de espanto, o afastou para longe de si com horror.

Contudo, o moço, que preparara toda aquela cena para chegar à realização do desejo que alimentara por tanto tempo, conseguira ver... mas não o que esperava: um pezinho gracioso

e gentil; e sim dois pés ingleses de tamanho exagerado, que pareciam descansar sobre uma almofada preta.

A aparência de Laura tinha mudado de uma maneira espantosa; em suas faces inchadas respirava uma expressão feroz de ódio e vingança.

Horácio compreendeu que, naquele momento, qualquer explicação era impossível. O melhor que tinha de fazer era sumir. No fim de contas, esse desfecho lhe convinha, pois cortava todas as dificuldades da retirada.

Cumprimentou e saiu.

A alguns passos da casa, o leão não pôde conter uma gargalhada, que estava a lhe sufocar, e desabafou. Realmente tinha do que rir; duas vezes mistificado em sua paixão, ele, o rei da moda, o conquistador sempre feliz.

Sem perceber, começou a refletir sobre o ocorrido. Por mais que imaginasse, não podia decifrar o enigma. A botinha que achara fora perdida por uma das duas moças; mas não pertencia a nenhuma. Seria encomenda de outra amiga e talvez para alguma menina de dez anos?

De repente surgiu no espírito de Horácio uma **ideia** tão original como a situação em que se achava.

“Eu vi os dois pés de Laura; mas de Amélia, só vi um; é verdade que esse valia por três. Mas... Não resta dúvida. A natureza tem destes caprichos. A maravilha de par com o monstro, o belo em face da deformidade! É o princípio do contraste, que rege o mundo. Eu vi o direito, o aleijão. O esquerdo ficou oculto como a pérola e o diamante.”

Concentrado nessa **ideia**, de que o pezinho adorado pertencia a Amélia, a quem a natureza em compensação aleijara o outro, Horácio admitiu a possibilidade de que sua paixão pela moça revivesse, embora menos ardente, ou mais positiva.

Ter aquele pezinho em suas mãos, senti-lo tremer e **agitar-se** de emoção, cobri-lo de beijos, acariciar a pele rosada e suave tecida de veias azuis, brincar com as unhas crespas, como conchinhas de pérolas, apertar contra o seio esse ente agradável gentil, sorridente de amor e volúpia!

Não podia haver para o leão maior delícia neste mundo. Ele daria por ela todo o prazer que lhe estivesse reservado para o resto da existência.

Foi mergulhado nestes devaneios que Horácio dirigiu-se à



Rua Direita em um carro, indo pelo Largo do Machado.

Seguindo para a Rua do Ouvidor, a passo lento e descuidado, o leão desejava o ar da cidade, como o desocupado que não sabe como passar o dia e fareja uma aventura qualquer.

De repente avistou uma coisa que o colocou em alerta. Um carro que subia a Rua do Ouvidor passou por ele; era o do Sales. O rosto encantador de Amélia apareceu-lhe no começo de relance na luz fraca que azulava o acolchoado e depois em plena luz moldurado pela janela.

Acompanhando com o olhar a carruagem, Horácio a viu rodar por algum tempo vagarosamente por causa do trânsito e parar próximo à esquina da Rua dos Ourives. O criado, com a mão na tranca, esperava naturalmente ordem para abrir.

Horácio apressou o passo. Por duas vezes avistara a testa de Amélia coroada com um chapeuzinho de palha da Itália, aparecendo na janela, a fim de percorrer a rua com o olhar. A ideia de que a moça desejava lhe falar passou pela mente do leão, que a repeliu, sem, contudo, considerá-la impossível.

Em todo caso ele acreditou que talvez fosse o motivo daquela parada do carro e não se enganava.

— Para que mandaste parar?, perguntou D. Leonor.

— Quero comprar luvas, respondeu a filha.

— Tem uma loja ali atrás.

— Podemos ir a pé.

Quando o leão chegou a pouca distância do carro, a portinhola abriu-se, e Amélia, em companhia de sua mãe, saltou na calçada. A moça tinha um roupão cor de café, muito simples, porém muito elegante; as luvas eram da mesma cor de cinza das fitas do chapéu de palha.

As duas senhoras se dirigiram para a loja. Horácio procurou cumprimentá-las na passagem, mas elas não lhe deram oportunidade. O leão reparou que a moça disfarçadamente voltou o rosto para olhá-lo.

Enquanto as senhoras compravam luvas, Horácio as esperava em frente de outra loja, a alguns passos do carro. Elas demoraram pouco. Amélia vinha só na frente. Felizmente o trânsito pela calçada diminuiu naquele instante, de modo que o conquistador pôde ver bem a moça aproximar-se dele. Levados por impulso irresistível, os olhares do jovem abaixaram-se para as bordas do vestido e rastejaram no chão que a moça pisava.

A Pata da Gazela

Amélia percebeu a insistência do olhar, e um ligeiro sorriso fugiu-lhe dos lábios. Imaginando que na calçada havia lama, colheu com ambas as mãos a frente da saia, e com tanta malícia que descobriu os pés até a perna.

Horácio ficou arrasado.

Viu pousados na calçada dois pezinhos lindos que se agitavam dentro de botinhas de lã cinza.

Pareciam um par de rolinhas, acariciando-se na praia e se beijando com o biquinho rosado. Durante o rápido instante que seus olhos puderam admirar esses primores de graça e gentileza, Horácio reparou a sensualidade e os contornos delicados que havia naqueles dois anjos. Nunca ele observara na figura elegante da mais formosa mulher requiebroso tão suaves, como tinha aquele dorso em arco e aquela palmilha sutil.

O assombro de Horácio foi tamanho que só deu por si quando a moça, passando por ele, entrou na carruagem.

Voltou-se, então, rapidamente sem consciência do que ia fazer; mas o carro já tinha partido de maneira veloz.

Momentos depois, o leão descia a Rua do Ouvidor completamente pensativo. Seu lábio distraído ia recitando, sem sentir, alguns trechos dos lindos versos do conselheiro José Bonifácio: “Padres, não me negueis, se estais em calma. Um coração no pé, na perna uma alma!”.

## Capítulo XVIII

Laura e Amélia eram primas e amigas de infância; havia entre elas apenas a diferença de dezoito meses.

Desde a idade de três ou quatro anos, isto é, desde que deixou as fraldas, Laura usou sempre roupas compridas. Todos que viam a menina vestida como uma senhora reparavam isso. Muitos achavam o capricho extravagante e ridículo e censuravam a mãe.

Esta ouvia as censuras de suas amigas, assim como os comentários estranhos, e calava-se; mas não mudava o vestuário da menina. A ternura e piedade materna lhe davam a paciência necessária para **aguentar** as zombarias do mundo.

Laura tinha um aleijão; nascera com os pés deformados. Para agravar mais o desgosto dos pais, essa monstruosidade vinha ligada a uma beleza angélica. A senhora avaliou a infelicidade de sua filha e preparou-se para todos os sacrifícios. Consultas foram dirigidas aos melhores médicos da Europa; chegou a fazer uma viagem para tentar os recursos da ciência; foram todos inúteis.

Desenganada, dedicou-se a esconder a desgraça de sua filha, a fim de que ela não fosse obrigada a se envergonhar na sociedade. Durante muito tempo, Laura não teve outra criada, além de sua mãe. Com esforços constantes e vigilância **frequente** de cada dia e cada hora, a senhora conseguiu manter esse

A Pata da Gazela

segredo de família, do qual dependia a felicidade da filha.

Atingindo a idade de oito anos, a menina, com o instinto da mulher, compreendera sua infelicidade; e desde então descansou a mãe daquele cuidado **frequente**. Ficando moça, casou-se, e seu marido, que a amava muito, morreu sem saber do segredo.

Com muita tristeza, Amélia descobriu o segredo da prima e amiga.

A filha de Sales tinha dois pezinhos de fada, pequenos, arqueados, com uns dedos que pareciam botões de rosa. O desgosto e vexame que isso causava à moça, ninguém o imagina. Ela se achava aleijada; apesar de seus dezoito anos, seus pés eram de menina.

Assim, o mesmo cuidado com que Laura escondia a sua monstruosidade, ela tinha em ocultar essa graça e prenda da natureza. Naquele tempo não se tinha introduzido ainda a moda dos vestidos curtos; bem ao contrário, o bom era arrastar sem preocupação a longa borda do vestido pelo chão.

Um dia que Laura passou em sua casa, Amélia teve curiosidade de comparar seu pezinho com o da prima, para saber se a diferença era grande. Enquanto a outra endireitava o penteado, ela realizou seu plano.

Avaliem-se a vergonha e a aflição de Laura; o desespero de Amélia foi maior ainda. Não se perdoava de ter causado tão grande dor à prima, a quem ela queria muito bem. Para suavizar essa dor profunda, Laura esqueceu a sua.

Desde então as duas amigas se consolavam mutuamente. Laura admirava o pezinho de Amélia; esta, sinceramente ou para tornar leve a mágoa da prima, chegava a invejar a sua infelicidade.

Aborrecida de não encontrar nas lojas calçado que lhe servisse, Amélia tinha descoberto por acaso o sapateiro da Rua Sete de Setembro. Conhecendo a habilidade do Matos, pensou que ele pudesse disfarçar o defeito da prima. Não se enganou; o artista realizara a obra-prima de paciência, que Leopoldo tivera ocasião de apreciar por um acaso.

Amélia fez a Laura o sacrifício de se expor para não comprometer o segredo da amiga. O sapateiro não a conhecia, nunca a tinha visto, recebia as encomendas por intermédio de um criado que pagava à vista. Foi fácil, portanto, enganá-lo.

Na ocasião em que as duas primas esperavam de carro na Rua da Quitanda, o criado vinha da casa do sapateiro, o qual, vexado com a pressa, esquecera as recomendações de fechar bem o embrulho.

As pretensões de Horácio vieram pouco depois enfraquecer a amizade das duas primas: já não se viam com tanta frequência; mas, apesar disso, Amélia continuou prestando o mesmo serviço a Laura, e essa, obrigada pela necessidade, teve de aceitá-lo.

As coisas iam por esse caminho quando aconteceu o baile do Azevedo.

Depois da primeira quadrilha, Amélia foi à penteadeira. Esta ficava em uma sala que dava para o jardim.

Aproximando-se de uma janela meio aberta, escondida pela sombra do cortinado da cama, a moça viu os dois amigos no momento em que eles vieram sentar-se no banco, justamente colocado por baixo da janela.

Amélia, encostada na janela, descobria os dois cavalheiros por entre a folhagem, e ouvia bem suas palavras.

Imóvel, mas agitada por emoções diversas, escutou ela a história do pé e a história do sorriso. Já os dois amigos se tinham afastado, e a moça permanecia no mesmo lugar, como se estivesse sem reação.

A narração de Horácio e as observações que fizera Leopoldo a esse respeito revelaram à moça uma coisa que já anteriormente se havia apresentado, embora de maneira vaga e confusa a seu espírito.

O que Horácio amava nela não era mais do que uma forma, um capricho, um sonho de sua imaginação adoentada. Ela compreendeu essa aberração dos sentidos em um homem gasto para o amor e saciado de prazeres. A mulher era para o leão uma coisa comum e vulgar, incapaz de produzir-lhe emoções fortes. Tinha-as admirado de todos os tipos e de todos os jeitos. Seu coração cansado precisava de alguma coisa nova, original e excêntrica.

Amélia compreendeu isto, não por análise, que seu espírito puro não poderia fazer, mas por uma intuição da alma.

Quando de novo encontrou Horácio no baile, suas maneiras eram as que sentia seu coração.

Tratou o leão de forma seca; mas logo se tornou amável; tivera uma ideia; quis provar o amor do noivo, antes de confiar seu destino a ele.

Foi na sua cama, durante a insônia, que ela recordou-se da história de Leopoldo e comparou seu amor ao de Horácio.

A Pata da Gazela

Repassando na mente as palavras comovidas do primeiro, pensando naquele sentimento tão longe das misérias humanas, tão da alma, Amélia sentia-se como livre dos desejos do sedutor.

Esse amor puro e imaterial era um novo nascimento para seu coração virgem.

A moça conheceu que o engano de Leopoldo vinha de uma ilusão da vista, no momento de entrar no carro com Laura; ilusão confirmada pela presença do criado na loja do sapateiro. Chegou a pensar que esse incidente que tinha revelado a alma nobre e generosa do jovem.

Veio-lhe a lembrança de sua primeira conversa na casa de D. Clementina. As palavras que então lhe pareceram incompreensíveis tinham agora um sentido. Compreendia toda a grandiosidade do coração que dizia com uma profunda certeza:

“Sinto-me capaz de amar o horrível, sinto-me capaz de nutrir uma dessas paixões sacrificadas! Oh! Sinto-me capaz de amar o anjo mesmo encarnado em um aleijão!”.

“Esse me ama realmente, e não a sua fantasia!”, disse a moça com tristeza.

No dia seguinte, depois de uma noite de insônia, preparou-se para receber Horácio e submetê-lo à prova. O Matos conservava um par das antigas botinas de Laura, o qual lhe servira de modelo. Amélia mandou buscá-lo; e encheu-o de algodão para acomodar nessa enormidade o seu gracioso pezinho.

O bordado do bastidor foi inventado. Procurando uma letra para indicar a pessoa a quem destinava o presente, sem perceber traçou um L. Era a inicial de Laura, que lhe veio à mente; ou era a lembrança de Leopoldo, que habitava ainda sua imaginação? Foram as duas coisas. Serviu-se da desculpa da amiga para evocar o nome do homem, que tão profundamente a amava.

Depois da cena na tarde do jantar, Amélia arrependeu-se. Receava ter ido longe demais; bastava matar a ilusão do jovem, não devia ter provocado o horror. Mas o amor de Leopoldo a tornara exigente; ela queria ser amada por Horácio da mesma forma, com toda aquela vontade.

Durante alguns dias, alimentou a esperança de conservar o amor do noivo e alegrava-se com a ideia da surpresa que lhe guardava.

A ausência do leão foi desfazendo a esperança dia a dia.

Travou-se então uma luta em seu espírito. Devia esquecer o homem que amava nela apenas a fantasia?

O tom de Horácio na última noite a irritou. Seu amor-próprio ficou indignado com o desprezo do moço, e uma súbita revelação de sua alma lhe advertiu que esse casamento causaria sua desgraça.

No dia seguinte ao do rompimento, Amélia foi, como havia dito na véspera, à casa de D. Clementina. Era a primeira vez que tornava a ver Leopoldo depois do baile.

Estiveram juntos alguns momentos. Como de costume Leopoldo falou, e a moça absorveu aquelas palavras apaixonadas como se fossem um perfume suave.

Em um momento de pausa, Amélia disse:

— O senhor passou por nossa casa na terça-feira?

— É verdade. Por que pergunta?

— Eu estava no jardim. Vi-o quando passava; pensei que ia entrar.

— Não me animei a fazer isso.

— Por quê?... Mamãe já lhe ofereceu nossa casa.

— Tenho medo de ser inoportuno.

— Estamos saindo pouco agora; a não ser nas noites que passamos aqui, estamos sempre sós; mamãe lendo, e eu tocando ou fazendo algum trabalho de lã.

— E ninguém mais?, perguntou Leopoldo, fitando na moça um olhar interrogador.

— Ninguém!, respondeu Amélia em tom grave.

Leopoldo ficou surpreso, buscando compreender o pensamento da moça. Era mágoa do bem perdido ou temor do mal frustrado o que assim lhe sombreara a fisionomia?

Mas o sorriso prazeroso iluminou o semblante da moça:

— Sabe, naquela noite do baile, me contaram uma história muito interessante, disse ela.

— Não se pode saber?

— O senhor pode. Foi a história de um sorriso, disse Amélia sublinhando a palavra com um gesto charmoso.

— Quem lhe contou? Foi ele?

— Foi o senhor.

— Eu?

— O senhor mesmo. Não se lembra?

— Quer brincar comigo?

— O senhor estava no jardim, conversando com seu amigo, e eu na janela da sala.

A Pata da Gazela

Leopoldo adivinhou.

— Então ouviu tudo?

— Tudo!...

— E me perdoou?

— Não; não tinha de quê, mas...

Seus belos olhos pousaram no semblante do moço.

— Mas compreendi!

Nesse momento, D. Leonor chamou Amélia.



## Capítulo XIX

Quando recuperou-se da surpresa, Horácio não achou em si mais do que o desejo forte e irresistível de possuir o ídolo por tanto tempo sonhado.

“Serão meus!”, murmurou consigo. “Serão meus de qualquer jeito. Se for necessário um escândalo, não vou hesitar. Mas Amélia não deve ter se esquecido de mim tão depressa; ela tinha sentimentos por mim. Vou pedir-lhe perdão de meu engano. Vou me sujeitar a todas as condições. Nenhum sacrifício é bastante para pagar a felicidade de beijar aqueles dois caprichos da natureza!”

Agindo com instinto, Horácio seguiu na direção da casa do Sales, com intenção de restabelecer as relações interrompidas. Ele não sabia de que modo ia fazer isso; confiava na inspiração do momento.

O negociante não estava mais no escritório; nesse dia se retirara mais cedo.

Desfeita sua esperança, o leão foi caminhando pela Rua Direita sem direção, como quem não sabe o que fazer. O instinto que guia o leão no deserto em direção às plantas onde ficam as gazelas o conduzia naturalmente para a Rua do Ouvidor.

Tinha chegado à esquina, quando passou defronte um moço, que seguiu pela calçada da Rua Direita. Horácio acompanhou-o

com a vista, querendo reconhecer nele seu amigo Leopoldo que havia cerca de um mês não via.

Se o moço era realmente Leopoldo, ele tinha sofrido grande transformação. Em vez do rapaz descuidado nas roupas, grosso em suas maneiras, sempre de cabelos arrepiados e barba por fazer, aparecia um homem de boa presença, com a elegância que tão bem se adéqua aos homens sérios. Essa espécie de elegância é apenas um ligeiro perfume, e não uma inscrição, como a que os moços da moda usam.

Com seu fino trato e longa experiência, Horácio, reconhecendo o amigo, adivinhou o segredo daquela súbita metamorfose. Ele sabia que só há uma mágica capaz de produzir tais encantos: é o olhar da mulher amada e amante.

Ame alguém e não saiba se é retribuído. Toda sua existência se projeta nesse impulso da alma, que se lança para outro ser e deseja mergulhar nele. Vive-se fora de si mesmo, estranho a seu próprio eu; como o peregrino perdido longe da pátria, o homem exilado de sua pessoa anda sem rumo no espaço, à procura de um abrigo.

Quando, porém, o homem tem certeza de ser amado, em vez de abrir-se, recolhe e concentra para se lambuzar de felicidade. Não esquece de si; ao contrário, sente-se elevado acima do que era; respeita em sua pessoa o homem amado.

Nessa ocasião é natural cada um observar-se constantemente e julgar a si mesmo com severidade. Surgem desejos estranhos; o fraco pensa ser um herói; o filósofo inveja a beleza do almofadinha; o espírito positivista, acostumado a voar junto da terra, bate o coto das asas para reconstruir o ideal da poesia.

Não é só no homem que age essa metamorfose: mas em toda a natureza. Quando os pássaros se enfeitam de sua mais bela plumagem, quando gorjeiam as melodias mais brilhantes, não é na quadra dos amores?

Vendo Leopoldo parado na calçada da rua, Horácio **dirigiu-se** com disfarce para aquela parte, com intenção de conversar e esclarecer todo o mistério. Foi trabalho perdido; o moço acabava de entrar em um carro, que rodava já pela Praça de Pedro II.

Desapontado, Horácio voltou pelo mesmo caminho.

“Amélia o ama!... Ou pelo menos ele o acredita!”

O leão sorriu.

“Que fenômeno curioso produz o despeito na mulher!”

É uma semelhança da luz refletida. Irritado pela decepção, humilhado em sua vaidade, o amor da mulher desprezada reflete como o raio do sol rebatido por um corpo brilhante e vai impregnar-se em outro homem. Ela acredita sentir por esse lesado uma paixão ardente, que nada mais é do que o impulso de seu despeito. Seria capaz de conceder a esse rapaz o que o amor mais terno e extremo recusaria. Ela acha que o impulso do ciúme é prova de afeto e confunde com os extremos do amor o delírio da vingança. Amélia está passando por esta crise naturalmente. Leopoldo foi o lesado; ela o ama com toda a força do ódio que tem por mim.”

Outro sorriso apareceu no lábio do leão.

“Ela me odeia! Ora!... O que é o ódio senão o amor que ferve? O afeto suave e terno é como o vinho português ou espanhol. O amor feroz e irado é como o champanhe que ferve e espuma.”

Chegando a sua casa, Horácio escreveu a Amélia uma carta, que apenas continha estas palavras:

“Deve estar satisfeita, pois me tem de novo a seus pés e desta vez humilde e suplicante. A melhor coroa do triunfo é o perdão.”

Quando o leão saiu para se distrair, dirigiu os passos para a casa do Sales; esperava encontrar algum criado que se encarregasse de entregar a carta. Quem sabe? Talvez nessa mesma ocasião se decidisse sua sorte. A moça permitiria que ele falasse com ela.

Era noite fechada; o céu, carregado de nuvens, anunciava um temporal próximo. A frente da casa do negociante estava escura; contudo, quem observasse bem perceberia pelos espaços entre as janelas um fraco reflexo de luz interior. No portão da chácara meio fechado, ninguém aparecia.

O leão penetrou no jardim. Nesse momento um carro parou à porta da casa: três pessoas saíram dele. Horácio, agitando-se, viu roupas de sacerdote em um deles. Só então o moço reparou no aspecto sombrio do edifício. Inquieto, aflito, adiantou-se pelo jardim na esperança de encontrar alguém a quem perguntasse.

As janelas laterais estavam esclarecidas; e, pelo jogo das sombras no quadro iluminado, conheceu o moço que comandava alguma agitação no interior.

Que fazer? Apresentar-se na casa, depois do que passara, e antes de qualquer explicação, não era razoável.



A dois passos ficava uma frondosa mangueira, em cujos galhos tinham fabricado uma espécie de mirante. Uma escadinha de caracol envolvendo o tronco da árvore conduzia ao alto.

O leão viu por acaso a mangueira e, subindo sem hesitar, achou-se justamente de frente para as janelas iluminadas. Num primeiro instante a súbita claridade ofuscou sua vista, e ele não pôde ver o que se passava no interior.

Mas, afinal, a perturbação dos olhos cedeu à perturbação da alma.

Ele via e duvidava.

Um altar erguido, velas acesas, o sacerdote realizando o ofício, Amélia e Leopoldo de joelhos, ao lado Sales, D. Leonor e dois amigos que serviam de testemunhas: este era o quadro que se ofereceu aos olhos de Horácio. Tinha visto na comédia da vida muitos lances dramáticos, mas nenhum tão imprevisto e curioso.

A surpresa do leão vinha de um engano seu. Ele acreditava que Amélia o tinha amado, quando a moça não sentira por ele mais do que o orgulho de ver admirador de seus encantos o rei da moda, o feliz conquistador dos salões.

Quem Amélia amou desde o princípio foi Leopoldo. A vaidade, a atenção que se nutre de futilidades a seduziam por momentos e a tinham colocado aos pés de Horácio. Mas, passado isso, sua alma sentia a atração irresistível que a levava para o seu caminho.

Passados dois meses na vida íntima da moça, ela própria não percebia; foi depois da cena do baile que ela voltou a si e compreendeu as inquietações escondidas de sua alma, e o drama que aí se agitava há muito tempo.

Leopoldo começara a **frequentar** a casa de Sales poucos dias depois da partida de D. Clementina. As duas almas, por tanto tempo separadas, só esperavam o momento de se unirem ou se penetrarem uma na outra. Às tardes, no jardim, entre cortinas de flores, elas celebravam esse místico casamento do amor, único eterno e que não se desfazia, porque se faz no seio do Criador.

Pelo voto de todos se apressou o dia do casamento, e os noivos exigiram se fizesse em segredo e sem prévio aviso. Só Amélia sabia a razão disso e nunca disse a ninguém. Era um cuidado de seu pudor: depois do que tinha acontecido, não queria que lhe dessem outra vez o título de noiva.

Terminada a cerimônia e feitas as felicitações de costume,

A Pata da Gazela

correram os minutos em agradável conversação.

Eram onze horas quando Leopoldo entrou no quarto em que sua noiva o esperava. Sentada em uma cadeira, Amélia sorriu para seu marido; porém, através das dobras do roupão, percebia-se o tremor involuntário que agitava seu lindo corpo.

— É meu presente!, ela disse com timidez.

E apresentou ao noivo um objeto enrolado em papel de seda, amarrado com fita azul.

Abrindo, Leopoldo achou dois belos chinelos de cetim branco, os mesmos que Amélia começara a bordar no dia seguinte ao baile.

O moço, sem saber o que fazer, não compreendia. Sem perceber seu olhar desceu até a borda do roupão. Sobre a almofada de veludo e entre os babados do roupão, apareciam as unhas rosadas de dois pezinhos divinos.

Uma onda vermelha se derramou pelo rosto da moça, cujos lábios pronunciaram com dificuldade uma palavra.

— Calce!

Leopoldo se ajoelhou aos pés da noiva.

O temporal, desabando nesse momento, bateu com violência nos vidros da janela, que se fechou.

Horácio desceu do seu observatório e, escalando a grade de ferro do jardim, se dirigiu a sua casa, onde chegou todo molhado. Enquanto esperava que seu criado lhe preparasse uma xícara de café, abriu um livro, que era o *La Fontaine*<sup>35</sup>.

Leu ao acaso: era a fábula do leão amoroso<sup>36</sup>.

“É verdade!”, murmurou, soltando uma fumaça de charuto. O leão deixou que lhe retirassem as garras; foi esmagado pela pata da gazela.

---

<sup>35</sup> Famoso escritor francês, autor de fábulas conhecidas.

<sup>36</sup> Uma das fábulas de *La Fontaine*, em que um leão faz todos os sacrifícios para se casar com um linda muher bela e jovem.